FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 11 DE JULHO DE 1968

ANO 48.º — NÚMERO 16365

Edição da noite

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA — TELEX 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A alemã Edith Baumann, que não logrou êxito na «corrida dos navegadores solitários», experimenta novos sapatos num supermercado do aeroporto de Orly, pouco antes de embarcar para Montreal, no Canadá

Tomou posse o novo governador-geral de Moçambique

Ler na última página

REUNIÃO ESTRATÉGICA DE ALTO NÍVEL NO VIETNAM DO SUL

WASHINGTON, 11 — (R. e F. P.) — O secretário da Defesa dos Estados Unidos, Clark Clifford, anunciou hoje que parte no sábado para o Vietnam a fim de assistir a uma reunião estratégica de alto nível a realizar em Saigão.

Clifford acrescentou que depois de conferenciar com os comandantes militares dos Estados Unidos e com os membros do Governo do Vietnam do Sul, ele e os membros da sua comitiva partirão para Honolulu para a anunciada conferência entre o presidente Johnson e o presidente sul-vietnamiano, Nguyen Van Thieu.

O secretário da Defesa anunciou também na conferência de Imprensa ter sido decidido no princípio deste mês ir para diante com a realização da construção dum novo supersubmarino extremamente rápido.

DEMITIDO O CHEFE DA COMISSÃO DE CENSURA DO VIETNAM O SUL

SAIGÃO, 11 — (R.) — O chefe da censura do Vietnam do Sul está a ser interrogado pela Polícia por autorizar a publicação de uma revista de estudantes apoiando a formação de um Governo de coligação com o Vietcong.

V. U. Khanh foi imediatamente demitido das suas funções de director da Comissão de Censura, apesar de, desde que foi levantada a censura à Imprensa, a Comissão ser, técnicamente, responsável apenas pelas publicações estrangeiras.

Clark Clifford parte no sábado para Saigão

Um informador do Ministério da Informação disse que todos os exemplares da revista «Sinh Vien» (estudantes) têm estado a ser apreendidos.

No Vietnam do Sul constitui também ofensa capital advogar o neutralismo ou o comunismo.

Um antigo membro do Governo — demitido há vinte dias por ser considerado favorável a conversações directas com a F. L. N. — afirmou hoje ter sido vítima de uma má interpretação.

O dr. Phan Quang Dan ter-se-ia manifestado favorável a conversações com a F. L. N. quando realizou uma visita aos Estados Unidos. Foi demitido quando ainda se encontrava no estrangeiro e, quando regressou, foi interrogado pela Polícia.

CLARK CLIFFORD

A U. R. S. S. MANTÉM TROPAS NA CHECOSLOVÁQUIA CONTRA A VONTADE DO GOVERNO DE PRAGA

VIENA, 11 — (R.) — Um oficial do estado-maior do Exército checoslovaco confirmou hoje que os comandantes soviéticos mantinham algumas das suas tropas na Checoslováquia contra a vontade das autoridades de Praga.

O tenente-coronel Frantisek Kudrna, secretário de Imprensa do Ministério da Defesa Nacional declarou esta manhã em Bratislava ao diário checoslovaco «Lud»: «O ministério da Defesa Nacional espera que as tropas soviéticas retirem brevemente. O marechal soviético I. I. Yakubovsky, comandante chefe das forças armadas aliadas, ainda não deu ordens para retirar».

Porém, o tenente-coronel Kudrna acrescentou que o numero de soldados soviéticos que ficaram era de «centenas» e não milhares como tinha sido noticiado anteriormente. Além disso, revelou que têm aparecido na Checoslováquia panfletos atacando a União Soviética. Isto, disse, era um dos motivos que levara o marechal Yakubovsky a não retirar todas as tropas.

A «PRAVDA» CRITICA OS LIBERAIS CHECOSLOVACOS

MOSCOVO 11 — (R.) — A «Pravda» acusa hoje os liberais checoslovacos de serem contra-revolucionários que se servem de tácticas semelhantes ás utilizadas durante a revolta da Hungria, há doze anos e que foi esmagada pela União Soviética.

O jornal diz que o povo da União Soviética e de outros países comunistas está profundamente preocupado com a «situação instável» na Checoslováquia.

Porém, parece pôr de parte (de momento), a intervenção soviética na Checoslováquia, expressando confiança em que aquele país possa «dar uma severa lição ás forças reaccionárias e anti-socialistas».

OS AMERICANOS GASTAM SEIS VEZES MAIS ENERGIA QUE OS RESTANTES POVOS

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 11 — (A. N. I.) — Em 1966, os Estados Unidos consumiram mais de dois terços do gás natural do mundo, um terço dos combustíveis derivados do petróleo, um terço da electricidade e quase um quinto do carvão e lenhite.

De acordo com estatísticas da O. N. U., os Estados Unidos produzem quase 31 por cento dos combustíveis e da energia eléctrica mundiais, mas consomem mais de 34 por cento.

Por outro lado, os norte-americanos gastam seis vezes mais energia por cada homem, mulher e criança. O seu consumo de gasolina corresponde a dez vezes mais do que a média mundial «per capita».

Embora não produzam o bastante para fazer face ao seu consumo, os Estados Unidos são produtores de uma grande percentagem dos combustíveis mundiais: carvão e lenhite (21 por cento), derivados do petróleo (26 por cento), gás natural (64 por cento) e energia eléctrica (20 por cento).

FÉRIAS EM PORTUGAL

A ILHA DA MADEIRA A POUCAS HORAS DE LISBOA

Vem aí o sorteio de «Férias em Portugal», com a sua longa sucessão de prémios para todos os gostos e todos os roteiros mais ou menos estivais. A data será pròximamente anunciada. Para falar verdade, mesmo muito pròximamente... Aliás plano esse onde tudo foi sendo escrupulosamente considerado dentro dos limites

HOJE — 32 PÁGINAS | VISADO PELA CENSURA

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

TOCAM-SE OS SINOS A REBATE

Talvez não seja o fogo o pior de tudo: ver arder as matas, ver até os bombeiros acabarem por cruzar os braços por não correr água nas mangueiras. Pior que tudo isso, se nos dão licença, é que tudo isso possa acontecer apenas por inadvertência de alguém, inadvertência, descuído ou desatenção. E a verdade é que pode, a verdade é que acontece, dizem-no os peritos: gente desavisada que se embrenha descuidadamente pelas matas, a fruir os perfumes da brandura vegetal que faz chão, parede e tecto, na opulência em que a natureza se oferece como espectáculo, gente que julga ou sente ou age como se o Mundo fosse apenas seu, que ali vive algumas felizes horas da sua vida, esquecendo o resto, esquecendo o que fica para trás e ignorando o que há-de estar para a frente. E depois mais nada, na hora da retirada, seja o que Deus quiser, ficam os resíduos e os despojos, os papéis, os restos de comida, ameaçadores e agressivos cacos de garrafas, mil ciladas de desleixo e nelas até o fogo. O apuramento feito pelos bombeiros sobre a origem dos fogos nas matas vem dizer-nos que muitos deles nascem destes criminosos descuidos, o cigarro lançado irresponsàvelmente ao capricho do vento, o lume que se fez para aquecer ou acabar o fabrico de alguma refeição. O incrível existe, está aí à vista de quem quer, está à vista mesmo que não se acredite. Quem foi? Quem é? Eu, tu, ele, nós, vós, eles não temos maneira de fugir à nossa própria culpa: falta de educação, falta de sentido cívico, falta de respeito pelo próximo, pelo trabalho alheio, pelo que é de todos, que existe para gozo de todos, dádiva que se não esgota a não ser por um destes lances de infortúnio a que apetece acrescentar o qualificativo de criminoso. Mas a culpa não é só do irresponsável que deixa o fogo, mas também de nós todos, os responsáveis, que não lhe desvendamos os olhos pávidos para o horizonte da responsabilidade.

Se o Egipto possuir mísseis de longo alcance Israel destrui-los-á

– declarou o comandante da Aviação israelita

TELAVIVE, 11 — (A. N. I.) — «Duvido que o Egipto possua mísseis de longo alcance, mas se assim acontecer, a resposta de Israel é ir lá e destruí-los antes que alguém ouse lançá-los» — declarou o comandante da Força Aérea israelita, general Mordecai Hod, numa entrevista para a Rádio.

Segundo o general, a Força Aérea do seu país tem poder suficiente para enfrentar a aviação egípcia, pois não é a disparidade numérica mas sim a eficiência o que mais conta.

O comandante israelita disse que não espera encontrar novamente o mesmo tipo de pilotos inimigos da «guerra dos seis dias», do ano passado, e acentuou: «Mesmo que os pilotos egípcios sejam agora melhores, esse facto não me preocupa enquanto Israel continuar a ser superior na qualidade dos seus soldados».

O general Hod revelou que o último fornecimento de mísseis «Hawk» vindo dos Estados Unidos foi o resultado de longas negociações tendo em vista as necessidades gerais de defesa do país, não substituindo os pedidos de Israel para obter caças a jacto «Phantom».

DR. ULISSES CORTEZ

Em viagem de carácter particular, seguiu esta manhã para Londres, acompanhado da esposa, o sr. dr. Ulisses Cortez, ministro das Finanças.

No aeroporto estiveram a apresentar-lhe cumprimentos diversas individualidades e amigos.

SERVIÇO MILITAR

O «Diário do Governo» hoje distribuido publica o texto da nova lei do serviço militar.

Almoço tauromáquico

No restaurante «O Guizo», da Praça de Touros da Cascais, foi hoje oferecido pelos srs. Manuel e Mário Vinhas e empresário José Guerra, um almoço, após o qual foram apreciados os touros que serão lidados na corrida do próximo dia 14, naquela praça.

Estiveram presentes o presidente do Município de Cascais, sr. eng. Azevedo Coutinho, o provedor da Misericórdia, sr. Armando Vilar, e, pela Junta de Turismo, o sr. dr. Costa Matos, em representação do sr. Serra e Moura, presidente da Junta, além dos representantes dos órgãos de Informação e de críticos tauromáquicos, que apreciaram a boa apresentação dos touros.

FÉRIAS EM PORTUGAL

(Continuação da página anterior)

temos um plano a cumprir, que a cada pormenor atribuímos. Chamemos a esta prática, por exemplo, estruturação.

Um concurso como «Férias em Portugal» não podia alhear-se da diversidade de apetites dos nossos leitores. Assim, previsto o aliciante extra que, constituiriam umas férias ultramarinas (15 dias em Lourenço Marques, outro tanto em Luanda), seria falta de lógica — pior ainda, falta de justiça! — deixar no esquecimento um centro turístico como a ilha da Madeira.

Algumas pessoas não sabem (e deviam saber) que a Madeira está a escassas horas de Lisboa, ligada por via aérea ou marítima. Talvez já tenha sido uma aventura abordar o Funchal, o pitoresco da Câmara de Lobos, a beleza abrupta dos Caniços ou de Porto Moniz. Hoje não. Porque nem sequer é dispendioso.

Região prioritária do nosso turismo, a Madeira tornou-se um postal de férias para viajantes de todo o mundo. Ali se encontram excelentes serviços hoteleiros, ementas privilegiadas, circuitos nocturnos cosmopolitas, «barmen» de estilo inglês. Saindo do Funchal, a riqueza paisagística assume aspectos de grandeza quase indescritível. É uma terra intensamente bela.

«Férias em Portugal» proporcionará a um leitor do «Diário de Lisboa» esse conhecimento fora-de-série, essa descoberta fundamental. Mais: o leitor premiado poderá levar consigo um acompanhante, de família ou não. A estadia para duas pessoas é na modalidade «t. i.» (tudo incluído).

O transporte Lisboa-Funchal-Lisboa foi a seu tempo assegurado pela TAP. De resto, a nossa companhia aérea colabora de forma decisiva numa iniciativa de largo alcance, contribuindo para que «Férias em Portugal» tenha a projecção que mereceu desde a primeira hora.

Ir á Madeira, repetimos, já não é uma aventura. Mas pode ser novidade. É-o certamente para muitos leitores, cujas colecções esperam um pequeno golpe de sorte, uma conjunção numérica capaz de revolucionar por quinze dias as suas férias. Não, ainda não se conhece o feliz possuidor desse numero, e o próprio numero é uma incógnita. Tudo sairá á luz do dia dentro de muito pouco tempo.

De qualquer modo, a hipótese Funchal mantém-se de pé para além do nosso concurso. Pense nisso, leitor. A Madeira está ao seu alcance. Não é preciso ser milionário para visitar esta ilha belíssima.

Basta, em muitos casos, uma simples decisão. Pense nisso: «as minhas próximas férias talvez sejam na Madeira.» Um *slogan*? Não, um conselho.

REJEITADOS EM LISBOA

(NO PERÍODO DE UM MÊS)

MAIS DE 500 QUILOS DE CARNE

A actividade dos Serviços Médico-Veterinários de Inspecção Sanitária da Câmara Municipal de Lisboa, exercida nos respectivos departamentos e na doca de pesca de Pedrouços, durante o mês de Maio, com produtos inspeccionados nos respectivos postos de concentração, mercados e outros estabelecimentos da cidade, foi a seguinte: aprovados — carnes e produtos derivados 1 337 935 quilos; peixe e marisco: 5 662 600; ovos: 437 170; lacticínios: 238 435 e criação e caça. 192 618 peças. Foram rejeitados — carnes e produtos derivados, 563 quilos; peixe e marisco, 383 768; ovos 4935; diversos, 11, e criação e caça, 750 peças.

Fizeram-se 60 vistorias a estabelecimentos e outros locais de venda, preparação, fabrico e depósito de produtos alimentares para efeito de abertura, licenciamento e execução de obras; 1946 a mercados e outros estabelecimentos para fiscalização e inspecção sanitária de produtos alimentares; 12 a estabelecimentos pela fiscalização móvel com apreensão de produtos e 6 apreensões de produtos transportados em veículos

No matadouro-frigorífico o movimento traduziu-se pela seguinte actividade: 40 580 reses abatidas das espécies bovina adulta e adolescente, suína, ovina, caprina e equídeo, com 1 094 922,5 quilos, sendo aprovadas para consumo 40 510 cabeças, com 1 089 508 quilos; rejeitadas totalmente, 70 cabeças com 4235 quilos, e parcialmente 1179 quilos.

A actividade da Central Pasteurizadora de Leite ficou assim assinalada: leite pasteurizado consumido em garrafas de 1 litro, 2 353 690; em garrafas de 1/2 litro, 885 140; em garrafas de 1/4 de litro, 175 055,5 e em bilhas, 426 665.

Foram visitados 486 estabelecimentos de revenda, venda e consumo.

MOTONÁUTICA EM OEIRAS

Na praia do Marquês, junto ao Motel Continental de Oeiras, realizam-se, neste fim-de-semana, diversas provas de motonáutica com o patrocínio da Federação da modalidade.

Haverá provas de velocidade para as classes ET e EU, iniciados e de resistência, esta última aberta a todos os concorrentes.

«Diário de Lisboa»

Da Junta de Freguesia de S. Pedro de Penaferrim de Sintra recebemos um ofício de agradecimento pela crónica, recentemente publicada no «Diário de Lisboa», sobre a feira que recentemente ocorreu naquela localidade.

— Assinado pelo provedor da Casa Pia de Lisboa, recebemos um ofício em que se agradece o relevo dado pelo «Diário de Lisboa» ao noticiário referente ao 188.º aniversário da instituição.

B. V. da Amadora

No domingo, ás 11 horas, será conferida posse ao novo ajudante do comando do corpo activo da Associação dos Bombeiros Voluntários da Amadora, sr. Edmundo Rodrigues. Durante a cerimónia, serão condecorados vários elementos da corporação.

Almirante Sarmento Rodrigues

Partiu hoje de avião para Zurique, via Madrid, o sr. almirante Sarmento Rodrigues, que vai participar numa reunião do Instituto de Estudos Políticos do Liechtenstein e na qual tomam parte outras destacadas personalidades da Europa e da América.

AO COMÉRCIO

A CORPORAÇÃO DO COMÉRCIO chama a atenção dos Comerciantes, que em 23 de Fevereiro de 1968, data da publicação do Decreto-Lei n.º 48 261, já exerciam a actividade, que devem requerer o seu certificado de Comerciante até 23 de Agosto próximo, nos termos do art.º 14.º, do referido Decreto-Lei.

Depois desta data todos os requerimentos solicitando o mesmo certificado terão de obedecer ao regime estabelecido para os novos comerciantes.

GAZCIDLA no seu bairro

CAMPOLIDE

o Stand GAZCIDLA

é na Rua de Campolide, 94 C Telef. 681744

No Stand Gazcidla do seu bairro você pode fazer os seus contratos requisitar a bilha Gazcidla pedir a deslocação rápida a sua casa do Assistente Técnico liquidar os seus débitos e comprar todo o material de queima de que precisa!

GAZCIDLA

uma chama viva onde quer que viva

Militares da Força Aérea condecorados

Por serviços prestados, sobretudo em campanha no Ultramar, foram condecorados os seguintes militares da Força Aérea: com a medalha da cruz de guerra de 1.ª classe, capitães pilotos aviadores António Santiago Costa Andrade e António de Figueiredo Rodrigues e capitão pára-quedista Nuno António Bravo Mira Vaz; com a medalha da cruz de guerra de 2.ª classe, tenente piloto aviador João Carlos Pires de Aguiar e Silva, alferes miliciano piloto aviador Hélder Mendes Ferreira e furriel pára-quedista Alberto Ferreira Antunes; com a medalha da cruz de guerra de 3.ª classe, furriéis pára-quedistas Manuel Joaquim da Rocha Cruz e José dos Santos Pires; com a medalha de prata de serviços distintos, com palma, tenente-coronel piloto aviador Rui Eduardo Sacras Bandeira Soares de Carvalho, e com a medalha de cobre de serviços distintos, com palma, sargento-ajudante piloto João Manuel Gonçalves Roda.

RECTÂNGULOS DA VIDA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

A CIDADE

Havia ali um grande silêncio antigo onde a actualidade não conseguia penetrar. Era como se uma grande, espessa redoma isolasse aquele campo revolvido. Os carros passavam perto, na estrada, mas o ruído que faziam não atravessava o vidro que não havia, ficava lá adiante, noutro mundo. A poucos metros de nós, o homemzinho ressequido do sol ou do tempo, esquecera a beata no lábio inferior, porque também estava, talvez estivesse, longe de si próprio. Era possível que não compreendesse, muito simplesmente, o que estava ali a fazer, dias e dias sòzinho, qual a sua utilidade na engrenagem. E nós, compreenderemos nós o que andamos a fazer nesta vida? Porque fazemos isto e não aquilo? Porque nascemos aqui e não além?

O homem pois, na minha frente, sentado agora, com a profissão de estar sòzinho a guardar montes e montes de terra peneirada e por peneirar, e dizer o seu eterno pequeno monólogo aprendido de cor, sabe Deus com que dificuldade, e que tem o preço não exigido mas sempre bem-vindo de uma moeda das boas, das que correm, não daquelas, ali, de vez em quando, na terra. Antes de se sentar falara pois, apontara lá para diante enquanto falava. Lá para diante onde se avistavam umas magras colunas que pareciam lívidos troncos mortos.

Era um silêncio diferente, aquele. Um silêncio pesado, velho e cheio de dignidade. **Eles** tinham por ali passado, eles, os civilizados civilizadores de então. Eles tinham deixado moedas esquecidas, pedras quebradas pelo tempo ou pelas enxadas dos homens vindos depois. Um simples caco de vaso, a orelha de uma estátua perdida, tudo era precioso, como poderia compreendê-lo aquele velho camponês reformado de cavar a terra dos outros, terra-mãe ou madrasta conforme as épocas, mas nunca terra-museu até então.

«Que lhe parece, isto?»

«Isto?»

«Isto.»

Era um homem velho e calado. Depois do seu pequeno monólogo, preferia olhar para além de tudo, até de nós que ali estávamos. Um vago gesto largo, em todo o caso. «Dizem que é importante. Antigo. Os Romanos...»

O que seriam para ele os Romanos?

«...Estiveram para aí um tempo, mas nós, os Portugueses, corremos com eles.»

Os Portugueses, hã? Voltei-me, foi quando ele se sentou. Dei mais uns passos, procurando emoção. Limitei-me a ouvir durante algum tempo, a ouvir, sim, o pesado silêncio da cidade abandonada e ainda soterrada, em pleno sul ardente.

Ora diga-nos...

— Lê mais no Verão ou no Inverno?

Para as pessoas cuja profissão ou preocupações culturais não obrigam a íntimo convívio com os livros, a leitura tem as suas horas próprias, tal como a «bica» ou a praia. Alguns lêem mais no Inverno, e outros, no Verão; há quem prefira ler durante o dia e goste mais de ler á noite. Enfim, pode dizer-se que a leitura tem horas próprias. Isto, no caso dos que lêem, porque há muita gente que não lê.

● *O polidor de móveis Joaquim José Covas abriu perspectivas muito optimistas ao repórter:*

— Leio durante todo o ano, talvez um pouco mais no Inverno, á noite. Porquê? No Verão, tenho menos tempo, é preciso passear. Mas também leio muito, sobretudo na praia. Ainda no domingo, li um livro na praia.

— Que leituras prefere?

— Livros e jornais. À noite, leio sempre o jornal. Moro em casa de um cunhado meu que o compra sempre e aproveito para ler, quando a televisão não interessa... Gosto também muito de livros de *cow-boys*, mas leio tudo o que vem á mão.

● *A sr.ª D. Alda Moutinho, cabeleireira («com fotografia, não»), respondeu:*

— Quase a mesma coisa, mas sensìvelmente mais no Inverno do que no Verão. Durante o Inverno, está-se mais em casa e eu leio sobretudo á noite.

— Que leituras prefere?

— Mais revistas. Livros, pouco.

● *De opinião diferente é Mário José da Silva Coelho Cordeiro, estudante («chumbei no quarto ano e, agora, estou como paquete num escritório, mas para o ano volto a estudar»), que afirmou:*

— Leio mais no Verão.

— ?!

— Talvez porque tenho mais tempo livre que aproveito para ler. Quando vou para a praia, por exemplo, leio sempre. No Inverno, leio também, mas não tanto.

— Que leituras prefere?

— Livros, sobretudo. Ando agora a ler um livro de guerra, onde um soldado alemão que esteve na frente russa conta a vida que levavam...

AS FESTAS DA RAINHA SANTA

ESTÃO A ATRAIR MULTIDÕES DE FORASTEIROS E TURISTAS

COIMBRA, 11

Desde ontem á noite que a cidade começou a ter maior movimento com a chegada constante de forasteiros e de muitos turistas de diversos países; e nota-se, ao mesmo tempo grande animação nos «cafés» e esplanadas.

Esta manhã, as festas foram anunciadas com girândolas de foguetes e bandas de música percorrendo as ruas principais. e chegaram mais forasteiros, havendo grande movimento na estação dos caminhos-de-ferro e nos locais onde param as camionetas das carreiras. A meio da tarde, o movimento tornou-se mais intenso, pois a principal manifestação do programa é a procissão desta noite.

No Parque Dr. Manuel Braga, foi inaugurada a Exposição Industrial e Comercial, que ocupa uma larga faixa na alameda marginal; e na Secção da Escola Industrial e Comercial Brotero, foi também aberta uma exposição com o título «Gente do Mar em Coimbra», com trabalhos dedicados ao mar pelos alunos daquele estabelecimento de ensino.

De tarde serão, também, inauguradas as exposições «Marinha de Guerra Portuguesa», na União de Grémios dos Lojistas, e «Artistas de Coimbra», no Pavilhão de Turismo.

Como se diz, a procissão é o grande número do dia de hoje. É de penitência e nela só tomam parte os irmãos da Confraria da Rainha Santa, que acompanham a veneranda imagem até á igreja da Graça. A procissão sairá do templo ás 21 horas e deve chegar ao Largo da Portagem ás 23. E será, então, o momento mais emocionante. Toda a iluminação da cidade será apagada e um silêncio impressionante cairá no Largo da Portagem, onde só a imagem ficará iluminada. Depois da saudação, será queimado um monumental *bouquet* de fogo de artifício, e a cidade voltará depois a ser iluminada.

Alterações no trânsito de Lisboa

Por determinação da Camara Municipal de Lisboa, a partir de hoje, a Rua Serpa Pinto ficou com um sentido unico Sul-Norte, entre a Rua Vítor Cordon e a Rua Capelo. Por sua vez a Rua Capelo passou a ter sentido unico Poente-Nascente, entre as ruas Serpa Pinto e Ivens.

Quanto a esta última, foi também determinada a circulação em sentido único, de Sul para Norte, isto é, quem rodar no Chiado não pode entrar directamente na Rua Ivens.

Aspecto da Rua Ivens quando era ali colocada a placa de proibição de circular, no sentido Norte-Sul

CARTA ESCOLAR DO ENSINO SECUNDÁRIO

Ao abrigo do programa da assistência técnica da O. C. D. E. para 1968, encontra-se em Lisboa o dr. Alain Becker, consultor daquela organização internacional, a fim de realizar uma missão junto do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa do Ministério da Educação Nacional, sobre a elaboração da Carta Escolar do Ensino Secundário. Nesta sua missão, o dr. Alain Becker tomará em consideração os resultados dos estudos de regionalização já efetuados no âmbito da segunda fase do Projecto Regional do Mediterrâneo.

O dr. Alain Becker, licenciado em História e Geologia e doutorado em Geografia, participou já, como bolseiro e consultor da O.C.D.E., em importantes trabalhos de ordem científica, económica e social, levados a cabo na Grécia, nomeadamente na elaboração da Carta Escolar do Epiro; no relatório sobre o Noroeste grego, em colaboração com o Comissariado do Plano do Ministério da Coordenação daquele país, bem como no Atlas regional para a planificação económica e social do território. Em França, trabalhou na planificação de espaços não rentáveis, junto do «Institut d'Aménagement e d'Urbanisme de lá Région Parisienne».

Actividade cultural dos «Amigos de Lisboa»

No domingo, ás 15 horas, o Grupo «Amigos de Lisboa» promove uma visita de estudo á igreja da Memória, junto á Calçada do Galvão.

ESTAÇÃO POSTAL FLUTUANTE (ÚNICO NO MUNDO) AO LARGO DOS AÇORES

ANGRA DO HEROISMO, 11. — (L.) — É um facto a primeira estação postal flutuante do mundo, ao largo de Angra do Heroísmo.

Há dias, mais um navio utilizou os serviços de uma pequena lancha para fazer expedir o correio de passageiros e tripulantes. Foi, desta vez, o navio alemão «Weissenburg», de 2818 toneladas que, avistando uma embarcação do «Terra Alta», estacionada perto dos Ilhéus das Cabras, abrandou a marcha e aproximou-se dela, descendo uma jangada onde se transportava a mala do correio.

Solícitos, os homens do «Terra Alta» selaram a correspondência e deram-lhe o devido destino.

A propósito, o jornal «A União» escreve:

«Parece-nos oportuno repetir a conveniência de se oferecer ás grandes companhias de navegação com rotas pelos Açores os serviços de uma embarcação fora do porto de Angra, que receberia o correio e o encaminharia nos C. T. T., uma vez prevenida antecipadamente do dia e hora aproximada da passagem do navio por aqui. Já se sabe quanto é grato enviar notícias, um postal que seja, no decurso de uma longa viagem. Seria talvez a unica estação flutuante do mundo, no género, e constituiria um poderoso meio de propaganda da Ilha Terceira e do arquipélago».

Um novo hotel de 354 quartos vai ser construído no centro de Lisboa

Entre o Marquês de Pombal e o Saldanha, no local onde existiu o Aviz, vai ser construído um grande hotel que ocupará o bloco B, frente ao eixo da Avenida 5 de Outubro.

A compra do lote de terreno, integrado no conjunto Aviz foi já sinalizada por um grupo de portugueses e americanos, estes ligados a uma cadeia de hoteis dispersos por todo o Mundo.

O futuro hotel virá a ter a categoria de 1.ª A, dispondo de 354 quartos e um restaurante panorâmico no ultimo piso, com situação dominante sobre toda a cidade e sobre o Tejo.

As negociações simultâneamente decorrem em Nova York e em Lisboa, rodeadas do maior segredo e há largos meses, razão porque a empresa proprietária não chegou a pôr á venda qualquer fracção referente áquele lote.

Julga-se que o futuro hotel terá uma ampla sala de espectáculos com quatrocentos lugares, não só para os seus hóspedes, como para o público em geral. Estará concluido dentro de dois anos.

O anteprojecto para a obtenção da classificação de utilidade turística foi oportunamente entregue no Secretariado Nacional de Informação.

O respectivo projecto de alterações, porquanto aquele bloco estava, como se sabe, destinado á venda em propriedade horizontal, deu já entrada nos serviços da Câmara Municipal de Lisboa.

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

● *Após uma larga digressão pela província com a peça «Ó que delícia a morte», o actor Raul Solnado deve regressar em Outubro ao seu Teatro Villaret.*

● *É muito provável que ainda este ano venha a ser apresentada no Variedades uma revista da autoria de Aníbal Nazaré e João Nobre.*

AS ESTREIAS DE HOJE

No «Estúdio»

Título em português — «A Balada de Naraiama».
Produção — Japonesa.
Realização — Keisuke Kinoshita
Género — Romance.
Distribuição — Rivus.
Processo — Colorido.
Classificação — 17 anos

No São Jorge

Título em português — «Vida solitária».
Título original — «The Whisperers».
Produção — Inglesa.
Realização — Bryan Forbes.
Intérpretes — Edith Evans e Eric Partman.
Género — Romance.
Ditribuição — Rank Filmes.
Classificação — 17 anos.

«A FLOR DO CACTO» NA PROVÍNCIA

«A Flor do Cacto», com um ano consecutivo de representações, prossegue a segunda fase de «tournée» pelo País, representando-se hoje em Estremoz, no Teatro Bernardino Ribeiro; amanhã no Cine-Teatro Santo António, em Faro. Ainda este mês voltará a Lisboa, para inauguração do novo Teatro Laura Alves

São responsáveis pela excelente interpretação Laura Alves, Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Ângela Ribeiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa.

estúdio

e Espectáculos RIVUS têm o prazer de anunciar

HOJE-ESTREIA às 21.45 de

A BALADA DE NARAIAMA

a obra-prima de Keisuke Kinoshita (Grande Prémio do Festival de Cork), que é o espelho poético e da mais alta expressão artística de uma época em que o homem japonês vivia ainda sem conhecer a superioridade da sua condição humana.

Quando os portugueses chegaram ao Japão, no século XVI, o que é hoje um dos povos mais civilizados mantinha regras e costumes velhos de milénios!

Pela sua beleza e perfeição, recomenda-se este filme a todos os apreciadores de Bom Cinema.

Adultos

UM GRANDE FILME DE CHRISTIAN JAQUE

DOIS BILHETES PARA O MEXICO

(DEAD RUN)

UMA GRANDE AVENTURA MODERNA... MISTERIOSA... EXCITANTE... PLENA DE IMPREVISTO E «SUSPENSE»

EASTMANCOLOR

O PRIMEIRO FILME DA DISCUTIDA E BELA PRINCESA IRA DE 'FURSTENBERG
PETER LAWFORD ● GEORGES GERET
MARIA GRACIA BUCELLA

ESTREIA DE GRANDE EXPECTATIVA

AMANHÃ

FILMES LUSOMUNDO

(M. 17 anos)

ROMA

NA FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

CONTAM-SE DIÀRIAMENTE POR MILHARES, AS PESSOAS QUE ALI VÃO PROCURAR O SEU MAIS AGRADÁVEL DIVERTIMENTO

GRANDIOSOS PAVILHÕES E LINDOS STANDS DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA

CONJUNTO ADMIRÁVEL DE ATRACÇÕES E DIVERSÕES

ALEGRIA, BOA DISPOSIÇÃO E BEM-ESTAR

POR QUINZE TOSTÕES

ABERTURA ÀS 19 HORAS

C.M.L.

ESTUFA FRIA

AMANHÃ, ÀS 21.45 HORAS

II FESTIVAL DE MÚSICA PORTUGUESA

CONCERTO SINFÓNICO COM A ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

direcção do maestro FREDERICO DE FREITAS

flautista CARLOS FRANCO

Distribuição de bilhetes:

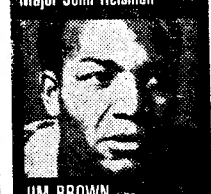
Restauradores, das 10 às 20 h.
Estufa Fria, depois das 21.15 h.

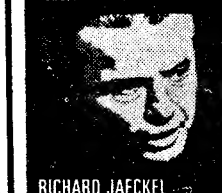
M/ 12 anos

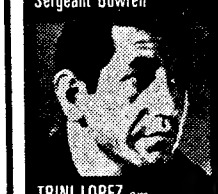
INICIANDO AGORA A SUA FABULOSA CARREIRA NA ZONA DA BAIXA

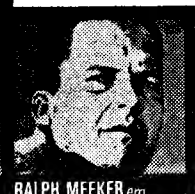
HOJE NO POLITEAMA

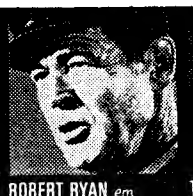
LEE MARVIN em Major John Reisman

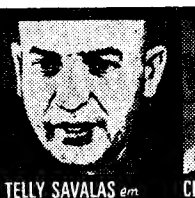

JIM BROWN em Robert Jefferson

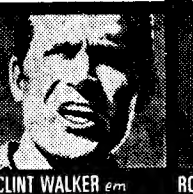

RICHARD JAECKEL em Sergeant Bowren


TRINI LOPEZ em Pedro Jiminez


RALPH MEEKER em Captain Stuart Kinder


ROBERT RYAN em Colonel Breed


TELLY SAVALAS em Archer Maggott

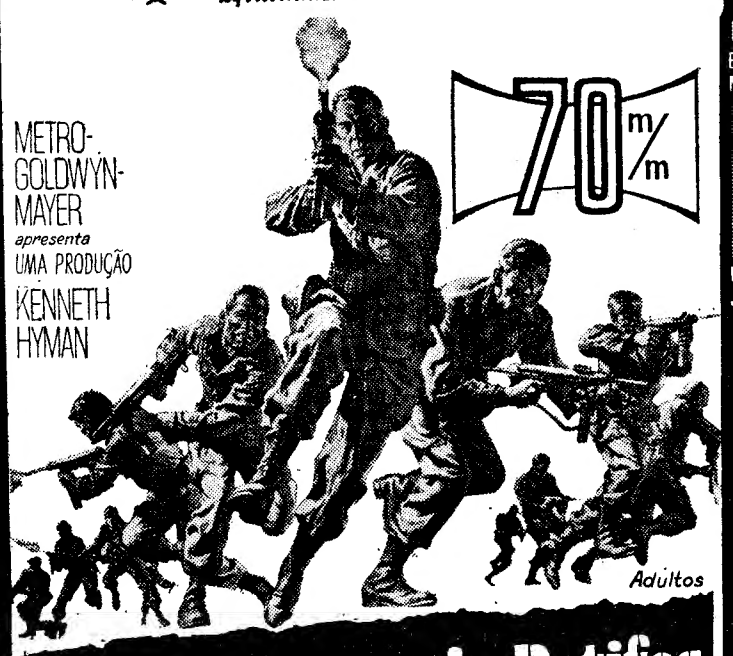

CLINT WALKER em Samson Posey

ROBERT WEBBER em General Denton

FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

METRO-GOLDWYN-MAYER apresenta UMA PRODUÇÃO KENNETH HYMAN

70 m/m

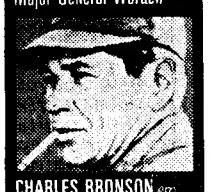


Adultos

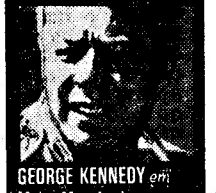
Doze Indomáveis Patifes

(THE DIRTY DOZEN)

ERNEST BORGNINE em Major General Worden


CHARLES BRONSON em Joseph Wladislaw

JOHN CASSAVETES em Victor Franko


GEORGE KENNEDY em Major Max Armbruster

Com LEE MARVIN, ERNEST BORGNINE, CHARLES BRONSON, JIM BROWN, JOHN CASSAVETES, RICHARD JAECKEL, GEORGE KENNEDY, TRINI LOPEZ, RALPH MEEKER, ROBERT RYAN, TELLY SAVALAS, CLINT WALKER, ROBERT WEBBER

Argum. de NUNNALLY JOHNSON . LUKAS HELLER Bas. na novela de E.M. NATHANSON Produção de KENNETH HYMAN Uma obra-prima de ROBERT ALDRICH

METROCOLOR MGM

COM TODA A RESPONSABILIDADE LHE AFIRMAMOS:

NUNCA VIU NADA SEMELHANTE.

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

MISSÃO IMPOSSÍVEL — ESTRADA DO ÊXITO —

Cinco dias são passados desde que a televisão portuguesa nos ofereceu, pela última vez, um episódio da «Missão Impossível». Passava-se ele, como devem estar lembrados, na Alemanha Oriental, já não me lembro bem, não sei quê um tal Belzig que desejava constituir um partido neonazi e para isso assaltava os transeuntes...

Eis que, tão pouco tempo depois, a «Missão Impossível» regressa aos nossos televisores, o que parece querer significar uma evidente penúria de material. Não tarda que entremos pela tradicional via das reposições. Preparem-se para assistir outra vez ao «Frei Luís de Sousa...»

Ora bem.no episódio ontem transmitido, a acção passa-se na República «Santales», da América Latina, por certo não incluída no orçamento da «Aliança para o progresso», visto que se viu na triste necessidade de vender o tesouro dos Incas. Busquei em todos os arquivos qualquer informação sobre aquela República mas num encontrei. Adiante. São promenores que nã interessam, é mais república, menos república...

Não pensem que lhes vou contar aqui, desenvolvidamente, a história da «missão» intoleirada «Através do deserto». Mas não quero deixar de protestar (para com os meus botões, claríssimo) contra

(Continua na página seguinte)

VIDA MUSICAL

Concerto na Estufa Fria

Com entradas gratuitas, cuja distribuição se faz na bilheteira dos Restauradores das 18 ás 20 horas, decorre esta noite, com início ás 21 e 45, na Estufa Fria, mais um concerto pela Orquestra Sinfónica de Lisboa sob a direcção do maestro Fernando Cabral. Participa na audição a solista Isabel Manso executando com o conjunto o «Concerto n.º 27, em si bemol», de Mozart. O programa, como todos os de iniciativa municipal, compreende uma peça portuguesa, «Il Duca di Foix», abertura da ópera, de Marcos Portugal. Serão ainda executadas «Redenção», poema sinfónico, de Cesar Frank; «Devaneio», de Scriabine, e «Finlândia», poema sinfónico, de Sibelius.

HOJE PODE VER...

● **Ás 21 e 55: Teatro**

A R. T. P. apresenta esta noite a comédia em 1 acto de autoria de Labiche, intitulada «Os Dois Tímidos», que foi traduzida e adaptada por Ricardo Alberty e interpretada pelos artistas Alina Vaz, Alda Rodrigues, Jaime Valverde, Carlos José Teixeira e Alexandre Vieira.

A realização está a cargo de Pedro Martins.

● **Ás 22 e 40: Eurovisão**

Por intermédio da Eurovisão, a R. T. P. apresenta hoje o IV Festival de Musica Ligeira de Veneza, em que participam os artistas Catarina Valente, Georgie Fame, Pétula Clark, Dolida, Sandie Shaw e Pat Boone.

Este programa pertrence a R. A. I. para a Eurovisão.

ESTREIA-SE ESTA NOITE NO TEATRO DA TRINDADE A ÓPERA «MANON»

Hoje, ás 21 e 30, estreia-se no Teatro da Trindade a célebre ópera «Manon», de Massenet, interpretada por um elenco de que fazem parte alguns dos melhores cantores portugueses: Ana Lagoa e Carlos Jorge, nos protagonistas, e ainda Luís França, Hugo Casaes, Álvaro Malta, Armando Guerreiro, Raquel Botelho, Sara Rosa, Beatriz Horta, João Veloso, José Afonso e Manuel Dias. Maestro-director Jaime Silva (Filho). Encenação de Álvaro Benamor. Cenários do prof. Alfredo Furiga. Guarda-roupa completamente novo, confeccionado especialmente para este espectáculo por Alberto Anahory, sob figurinos do ilustre artista José Barbosa.

Colaboram: a Orquestra de Ópera da Emissora Nacional e o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, preparado pelos maestros Mário Pellegrini e Carlo Pasquali; Bailados sob a direcção de Anna Mascolo, com a participação de elementos do seu Estudio-Escola de Dança Clássia e de Manuela Valadas.

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

HOJE, ÀS 21,30 — ESTREIA DA ÓPERA

«MANON»

de Massenet

Com: **Ana Lagoa, Carlos Jorge, Luís França, Hugo Casaes, Álvaro Malta, Armando Guerreiro, Raquel Botelho, Sara Rosa, Beatriz Horta, João Veloso, José Afonso e Manuel Dias.**

Maestro Director: **Jaime Silva (Filho)** — Encenador: **Álvaro Benamor**

Bailados sob a direcção de Anna Mascolo, com a participação de elementos do seu Estúdio-Escola de Dança Clássica e de Manuela Valadas

Este teatro tem ar condicionado

Para maiores de 12 anos

Durante o decorrer do espectáculo não é permitida a entrada na sala

No próximo dia 13, ás 21.30 — 6.ª e ultima Récita da ópera «Bodas de Fígaro», de Mozart

TV FOGUETE — Telefones: 835299 831223

Assistência permanente em Rádio e I. V. ao domicílio

LATINA

Os condutores confirmam

O RADIAL

DUAL SUPER G

É MUITO MAIS SEGURO

E ROLA MAIS QUILÔMETROS

Dual Super G é o pneu Radial preferido pelas empresas de autocarros. Porque demonstrou a sua superioridade em milhões de quilómetros percorridos.

A carcaça Radial de Dual Super G é cingida por forte cinta de aço.

O desenho do piso mantem-se indeformável. E agarra o pneu à estrada.

Para segurança total.

Robusto, Dual Super G proporciona maior quilometragem original... e mais recauchutagens.

MABOR

MABOR GENERAL

Peça folheto. Consulte o seu Agente.

TV DIA A DIA

(Continuação da página anterior)

as cenas de gratuita violência semeadas ao longo da fita. A naturalidade com que se dizem palavras com que se travam certos diólogos. do género:

— Lutei com um índio.

— Matou-o ?

Como se dissessem, na descontracção mais infantil do mundo:

— Estive com muita sede.

— Bebeu uma laranjada?

Noutra ocasião. o bandido que roubara o tesouro dos *ò Incas !, ò Inscas !*, encosta o cano da espingarda á testa de uma mulher, vê-se o dedo a puxar o gatilho e ouve-se o componente em serviço da patrulha da «missão impossível» dizer:

— Se a matas, saberão que passámos por aqui. Deixa-a ficar e ela morrerá de sede, dentro de uma hora.

O bandido, está bem de ver, não deixa de acatar conselhos tão sensatos e lá partem em busca do tesouro dos *ò Incas !, ò Incas !*

Pesadamente, anoitece. Aguardo a rubrica «Estrada do êxito», onde nos darão a biografia do cavaleiro equestre João Núncio.

M. C.

TEATRO NOS BOMBEIROS DE LOURES

No sábado, ás 21 e 30, no Cine-Teatro do Corpo de Bombeiros Voluntários de Loures, o T. A. B. — Teatro Amador dos Bombeiros leva á cena as peças «Pranto de Santa Maria», de André Dias, «Entremez do anjo», do Conde de Vimioso, «Farsa do alfaiate», de Henrique da Mota, «O aniversário no banco», de Tchekhov e «O Monta-cargas», de Harold Pinter.

Um filme de LEITÃO DE BARROS

2.ª SEMANA

odeon

Às 15.15, 18.15, 21.30

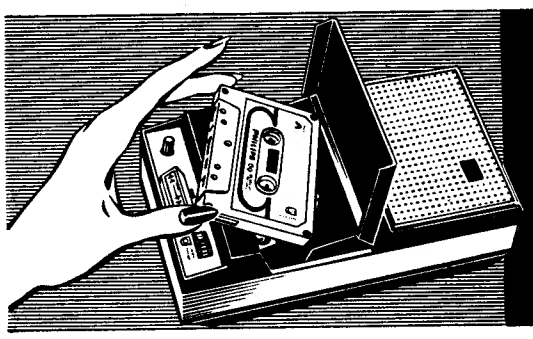
O FILME PORTUGUÊS QUE TODOS DESEJAM RECORDAR

Maria Papoila

MIRITA CASIMIRO
ANTÓNIO SILVA
VIRGÍNIA SOLER
EDUARDO FERNANDES

Um fado por ESTÊVÃO AMARANTE

INTERNACIONAL FILMES 12 ANOS



MINIGRAVADOR PHILIPS

O GRAVADOR MAIS VERSÁTIL DO MUNDO

Recintos de diversões

* Acompanhado por Francisco Carvalhinho e Pais da Silva, o artista Tristão da Silva gravou o fado «Vou dar de beber ádor», da autoria do dr. Alberto Janes.
* Actua no sábado no Algarve a cantadeira Maria José da Guia presentemente a actuar na Severa
* Saiu um novo disco do artista Loubet Bravo.
* Os artistas David José, Constança Baptista e Teixeirinha estão a obter grande êxito em Angola.
* A artista Arminda da Conceição presentemente a actuar na «Viela», gravou um novo disco com composições inéditas.
* Continua a actuar na «Lisboa á noite» a cantadeira Beatriz da Conceição.

BRYAN FORBES
ESCREVEU E REALIZOU:

THE WHISPERERS

Vida Solitária

com
EDITH EVANS
ERIC PORTMAN

UMA OBRA SUPERIOR DE CINEMA CONSAGRADA MUNDIALMENTE:

MELHOR ACTRIZ DRAMÁTICA
«GLOBO DE OURO»
ASSOC. IMPRENS. ESTRANG. HOLLYWOOD

MELHOR ACTRIZ INGLESA
«PRÉMIO DA ACADEMIA CINEMATOGRÁFICA BRITÂNICA

MELHOR ACTRIZ PRINCIPAL
«URSO DE PRATA» - FESTIVAL DE BERLIM

NANETTE NEWMAN
AVIS BUNNAGE *RONALD FRASER*
GERALD SIM

Música comp. e dirig. por
JOHN BARRY

A Seven Pines Production
Distribuído por
LOPERT PICTURES CORPORATION

Produção de
MICHAEL S. LAUGHLIN
& *RONALD SHEDLO*

Não é sòmente uma história de solidão...

É um comovente documento humano.

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

ANUNCIA PARA

HOJE

ÀS 21

A ESTREIA DESTA MEMORÁVEL OBRA DE CINEMA

Adultos

AS MATEMÁTICAS MODERNAS E A TÉCNICA DO SEU ENSINO

— exposta pelo dr. J. L. MOTA COSTA

O ensino da Matemática acha-se numa fase importante de adaptação porque a Ciência Matemática também evolucionou e o seu ensino está nessa fase de adaptabilidade. Nesta época de exames pareceu-nos que conviria dar aos nossos leitores alguns aspectos do que seja o ensino das matemáticas modernas, a sua nova pedagogia, e também ver até que ponto essa pedagogia poderá ser absorvida pelos alunos que se iniciaram, como seus pais, noutro ensino matemático.

Para tal fomos ouvir o dr. J. L. Mota Costa, professor e subdirector do Colégio Moderno, a quem a direcção desse estabelecimento de ensino que o grande pedagogo que é o prof. João Soares fundou e ainda dirige. Ao dr. Mota Costa confiou a direcção do colégio, depois de um estágio conveniente, as turmas que se iniciarão nas Matemáticas Modernas, a partir de Outubro.

E a palestra desenrolou-se assim:

— *Quando lhe surgiu a ideia de criar no Clégio Moderno, um curso de Matemáticas Modernas?*

— A minha curiosidade já estava desperta por saber que em alguns liceus se estava a proceder a cursos experimentais, quando tive oportunidade de me inscrever com o meu colega Silva Cardoso (os dois professores de Matemática do Colégio no momento) no primeiro curso de actualização do ensino da Matemática, aberto aos professores particulares em Setembro de 1965. Segui o curso com grande entusiasmo, ficando desde logo com o desejo de leccionar uma turma piloto (como denominam). Proposta a ideia ao sr. dr. João Soares, recebi incondicional adesão, como de resto eu já esperava, dada a sua abertura a todas as inovações de interesse para o ensino. Fez-se o pedido á Inspecção em Julho de 1966 e recebemos agora a respectiva autorização.

O que será o novo curso

— *Gostaríamos que nos desse uma ideia do novo curso.*

— O curso consiste essencialmente numa modernização do programa e dos métodos de ensino. Procura-se, por um lado, levar o aluno a uma maior disciplina de raciocínio e a um maior rigor de linguagem, iniciando-se o curso pela aliciante introdução á lógica Matemática.

Depois, atendendo á constante evolução da Matemática e da ciência em geral, introduz uma série de novos capítulos, como por exemplo: dentro das estruturas — concerto de grupoide, grupo, módulo, anel, corpo; introduções ao cálculo numérico, ao cálculo; das probabilidades, ao cálculo vectorial, ao cálculo integral; uma curiosa referência á programação linear, etc. E ainda renova, nos seus processos de introdução, velhos capítulos, alguns dos quais nos aparecem quase irreconheciveis.

É portanto, se maior não fosse, uma óptima arma contra uma rotina de perto de vinte anos. Não se faz ideia, de quanta imaginação se tem de rodear um professor, para resistir, tão longo período, a ensinar sempre o mesmo programa».

— *Fez referência a uma nova técnica de ensino. Em que consiste?*

— A técnica não é nova, mas não tem sido suficientemente explorada no nosso ensino. Pretende-se, em resumo, substituir o velho método expositivo, por um processo mais vivo e mais directo de diálogo com o aluno, procurando levar este á redescoberta dos conceitos a introduzir.

É portanto a substituição, por parte do aluno, de uma atenção passiva por uma atenção activa. Ou seja simplesmente a aplicação do método activo

Os alunos antigos e o novo ensino

— *Parece-lhe estar, um aluno no 3.º ciclo, em condições de se adaptar a esse novo tipo de ensino, ou será necessário uma iniciação de base?*

— Sou um adepto incondicional do diálogo com o aluno, procurando sempre introduzi-lo nas minhas turmas (só tenho turmas a partir do 5.º ano), mas diz-me a experiência quantas dificuldades há em o conseguir.

O aluno é submetido, durante nove anos (quatro de primária e cinco de liceu) a um ensino tradicional, não sendo portanto fácil levá-lo a uma modificação de processo. É natural, que o aluno nas turmas experimentais sabendo antecipadamente que lhe vai ser exigido uma maior colaboração, se mentalize para o facto, mas incontestávelmente, a actualização de métodos e de programas não se deve iniciar no 3.º ciclo, mas sim, na primária.

A actualização de programas a partir do 3.º ciclo, não é completa?

— Com certeza. É possível introduzir desde a primária muitos dos conceitos que utilizamos hoje na Matemática. Fazem-se, em diferentes países, tentativas nesse sentido. E em todo o programa do liceu é possivel utilizar uma linguagem matemática mais moderna e portanto mais precisa. Mas acabemos com o caos que actualmente se verifica no ensino. Cada professor introduz novos símbolos e novos conceitos de maneira mais arbitrária e por vezes menos oportuna, criando no espírito do aluno, não um esclarecimento, mas uma confusão que só lhe pode ser prejudicial.

Faça-se portanto e quanto antes uma reestruturação do ensino de Matemática num sentido de modernização e dinamização do seu estudo, mas — programada.

Disse-nos ainda o dr. Mota Costa estar convencido do êxito que o novo curso vai ter correspondendo assim ao interesse da Direcção do Colégio que continua assim na vanguarda de tudo o que seja pedagogia.

DR. J. L. MOTA COSTA

«Pôr-do-sol» no Campo Pequeno

A Casa do Pessoal da RTP organiza, novamente, este ano, a sua «Corrida da TV», espectáculo que pela sexta vez consecutiva vai chamar ao Campo Pequeno não só os aficionados da festa mas também quantos acompanham a actividade intensa da televisão neste como noutros sectores.

Com a intenção de promover a divulgação de sua corrida, a Casa do Pessoal da RTP convidou os críticos os representantes dos órgãos da Informação, cavaleiros, toureiros, ganadeiros e artistas dos mais variados sectores para um «Pôr-do-Sol» que decorrerá no Campo Pequeno na segunda-feira, ás 18 horas.

Como também tem acontecido em anos anteriores o «Pôr-do-Sol» do Campo Pequeno constituirá uma reunião de elegante contacto social entre aqueles que de algum modo estão ligados aos problemas da tauromaquia do nosso País.

FÉRIAS NO ALGARVE PARA ESTUDANTES

O C I T U., promove de 1 de Agosto a 15 de Setembro, em Albufeira um Centro Internacional de Férias para estudantes com capacidade para 80 rapazes e 60 raparigas. O Centro Internacional de Férias do C. I. T. U. em Albufeira oferece assim aos estudantes a possibilidade de util convívio com jovens de diversos países para quem as inscrições também estão abertas.

O Centro de Férias, instalado em edifícios escolares bem situados e devidamente adaptados a dormitórios com todos os requisitos indispensáveis, funcionará por períodos de 15 dias e estão previstos transportes em autocarro a partir de e para Lisboa.

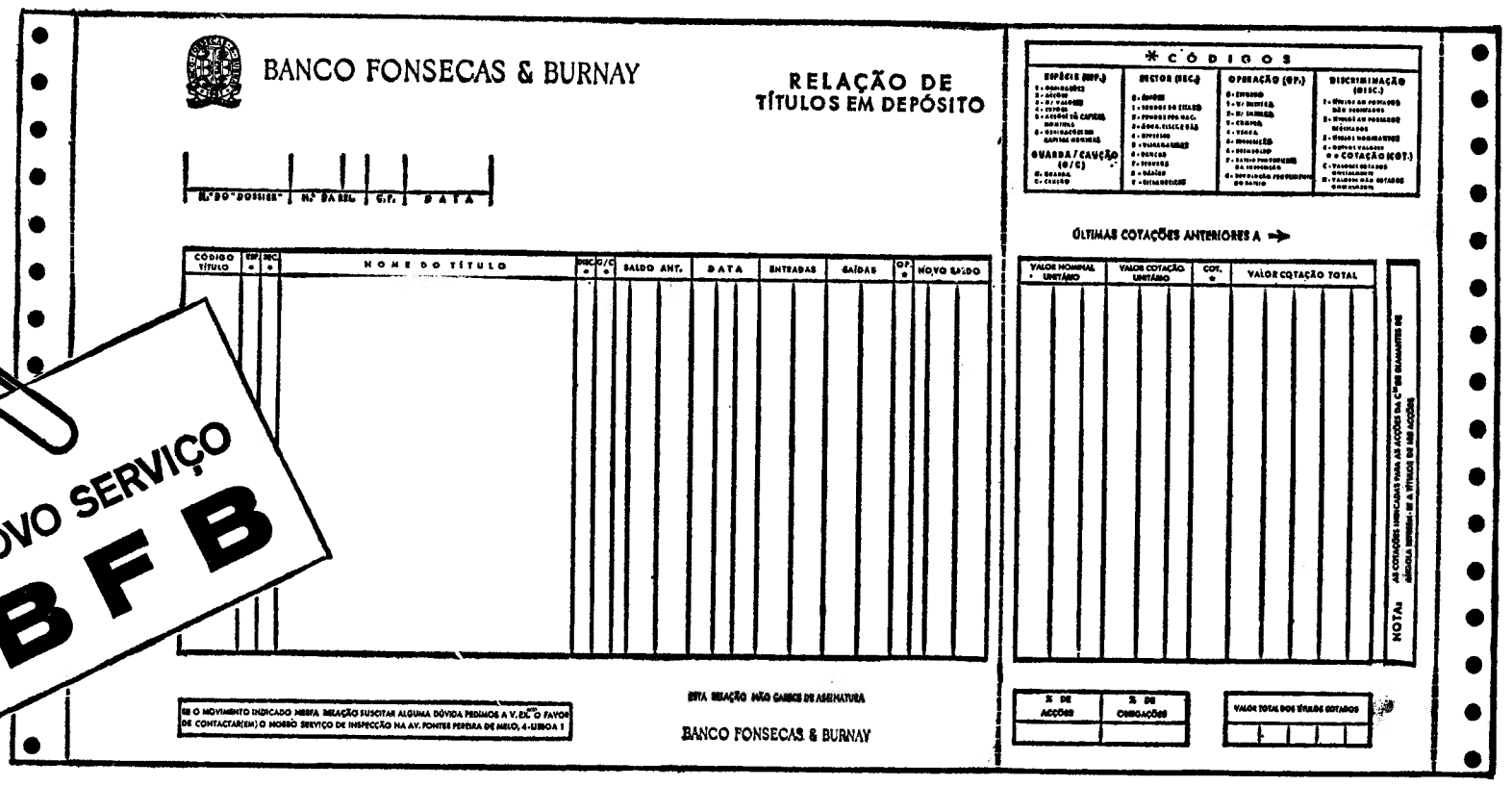
Colaboram nesta iniciativa, além da Direcção-Geral do Ensino Primário pela Direcção Escolar do Distrito de Faro, que cedeu as instalações, o Regimento de Infantaria n.º 4 e a Camara Municipal de Albufeira, que introduz melhoramentos nos edifícios e oferecerá recepções especiais aos estudantes.

Também em Setubal o C. I. T. U. realiza um Centro Internacional de Férias de capacidade reduzida (16) num andar de edifício moderno com quartos de 2 e 3 camas. Neste Centro Internacional de Férias os estudantes poderão ainda adquirir senhas para tomar as suas refeições no refeitório da F. N. A. T.

Todas as informações relativas aos Centros Internacionais de Férias bem como a todo o programa de Verão são dadas na sede do C. I. T. U. — Rua Fernando Pedroso, 31 — Telf. 761355, onde as inscrições se encontram ainda abertas.

RELAÇÃO DE TÍTULOS EM DEPÓSITO
ELABORADA EM COMPUTADOR ELECTRÓNICO

Acompanhe melhor a sua carteira de títulos utilizando as informações que este serviço lhe proporciona



BANCO FONSECAS & BURNAY
CAPITAL E RESERVAS: 1 MILHÃO DE CONTOS

SEDE: RUA DO COMÉRCIO, 132 — LISBOA
FILIAL: AV. DOS ALIADOS, 28-32 — PORTO

DIÁRIO DE EVA

COISAS DE MULHERES...

Situação patrimonial dos cônjuges

pela dr.ª ELINA GUIMARÃES

Muitas pessoas fazem certa confusão entre a convenção matrimonial e as regras legais. Como já disse, o fim da convenção antenupcial é adaptar os interesses individuais ás regras legais e não o inverso.

Não é possivel alterar os direitos e obrigações dos cônjuges como esposos ou como pais.

Mesmo pelo que respeita a bens há estreitos limites ao que é possível fazer.

Outrora, qualquer que fosse o regime de bens, o marido era sempre o administrador de *tudo* menos dos célebres *alfinetes*, que não podiam exceder 1/3 dos rendimentos e, ainda, quando alguém se lembrava desta cláusula.

O efeito da escritura antenupcial é especialmente importante depois da dissolução do casamento.

Quatro regimes matrimoniais

Tanto pelo Código antigo como pelo actual há 4 regimes matrimoniais que veremos depois em mais pormenores.

1 — COMUNHÃO ABSOLUTA. *Tudo o que os cônjuges possuem ou venham a possuir entra para o casal e depois é dividido em duas partes, chamadas* meações, *no caso de separação judicial, divórcio ou morte. Nos primeiros casos, cada qual recebe uma. No outro, o sobrevivente recebe uma meação indo a outra para os herdeiros. Estes são os descendentes e ascendentes, que não podem ser totalmente deserdados.*

Na falta destes, os herdeiros são os irmãos e sobrinhos mas, neste caso, pode haver outra disposição por testamento e, além disso, o cônjuge sobrevivo recebe o usufruto. Só na falta destes herda o cônjuge e depois os tios e primos e o Estado.

Este regime seria ideal se as condições dos cônjuges fossem iguais. Mas supunhamos que o cônjuge A leva para o casal 90 contos, o cônjuge B 8 e juntos aumentam o capital de 2 contos. «A» morre. «B» recebe de meação metade do total, isto é 50 contos, indo os outros 50 para os herdeiros de «A» Esta situação frequente, que leva o vulgo a julgar que os cônjuges herdam quando apenas recebem meação, não é muito justa e tanto se pode dar a favor da mulher como contra. Era o regime legal do Código antigo. Hoje pode ser escolhido por escritura.

2 — COMUNHÃO DE ADQUIRIDOS. *Tudo o que os cônjuges levam para o casamento ou herdam por direito anterior é sua propriedade. O que adquirem durante o casamento pertence a ambos. No exemplo anterior B receberia 9 contos, 8 seus e 1 da meação. E' este o actual regime legal, quer dizer, o que vigora quando não há escritura. Anteriormente, podia ser fixado por escritura.*

3 — REGIME DE SEPARAÇÃO DE BENS. *Neste caso, como o nome indica, cada um dos cônjuges guarda o que é seu e o que foi adquirido por si. No final, cada qual recebe o que é seu. No exemplo citado, se A fosse o marido e o unico a ganhar, poderia presumir-se que os 2 contos adquiridos eram seus. A sua parte ou a dos herdeiros seria de 98 contos e a de B, os 8 iniciais, sem levar em conta o seu próprio trabalho doméstico. Por isso, já tenho dito, e provàvelmente direi mais vezes, que este regime não é sistemáticamente favorável á mulher.*

Pelo Código antigo, este regime não afastava a administração do marido, enquanto que hoje a administração pertence á mulher. Claro está que o bom êxito deste novo sistema depende da capacidade da mulher e do marido. Este regime é agora obrigatório em muitos casos, como por exemplo quando os cônjuges tenham filhos legitimos de outro matrimónio

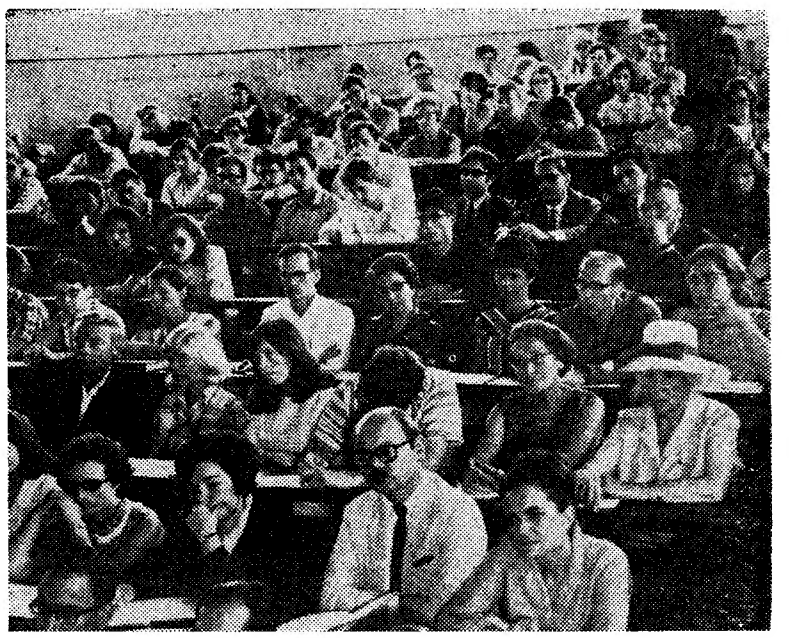
Embora o não considere como ideal, há casos em que pode ser util. Por exemplo, se o marido for comerciante e dado a especulações incertas.

4 — O REGIME DOTAL *é o que dá mais garantias a quem receie a prodigalidade do homem e a fraqueza da mulher. Com efeito, o dote não pode ser tocado senão em casos especialmente fixados na lei. Mesmo no caso de divórcio ou separação judiciária mantém-se esta regra para evitar que estas acções sejam simuladas para dispor desses bens. O «dote» só pode ser constituido a favor da mulher. Aqui há uma ligeira confusão de termos. Oferecer uma quantia á noiva não é dar-lhe um dote, se este não for constituido de harmonia com as regras da lei.*

Este sistema pode parecer muito bom mas... se os cônjuges forem, como muitas vezes sucede, unidos e atilados, deve ser algo exasperante viver como que em tutela perpétua.

Por muito que se procure aperfeiçoar a lei, esta não pode por si só assegurar a felicidade.

NÃO GOSTA DE DORMIR SÓ COM TRAVESSEIRO?
NÃO GOSTA DE DORMIR SÓ COM ALMOFADA?
Experimente uma síntese de ambos, com enchimento de vários «duvets».
Consulte a
COLCHOARIA QUINTÃO
(Casa Especializada)
RUA SERPA PINTO, 12-A



Aspecto da assistência interessada nas lições do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Entre os numerosos alunos predominam os estrangeiros de diversos países

Aumenta a afluência de alunos estrangeiros no Curso de Férias em Coimbra

COIMBRA, 11 — Os trabalhos do XLIV Curso de Férias da Faculdade de Letras prosseguem com crescente interesse e aumenta o número de alunos das mais diversas nacionalidades, atraídos pela fama do curso além-fronteiras.

Novas inscrições têm-se registado diàriamente e são já cento e vinte e sete os alunos de ambos os sexos e de vinte nacionalidades diferentes: Alemanha, 16; Argentina, 3; Bélgica, 1; Bolívia, 1; Brasil, 5; Coreia do Sul, 1; Dinamarca, 2; Escócia, 3; Espanha, 7; Estados Unidos da América do Norte, 26; Finlândia, 1; França, 18; Holanda, 11; Inglaterra, 20; Irão, 1; Itália, 5; Jamaica, 1; País de Gales, 1; Suécia, 2; e Suiça, 2.

Muitos desses estrangeiros vêm, de propósito frequentar este curso de férias que lhes possibilita um melhor conhecimento do nosso País do idioma e dos valores intelectuais. O maior número de inscritos, é, como se verifica, de norte-americanos, que são 26, seguindo-se a Inglaterra com 20.

Hoje, deram lições, no Curso Elementar, os srs. prof. dr. Walter de Sousa Medeiros e dr. Carlos Alberto Louro da Fonseca, sobre a «Língua Portuguesa-I»; srs. drs. Aguiar e Silva, «Conversação» e Armando de Lacerda, «Fonética Portuguesas». No Curso Complementar, o sr. dr. Aníbal Pinto de Castro, «Curso Geral de Literatura Portuguesa»; prof. dr. Valter Medeiros, «Língua Portuguesa-II» e dr. Louro da Fonseca, «Leituras Comentadas» No Curso Superior, dr. Aníbal de Castro, «Curso Geral de Literatura Portuguesa»; prof. dr. Salvador Dias Arnaut. «A presença dos portugueses em África», e prof. dr. Herculano de Carvalho, «Características da língua portuguesa contemporânea

De tarde, houve uma visita aos estabelecimentos universitários.

Mais água para o concelho de Oeiras

Na previsão de se tornar cada vez mais precário o fornecimento de água para consumo publico e regas no respectivo concelho, a Câmara Municipal de Oeiras, ao examinar o problema, chegou á conclusão de que seria de aconselhar uma estimativa da água existente em toda a zona da sua administração, nomeadamente na Amadora, onde numerosos poços têm sido aterrados, continuando, porém, a correr água no subsolo. Uma primeira tentativa de aproveitar em larga escala o precioso líquido deve-se á família Santos Mattos, que fará a doação de um fecunda manancial que se encontra dentro das suas propriedades em vias de serem urbanizadas. Também no local do Espargal, do mesmo concelho, existem grandes lençóis de água que vão ser devidamente estudados para futuros aproveitamentos.

CAMINHOS DE FERRO

Em 8 do corrente e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

Avisam-se mais uma vez os srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias uteis, até ao dia 5 do corrente mês das 10 ás 17 horas.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS S.A.R.L.
Agente Distrital
VOLKSWAGEN
SERVIÇO E LOJA DE PEÇAS LEGÍTIMAS
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS, S.A.R.L.
AV. DA LIBERDADE, 71 — TELEFONE 326
R. DA ESCOLA POLITÉCNICA, 259-271 — TELEFS. 683145/6 - 689260

É CEGA MAS ESTÁ APTA A SER EMPREGADA DOMÉSTICA

A recuperação, com algum êxito, de uma jovem invisual de Vila Nova de Ourém, graças à colaboração de duas instituições oficiais de Lisboa, vem pôr em foco o problema da reabilitação de invisuais no nosso País.

O êxito de uma reintegração progressiva levanta o problema da recuperação de invisuais

Uma história

Rosalina Gonçalves Marques cegou quando contava oito meses. Filha de uma família humilde e numerosa, cresceu em regime de segregação, sob o estigma da sua insuficiência, como elemento de pouca ou nula utilidade para o agregado.

Alguém a encaminhou para Lisboa, a fim de frequentar um estágio no «Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos». Chegou há poucos meses. Com 26 anos e analfabeta.

O pessoal daquela instituição, orientado pela directora interina, sr.ª D. Maria Teresa Vieira de Barros, submeteu-a a um ensino intensivo, de carácter global. Aprendeu a movimentar-se, livremente, nos ambientes familiares, e com auxílio de bengala, na rua ou em locais estranhos. Foi iniciada na leitura e, acima de tudo, habituada a libertar-se do excessivo proteccionismo das pessoas normais, sempre prontas a auxiliar a «céguinha», criando-lhe uma dependência que a diminuía.

A jovem Rosalina, dócil, trabalhadora, conquistou, naturalmente, as simpatias gerais e, terminado o seu estágio, o normal teria sido regressar á terra, directamente para o convívio de uma sociedade não preparada para aceitar um cego a caminho da recuperação, pelo menos parcial. Se isto tivesse acontecido, e uma vez que a reabilitação, em três meses, não pode ser mais do que esboçada, e ainda porque a Rosalina, no dizer dos seus instrutores, está pouco acima da fronteira da debilidade mental, o mais certo seria a ruína completa de todo o trabalho efectuado, a morte da esperança, o retorno á incapacidade.

Um símbolo

Neste ponto, a sua história começa a ser diferente e a Rosalina Gonçalves Marques, que já começou a saborear uma certa independência de movimentos, que é capaz de desempenhar com bastante perfeição as tarefas de uma empregada doméstica, é providencialmente salva do inevitável retrocesso.

O ambiente do Centro, todo ele dirigido para a reintegração, e portanto despido da superprotecção para com os estagiários, é no entanto demasiado fofo, demasiado almofadado para que a Rosalina possa transitar, directamente, para o ambiente competitivo e por vezes hostil dum emprego, única alternativa do regresso ao lar, sem a ocorrência simultânea de um impacto de consequências imprevisíveis.

As mãos hábeis de Rosalina — uma cega de 26 anos — executam, com apreciável facilidade, tarefas domésticas não muito complicadas. Na lavandaria da Junta de Freguesia de Santa Engrácia, ajuda a passar a ferro as roupas das crianças que, diáriamente, as mães ali entregam, antes de seguir para os seus empregos. É dócil, delicada, sempre desejosa de se aperfeiçoar. A pouco e pouco, aprendeu a movimentar-se num mundo que, até há três meses lhe era hostil. Quantos invisuais como ela terão a mesma sorte?

Perfeitamente consciente deste facto, a directora interina do Centro de Reabilitação obteve do presidente da vizinha Junta de Freguesia de Santa Engrácia, autorização para que a jovem de Vila Nova de Ourém fosse integrada nas diversas equipas de funcionárias das suas modelares instalações assistenciais. Há um mês e meio que a Rosalina ajuda a tomar conta de crianças do infantário, amanha o peixe ou corta os legumes na cozinha, esfrega o ginásio e passa a ferro. E com perfeito á-vontade, sempre humilde, sempre ávida de aperfeiçoamento.

Irão, agora, procurar-lhe um emprego compatível, não muito longe da terra, possivelmente em Fátima. Não será uma casa particular, porque não está apta a tomar conta de todo o serviço de uma casa, mas, sim, numa instituição, onde haja colegas que lhe seleccionem aqueles tipos de tarefas que ela é capaz de desempenhar.

Um caminho possível

Este entendimento particular entre duas entidades oficiais pode ter salvo uma mulher da inactividade, da incapacidade. Mas quantas «Rosalinas», igualmente dóceis e trabalhadoras, se perderão por aí fora, porque não existe entre nós uma estrutura adequada á sua recuperação? Aquilo que estas duas instituições realizaram quase por acaso, na pessoa de uma jovem, afortunada apesar do seu infortúnio, podia e devia ser efectuado, á escala nacional, por instituições especializadas.

São conhecidas experiências isoladas, como é o caso do notável Centro Infantil Helen Keller, de Lisboa, onde as crianças cegas são ensinadas, lado a lado, com crianças normais, a fim de as integrar, a pouco e pouco, no mundo das que vêem bem. O seu êxito é, também, uma prova daquilo que representa, como caminho possível.

A sua localidade necessita de um Posto de Recepção da Telescola?

Sim, se aí não existirem estabelecimentos de ensino secundário. Ou os que existam sejam em número insuficiente para os interessados em frequentar o Ciclo Preparatório directo. Porque o Ciclo Preparatório TV tem rigorosamente a mesma validade.
Constituir um posto de recepção é prestar um valioso serviço à comunidade. E a possibilidade de um rentável investimento.
Qualquer entidade privada, singular ou colectiva, pode montar um posto de recepção. Desde que disponha das salas e material necessário e dos monitores indispensáveis.
Milhares de crianças, em todo o País, desejam matricular-se no Ciclo Preparatório TV. Para o que necessitam de postos de recepção.
Os alvarás podem ser requeridos até 31 de Julho. Para mais informações, consulte-nos.

INSTITUTO DE MEIOS ÁUDIO-VISUAIS DE ENSINO
Rua Fiorbela Espanca Telef. 761497 Lisboa 5
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
EM COLABORAÇÃO COM
RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA, S. A. R. L.
IMAVE

cruzeiro ao MAR NEGRO

de 13 de Setembro a 1 de Outubro (20 DIAS)

Classe única a bordo

A BORDO DO MODERNO TRANSATLÂNTICO «EUGÉNIO C»

Visitando: GÉNOVA, NÁPOLES, ISTAMBUL, ODESSA, IALTA, SOCHI e PIREU

Inscrições até 21 de Agosto de 1968

PARA SE INSCREVER, PEDIR BOLETIM NA SUA AGÊNCIA OU NA
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & CIA L.DA
Praça Duque de Terceira, 4
Tel. 32 22 71/2/3 e 36 93 46

Agentes no Porto:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE L.DA
R. Infante D. Henrique, 83-1º
Tel. 20773 - 2 8906 - 3 3050

CURSOS DE FÉRIAS

TURMAS JÁ EM FUNCIONAMENTO
- Preparação intensiva para exames de SETEMBRO
- Preparação preliminar para o próximo ano lectivo

ENSINO LICEAL
ADM. AOS INSTITUTOS E FACULDADES

Preços especiais para militares
- Escola São Vicente — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 865904
- Externato Marquês de Pombal — Telef. 83 46 58 Rua Carrilho Videira, 10 (à Morais Soares)

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º — Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina — Coração e pulmões — às 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — às 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — às 16 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — às 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — às 14 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — às 16 horas.
Dr. Carlos Vilar — Doenças das senhoras e operações — às 18 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — às 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, protese — às 10 horas.
Dr. Carlos Ribeiro — Cardiologia, Electrocardiografia — às quintas-feiras — às 16 horas.
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — às 16 horas
Dr.ª Ana Brás Maria — Ginecologia — ás 3.as e 5.as-feiras — às 16 horas.

Entre os manos Queirós (Florbela e Carlos) a azougada Lynne Mota, sempre recém-chegada do estrangeiro...

Ao «Porão» e à «Ponte» soma-se agora «O Convés»

Um convite informal e uma reunião pouco comum: na Avenida Fontes Pereira de Melo, 47, Vasco Morgado (mais os seus associados João Passada e Correia Ribeiro) convidaram um punhado de amigos para o «ensaio geral» de «O Convés», restaurante-cervejaria que se situa entre o «Porão da Nau» e a residencial «A Ponte», novo derivativo industrial do afanoso produtor teatral.

Sete mil e quinhentos contos pela borda fora? Nem pensar. As perspectivas são excelentes, a avaliar (pelo menos) pelas palavras elogiosas com que os «clientes» de ontem analisaram o mérito do arquitecto José dos Santos e a arte do decorador Jorge Carvalho, a pedra mármore que forra a cozinha e as alcatifas que atapetam os vários pisos ou os motivos náuticos espalhados pelas paredes.

A «clientela» não era muito heterogénea: prevalecia a gente de teatro. As primeiras figuras tratadas de modo idêntico ao das simples bailarinas. Gente importante (gente popular) afinando pelo diapasão do sorriso: o que não é muito vulgar.

Lá vimos Ribeirinho, Costinha e Luísa Durão, Igrejas Caeiro e Irene Velez, Rogério Paulo, Rui de Carvalho, Henrique Santana e Maria Helena, José Viana e Dora Leal, a trilogia autoral da moda (César de Oliveira-Rogério Bracinha-Paulo da Fonseca), Eugénio Salvador e Lina, Florbela Queirós, Irene Isidro, Maria Teresa Quinta e o angolano Vum-Vum, Iola, o encenador-actor Camilo de Oliveira, Maria do Céu Guerra, Luís Tito, o pintor Francisco Relógio e os figuristas Pinto de Campos e Mário Alberto, o dr. Oliveira Martins, Fernando Frazão e Baptista Rosa (a TV em relevo), Jacinto Ramos, Varela Silva, Humberto Madeira, Gilberto Cotta, Jerónimo Bragança, Nicolau Breyner, Nicholsson, Fernanda Borsatti, Oscar Acurso, Célia de Sousa, Linda Silva, Lynne Motta, Anabela, Nina Flores, a espanhola Africa Prats, Carlos Queirós, Guida Maria, Mariema, Henrique Mendes, Octávio de Matos, a exótica Alice Carla, a fascinante Milu Teixeira e (até) um simpático marujinho que — parece — também desfila pelas passarelas teatrais.

O «Estado-Maior» de Vasco Morgado presente na máxima força: Alexandrino, Francisco Pires, Armando Correia, Ângelo Alves, Américo Freire, Mário Mendes e Artur de Oliveira. Enfim: uma excelente (e curiosa) reunião em que, pela primeira vez, nem um só artista pediu «vale»: desta vez, as exigências estomacais não serviam de pretexto...

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados em 10 do corrente mês e entregues na P.S.P. de Lisboa: uma boina; uma nota do Banco de Portugal; um livro; uma carteira com documentos em nome de António Alberto Gomes Belo Pinto Salgueiro; o cartão da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio de Carlos António Maximino Penedo; o bilhete de identidade de Manuel Vitorino da Silva; uns óculos graduados; uma camisola de lã; uma agenda; uma chapa-matrícula do veículo automóvel GL-74-01; um porta-chaves; uma mala de viagem vazia; e uma argola com chaves.

MAU TEMPO NA EUROPA

LONDRES, 11 — (F. P.) — Tempestades acompanhadas de chuvas torrenciais que se abateram a noite passada sobre grande parte do sul da Inglaterra e do País de Gales causaram importantes prejuízos nas plantações, no gado e nas vias de comunicação, tendo já provocado, pelo menos, a morte de uma pessoa.

Em Sidbury, no Devon, uma mulher de 80 anos foi afogada na cama pela inundação. Toda a região oriental deste condado se encontra praticamente sob 30 centímetros de água — declarou um informador da Polícia.

Em Plymouth, o emissor local de Televisão teve de interromper as emissões por a tempestade ter cortado o cabo que liga a estação a Londres.

Pontes foram levadas ou danificadas, nomeadamente a ponte do caminho-de-ferro de Bowd (no Devon).

Na região de Tanton (Somerset) o Exército interveio para ajudar a evacuação das zonas ameaçadas de inundação.

Em Mangotsfield, os passageiros de um comboio bloqueado pelas águas tiveram de prosseguir caminho em autocarros.

No Sussex, as mesmas imagens de desolação: estradas cortadas, linhas telefónicas arrancadas, árvores desenraizadas, casas inundadas.

No Somerset, a aldeia de Pensford, completamente isolada, teve de ser parcialmente evacuada. Abateu uma casa e outras ameaçam ruína.

No Devon, a cidade de Monition está também isolada, tendo transbordado todos os rios da região.

VIOLENTAS TEMPESTADES EM FRANÇA

PARIS, 11 — (F. P.) — Violentas tempestades abateram-se ontem, ao fim da tarde, sobre a França. As regiões do Sul e do Oeste parecem ter sido mais particularmente atingidas.

Em Toulouse, um dilúvio de chuva e de granizo abateu-se entre as 20 e as 20 e 15. As ruas e caves foram inundadas muito rápidamente. Houve vidros quebrados por pedras de saraiva do tamanho de ovos de pomba, cabos telefónicos arrancados e grandes danos para as culturas hortícolas.

Em Dax, um tornado caiu sobre a cidade na noite de terça para quarta-feira, provocando estragos importantes: estradas inundadas, circulação rodoviária interrompida, ligações telefónicas cortadas e meia centena de habitações danificadas. As culturas hortícolas dos arredores sofreram muito. Duas pessoas ficaram feridas.

DOIS MORTOS NA ALEMANHA

PFORZHIEM (Alemanha Ocidental), 11 — (R.) — Morreram duas pessoas e houve mais de 100 feridos em consequência de uma violenta trovoada ocorrida durante a noite e que causou avultados prejuízos.

No espaço de alguns minutos, ventos ciclónicos destelharam casas, atiraram com os automóveis uns contra os outros e deitaram abaixo linhas telefónicas e condutores de eléctricos.

ARROMBOU UM POSTO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Joaquim dos Santos Rodrigues guarda de uma obra e de um posto de material de construção, na Quinta da Trindade, prendeu, em flagrante delito de arrombamento José António Castanhas Canejo, solteiro, «bate-chapas», residente na Quinta do Castelo, á Avenida de Berlim, tendo declarado, na esquadra de P. S. P. daquela área, que já lhe roubaram da obra dois fogareiros a petróleo.

O preso foi enviado á Polícia Judiciária.

COMEÇA NO SÁBADO A FEIRA REGIONAL DA AMADORA

No sábado, ás 17 e 30, decorre a cerimónia de inauguração da Feira Regional da Amadora pelo presidente do Município de Oeiras e outras entidades oficiais. O certame, organizado pela primeira vez, estará patente até 15 de Setembro, por iniciativa do Atlético Clube da Amadora.

O produto da feira destinar-se-á á construção de um parque infantil desportivo, a levar a efeito em terrenos oferecidos pelo sr. José de Sousa.

A NECESSIDADE DE LEGISLAÇÃO SOBRE RESERVATÓRIOS SOLDADOS NAS RECOMENDAÇÕES DO I ENCONTRO DO INSTITUTO DE SOLDADURA

Decorreu com o maior interesse e a presença de muitos sócios e de outros técnicos convidados o I Encontro promovido pelo Instituto de Soldadura para comemorar o seu 2.º aniversário.

O encontro, em que se debateu o tema «O desenvolvimento tecnológico em caldeiraria e soldadura, resultante da evolução verificada na industria dos petróleos», abordou epecialmente problemas de concepção, fabrico, montagem e inspecção de reservatório soldados, quer de armazenamento, quer de alta pressão, utilizados nas industrias dos petróleos e similares. Foram feitas recomendações sobre a necessidade de se criar uma legislação portuguesa sobre reservatórios, sobre os cuidados a ter no emprego dos modernos aços (em especial os de grão fino), sobre o emprego de tectosflutuantes como meio de reduzir as perdas por evaporação, sobre os métodos mais convenientes de fabrico e montagem de reservatórios e sobre a necessidade de um «contrôle» extremamente apertado, por combinação dos métodos clássicos da soldadura em reservatórios de grande espessura (de 40 a 150 mm).

Foram projectados vários filmes sobre a construção de um arco metálico em St. Louis (E. U. A.), sobre o fabrico de um reactor de 300 toneladas para a central atómica da R. W. E. e sobre a montagem de reservatórios de armazenamento para a SACOR.

O encontro terminou com uma assembleia geral extraordinária em que se debateu o problema da sede e em que foi reconhecido que a construção de um edifício se tornava indispensável para o desenvolvimento das actividades do Instituto, tendo sido dados poderes á direcção para empreender as diligências para obtenção dos auxílios necessários á aquisição de terreno e á construção do edifício.

Festa da Escola de Educadoras da Infância

Amanhã, ás 17 horas, decorre a festa de fim do ano lectivo da Escola de Educadoras da Infancia e de «O Nosso Jardim». Serão entregues os diplomas referentes a este ano.

Festas comemorativas do 138.º aniversário da Banda de Alcácer do Sal

ALCÁCER DO SAL, 11 — Começaram hoje as festas comemorativas do 138.º aniversário da Sociedade Filarmónica Amizade «Visconde de Alcácer» (a «Calceteira»).

De manhã, foi celebrada missa na igreja de Santiago, por alma de sócios, regentes, filarmónicos, amigos e simpatizantes falecidos.

Ao princípio da noite, a banda sairá em saudação aos associados e publico em geral, seguindo-se um concerto no jardim publico, sob a regência do maestro Fernando de Matos Simões. Depois, realiza-se um baile na sede da colectividade.

As comemorações continuam no domingo, com um almoço de confraternização e concerto pela Banda de Musica da Sociedade 1.º Dezembro, do Montijo.

UM GUARDA-NOCTURNO «CAÇOU» DUAS MOTORETAS ROUBADAS...

Os guardas-nocturnos desenvolvem uma acção cujo valor nunca é de mais ser enaltecido. É frequentíssimo evitarem roubos e, outros delitos, e prenderem ratoneiros, apreendendo-lhes os objectos furtados.

Ainda a noite passada, por exemplo, dois desses prestantes agentes da autoridade tiveram actividades frutíferas na luta contra os meliantes:

Na área da esquadra da P. S. P. da Praça do Comércio, o guarda-nocturno de serviço viu dois rapazes, conduzindo motoretas, de uma das quais pendia um saco, que se lhe tornaram suspeitos.

Mandando-os parar, para os identificar, eles lançaram-se em correrias infrutíferas pois acabaram por ser presos.

Verificou-se tratar-se de Vítor Manuel Alves, solteiro, canalizador, e de Luís da Conceição Aguiar, sem profissão, solteiro, ambos sem residência certa, apurando-se que as motoretas tinham sido roubadas a Álvaro de Carvalho, residente na Travessa dos Priores, 9, em Prior Velho, e a Joaquim Monteiro, morador no Bairro do Seminário, 5, em Moscavide, e que o saco e as roupas que continha fora furtado em Olivais-Sul.

Os presos vão ser enviados á Polícia Judiciária.

...e outro «pescou» uma máquina de café

Também na noite passada, o guarda-nocturno n.º 107, em serviço na área da 13.ª esquadra da P. S. P. mandou parar dois indivíduos que se lhe tornaram suspeitos, tendo-se verificado que havia razão para isso, pois ambos se puseram em fuga, abandonando na rua uma máquina eléctrica de fazer café, da marca «Saema», que foi entregue á Polícia Judiciária, para se averiguar a quem foi roubada.

Trabalho das alunas da Escola Paula Vicente

Até ao dia 17, todos os dias úteis das 10 ás 17 horas, está patente ao público uma exposição de trabalhos das alunas, na Escola Técnica Elementar Paula Vicente.

VAUXHALL
68
NOVO MODELO
102
1600 e 2000 c.c.
ventora
UM NOME NOVO!
3294 cc.
LICAR
Av CASAL RIBEIRO, 48 A e C
CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

UM TEMA DO NOSSO TEMPO — 3

PÚBLICO INFANTIL GRANDE PÚBLICO

Não dispomos em Portugal de elementos estatísticos que nos permitam avaliar com segurança do interesse pela televisão manifestado por crianças.

Teremos de recorrer a fontes estrangeiras para avaliarmos desse interesse e logo, do valor potencial em educação de TV

Na Polónia, segundo Powel Boesler, cerca de 60 por cento das crianças da região de Poznan viam televisão em 1958. Em 1960 estimava-se em 45 por cento a participação dos jovens até aos 15 no total do publico telespectador polaco.

Na Inglaterra, as crianças dos 5 aos 11 anos vêem televisão em média mais de 2 horas por dia, e as crianças dos 12 aos 14 anos, cerca de hora e meia Entre as 17 e as 21 horas, 50 por cento das crianças inglesas dos 5 aos 11 anos estão diante do televisor. Cerca de 55 por cento das crianças dos 12 aos 14 anos assistem aos programas entre as 17 e as 18 horas.

Nos Estados Unidos assiste-se ao que pode chamar-se «tevemania». Aos 2 anos de idade, 14 por cento de crianças assistem aos programas da televisão; com 3 anos, 37; com 4 anos, 65; com 5 anos, 82; com 6 anos, 91; com 7 anos, 94; com 8 anos 95; com 9 anos 96 por cento

Ainda nos Estados Unidos, um inocentezinho de 3 anos passa já, em média, 45 minutos por dia diante do televisor. Aos 5 ou 6 anos essa média subiu para 2 horas diárias. Este período de serviço infantil á televisão aumenta, atingindo o ponto mais alto por altura dos 12 ou 13 anos. A partir daqui até aos 16 anos a média baixa gradualmente até 2 horas diárias.

Edmund Kosel (*«Os jovens e o seu interesse pela televisão»*), diz-nos que, segundo um estudo efectuado com crianças de Munich, a televisão ocupa o 3.º lugar nas actividades de ócio preferidas (39 por cento) logo a seguir ao desporto (69 por cento) e ao cinema «54 por cento). A leitura ocupa o 4.º lugar, com 38 por cento. Das crianças estudadas 37,5 por cento declararam ver televisão todos os dias e 50 por cento ocasionalmente.

Do exposto se conclui da valiosa participação infantil no total do publico telespectador. Obvio que uma televisão ignorante desse facto pode estar causando danos irreparáveis. Afirma Eleanor Maccoby (*«A influência da televisão nas crianças»*): «Há razões para crer que a maneira de ser e de pensar das crianças pode ser moldada pelos programas de televisão e que os jovens espectadores experimentam emoções e impulsos correspondentes aos que as personagens da televisão exprimem.»

SELOS COMEMORATIVOS DO 20.º ANIVERSÁRIO DA O. M. S.

A Administração-Geral dos C. T. T. vai lançar cumulutivamente com os que estão em vigor, uma emissão extraordinária de selos, comemorando o 20.º aniversário da Organização Mundial de Saude. As estampilhas terão as dimensões de 42 × 33 mm e o denteado 12,5 mm, sendo as taxas, cores e quantidades os seguintes: 1$00 (dragão e castanho), 9 000 000; 3$50 (dragão e azul-acizentado), 1 500 000; e 4$30 (dragão e cobre), 500 000.

Desertos os concursos para vagas de notário em Cabo Delgado, Niassa e Timor

Foram admitidos ao concurso documental para preenchimento do cargo de notário da comarca do Lobito os licenciados Ângelo Zuzarte Cortesão Casimiro e José da Silva Marreiros, e para uma vaga na Guiné, João Marques de Pinho Terrível, anuncia o «Diário do Governo» hoje distribuído. Ficou deserto o concurso documental para preenchimento das vagas de notário das comarcas de Cabo Delgado, Niassa e Timor.

Fracturou o cotovelo quando brincava

ÍLHAVO, 11 — No lugar da Vista Alegre, brincava com outros miudos, Carlos Alberto da Silva, de 10 anos, natural desta vila e residente no lugar de Soalhal, filho de António Ribeiro de Almeida e de Alzinda da Conceição Silva.

A certa altura o Carlos Alberto foi empurrado por um companheiro, caiu e ficou no chão a gritar com fortes dores no braço direito. Conduzido ao hospital sub-regional, verificou-se que tinha fracturado o cotovelo, pelo que ficou internado.

Ordem do Exército

Saiu «Ordem do Exército» referente ao mês de Junho (n.º 11, 2.ª série), que, entre outras disposições, promove aos actuais postos os seguintes oficiais, coronéis de Infantaria João Maria da Silva Delgado e Marcolino Duarte e, da Administração Militar, Artur Neves Correia e Silva; Tenentes-coronéis, de Infantaria, Manuel Dias Falagueiro de Sousa Teles, José da Silva Pinto Ferreira Ernesto Augusto Ramos, José Bonito Perfeito e Henrique Calapez da Silva Martins; majores de Infantaria Américo da Costa Varino Valentim Dinis Tavares Galhardo, Orlando Couto Leite, Luís Artur Carvalho Teixeira de Morais e, do serviço geral do Exército, Raul Pinto de Almeida, Manuel de Moura, Dionísio Cabral, Marcolino Duarte e José Alberto dos Santos Costa Pinto.

NECROLOGIA

FUNERAIS

Alberto Cardoso de Matos

TONDELA, 11 — Ficou sepultado no cemitério local, o sr. Alberto Cardoso de Matos, que no dia 8 faleceu em Lisboa, com 85 anos.

O extinto, grande benemérito do concelho, era casado com a sr.ª D. Maria da Glória Rocha de Matos, pai dos srs. eng.os Alberto da Rocha Cardoso de Matos, que foi deputado por Angola na anterior legislatura, e Manuel da Rocha Cardoso de Matos; irmão do sr. António Cardoso de Matos, proprietário nesta vila.

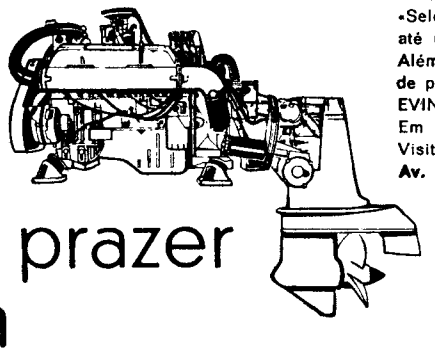
Viveu largos anos em Angola, onde fez fortuna. Ainda há pouco tempo um prédio que possuía em Luanda era considerado o maior da cidade.

O sr. Cardoso de Matos, a quem o Governo agraciou em 1953, simultaneamente com seu irmão José, com o grau de Cavaleiro da Ordem de Benemerência, sendo, nessa altura, proclamado Cidadão Benemérito do Concelho, espalhou alguns milhares de contos pelas instituições locais.

Fernando Olivença de Almeida

Da Basílica da Estrela para o cemitério da Ajuda, realiza-se amanhã ás 12 horas, o funeral do sr. Fernando Olivença de Almeida, natural de Fajão, falecido em 17 de Abril ultimo na Guiné, onde prestava serviço militar. Era filho do sr. Carlos Olivença de Almeida, já falecido, e da sr.ª Laurinda da Assunção Fernandes de Almeida.

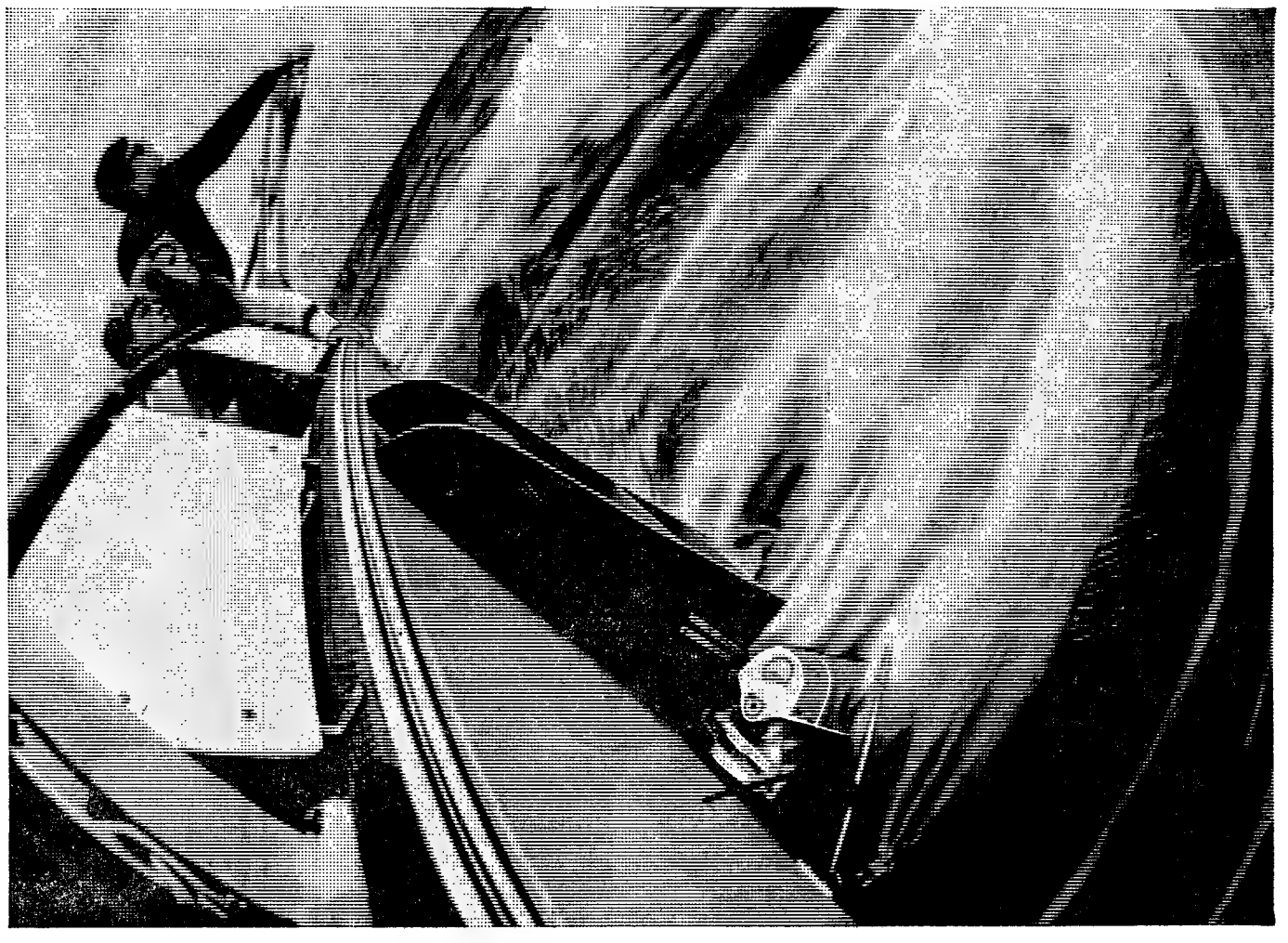
Os seus restos mortais encontram-se depositados na capela mortuária da basílica a partir das 21 horas de hoje.



O prazer da Acção!

Examine cuidadosamente este motor EVINRUDE com coluna de propulsão exterior.
A força de um foguetão disponível, para si, na popa de seu barco? Sim.
E, se reparar melhor, vai notar outra razão de preferência. Só a unidade propulsora está fora da borda — o motor é interior. Assim se obtêm, simultâneamente, a economia e a distribuição de peso de um motor interior; a maneabilidade e as vantagens próprias de um motor de popa.
Com o EVINRUDE de coluna de propulsão exterior você terá, ainda, alguma coisa mais.
Foi construído segundo as normas, tão exigentes, da técnica EVINRUDE e está apoiado numa garantia de dois anos, quando utilizado em navegação de recreio.
Muitos pormenores valorizam o seu futuro motor: o sistema de mudanças «Selectric», exclusivo da marca; levantamento, por inclinação, da unidade inferior até um ângulo de 90° e... como sempre, ACÇÃO.
Além de seis grandes modelos de motores interiores EVINRUDE, com coluna de propulsão exterior, cujas potências variam de 80 a 210 CV, o agente da EVINRUDE também tem, para si, motores de popa desde 1,5 a 100 CV.
Em toda a gama EVINRUDE você poderá gozar o prazer da ACÇÃO!
Visite já o seu revendedor EVINRUDE. C. SANTOS — Divisão Marítima e Industrial
Av. D. Carlos I, 4 — Tel. 66 77 94 — Lisboa

EVINRUDE
O poder da experiência



O TESOURO CIENTÍFICO E ARTÍSTICO REUNIDO PELO PROF. EGAS MONIZ

VAI FICAR PATENTE AO PÚBLICO EM AVANCA

O prof. dr. Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina, em 1949, falecido em 1955, vai ter, no próximo domingo, uma homenagem de saudade, a qual mais não é do que o cumprimento de um dos seus desejos expressamente vincado no seu testamento e que sua esposa, falecida dez anos depois, desejou que fosse cumprido á risca.

Aspecto exterior da Casa-Museu Egas Moniz

A vontade do sábio será pois satisfeita e o seu nome, famoso na Ciência que abraçou, não menos famoso ficará numa outra faceta que cultivava com carinho, amor e conhecimento: o prof. Egas Moniz era um cultor fervoroso de obras e objectos de arte e, ao cabo dos seus 81 anos, conseguira juntar peças curiosas e valiosíssimas. Entendeu e bem, que seria um crime de lesa-arte separar aquele tesouro e, em vontade testamentária, tomou as providências necessárias para que assim não acontecesse.

Assim, foi constituída a Fundação Egas Moniz, que reune todos os bens daquele sábio, na sua casa de Avanca, transformando-a em Casa-Museu Egas Moniz. Será inaugurada no próximo domingo, com a presença de elevado numero de convidados e a representação do Chefe do Estado e do ministro da Educação Nacional.

O maior orgulho de Avanca

Avanca foi a terra de nascimento do eminente cientista. É ele, o maior orgulho de Avanca. Por isso, na sua praça principal, lá se ergue o unico monumento da terra, a ele consagrado.

Todos os seus conterraneos sabem bem quanto o prof. dr. Egas Moniz queria á sua terra natal e ao quinhão de terra em que nascera — a Quinta do Marinheiro, no lugar da Areia de Gonde. Em 1915, depois de mandar derrubar a velha casa em que nascera, mandou construir outra, maior, a que agora será transformada em casa-museu, precisamente no mesmo local em que existira a outra. Para ali passou a ir em todas as suas férias de Verão e da Páscoa e algumas vezes no Natal. Ali, na tranquilidade do lugar, na quietude das sombras das frondosas árvores, na sua magnífica biblioteca, o professor estudava a Ciência a que votara a sua inteligência e a arte nos seus vários aspectos e esquematizava as ideias científicas que em Lisboa aplicava aos seus doentes.

Ali foi juntando obras de arte, enchendo com rico e valioso recheio toda a moradia. A par do estudo e da procura do desconhecido da sua profissão, tinha também aquela paixão. Gostava de rodear-se de belos quadros, de bonitas jarras, de louças preciosas, de figuras decorativas, de mobílias de estilo. O mesmo sucedia na sua casa de Lisboa. Também aqui as obras agrupadas eram muitas e de valia.

O desejo de não dispersar os seus valores artísticos vinha de longe, como confirma um projecto por ele deixado para a construção de um pavilhão próprio, anexo á casa de Avanca. Projecto que, aliás, foi agora cumprido, embora com ligeiras modificações, mas reunindo todos os objectos e peças raras da sua casa de Lisboa.

A casa de Avanca, um autêntico palacete de porte elegante, está rodeada por uma bela propriedade, na sua quase totalidade aproveitada agrícolamente. Era outro dos prazeres do ilustre professor. Um recanto com árvores de grande porte á entrada, um belíssimo e romantico lago com uma elegante ponte a ligar as duas margens, com frondosas árvores a toda a volta.

Na frontaria da casa, três placas a realçar o seu valor e apreço. Numa, pode ler-se: «Ao sábio prof. dr. Egas Moniz, autor da leucotomia pré-frontal, Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1949 — preito de homenagem dos seus amigos de Avanca e Pardilhó». Noutra: «Ao insigne prof. dr. Egas Moniz — preito de gratidão das colectividades recreativas do Porto e arredores — 24/9/950.» E na outra: «Nesta Casa do Marinheiro nasceu o prof. dr. António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz —descobriu a Angiografia Cerebral-1927. A Angiografia é a maior descoberta em Neurologia das ultimas décadas. Obra magnífica. Monumento «Aere Perenius» — prof. Otfrid Foerster — leucotomia pré-frontal — 1936 — Egas Moniz foi o primeiro que concebeu e executou uma operação eficaz nas perturbações mentais — profs. Freeman e Watts — homenagem dos seus conterraneos — 1944».

Como se pode ver nesta ultima placa, o seu nome completo era António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz. Os dois ultimos nomes, em toda a família, só começam a aparecer na sua pessoa, porque, diz-se, seu tio, o abade Caetano de Pina Abreu Sá Freire, irmão do pai e quem verdadeiramente o educou, descobriu descender a família do nosso histórico Egas Moniz. E então, estes dois nomes foram-lhe postos na pia baptismal.

Todas as salas da Casa-Museu são mobiladas em estilos diferentes

Todo o mobiliário da parte residencial é constituído por verdadeiras preciosidades, com todas as salas em estilos diferentes. A condizer com as mobílias, todas elas belíssimas, os restantes adereços, tais como candeeiros, jarras e tapeçarias.

À entrada, encontra-se a galeria dos retratos de família, todos pintados por Assunção Filho ou por João Reis. Lá está o avô do cientista, António Pinho de Resende,

(Continua na 19.ª página)

As jovens futebolistas lisboetas que, no Est... equipa londrina, foram ontem recebidas, nos G... pelo sr. Joaquim Nunes dos Santos, que tem p... promete largos voos. Dirigido pelo técnico Rei... da capital prepara digressões pelo Continente... vão assistir a curiosos embate...

A «MUNDOVISÃO» NASCEU FAZ HOJE SEIS ANOS

Foi há seis anos. A 10 de Julho, um foguetão Thor--Delta sobe em Cap Canaveral (agora Cap Kennedy) e coloca em órbita o Telstar.

O Telstar *parece um balão com que brincam as crianças, um tudo-nada maior, com os seus 70 centímetros de diametro.« Pesa 77 quilos, compõe-se de 15 000 peças, coberto com uma rede de 3600 células foto-eléctricas que transformarão os raios do sol em energia eléctrica. A altitude a que se encontra varia entre 965 a 5790 quilómetros, dará a volta á Terra em 160 minutos. Terá uma vida efémera: nunca mais de 6 meses. Os sinais que emite para o mundo donde partiu serão ampliados 10 biliões de vezes.*

Aos 49 minutos do dia 11 de Julho recebem-se na Europa as primeiras imagens reflectidas pelo Telstar, *com uma extraordinária nitidez. Pode pensar-se num milagre. Mas ás 3 horas e 45 as imagens são gravadas.* «Agora não temo duvidas — *dirá Louis Merlin* — os milagres não se repetem...»

No dia 12 de Julho, através do Telstar, *o ministro francês Marette e o americano McNeally conversam animadamente. As imagens e o som começam a estabilizar-se.*

A «Mundovisão» tinha nascido de facto. Oficialmente, teríamos de esperar mais 12 dias. A 24 de Julho, os telespectadores americanos viam a Europa em directo, os europeus assistiam, em directo, á conferência de Imprensa do presidente Kennedy. O mundo tornava-se subitamente a pátria comum e visível de todos os homens.

Passaram apenas 6 anos. Muita água desde então coreu debaixo da fonte. Recordemos o dia 12 de Julho de 1962 como o 3.º dia *em que a ansiedade se transformou em certeza e a esperança se tornou realidade neste velho e invensível sonho de aproximar os homens. E se a «Mundovisão» não deu ainda os frutos que se esperavam, a verdade é que a sua existência é um facto. O tempo fará o resto.*

«MADEIRA—TRABALHO E MARAVILHA»

—UM NOVO LIVRO DE CÉSAR DOS SANTOS

Entrou no prelo da «Editorial Eco de Funchal» mais um livro do nosso estimado camarada de redacção César dos Santos. Trata-se de «Madeira — Trabalho e Maravilha», primorosa obra de investigação e de análise sobre as actividades económicas da ilha da Madeira, sua história e paisagem, abarcando uma grande variedade de temas de sugestivo interesse.

Entre os vários e aliciantes assuntos versados, apresenta-nos o notável ensaísta de «Terra Morena — Algarve do Sonho e da Realidade», um valioso estudo actualizado sobre aspectos da personalidade e da existência enigmática de Cristóvão Colombo e suas relações, de capital importancia, com o arquipélago madeirense.

Na obra, de grande e oportuno interesse pela observação do fulgurante impressionismo da paisagem da Madeira, da psicologia da sua gente e dos problemas humanos. César dos Santos confirma as suas qualidades de admirável estilista, sobretudo quando descreve as árduas e impressionantes tarefas da população insular para a sobrevivência no espaço limitado da sua terra maravilhosa.

LIBRAS OURO

Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR

1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª

JÁ ANUNCIADAS

6.ª) — SR. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE

7.ª) — D.ª MARIA BONANÇA CARVALHO — FOZ

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a frescura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

Tartex

alimento suíço vitaminado

(em tubos e latinhas amarelas)

BARRADO NO PÃO É... FORMIDÁVEL!

à venda só nos melhores estabelecimentos

pedidos à diese Av. da República, 46 Lisboa 1

COUPE D'OR DU BON GOUT FRANÇAIS 1968

PREMIADO COM A DISTINÇÃO INTERNACIONAL

TAÇA DE OURO DO BOM GOSTO FRANCÊS 1968

CONFIE NA

Ourivesaria da GUIA

COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B

(Edifício do Hotel Mundial)

as que, no Estádio da Luz, bateram uma recebidas, nos Grandes Armazéns do Chiado, antos, que tem patrocinado uma iniciativa que pelo técnico Reis Borges, o «onze» feminino pelo Continente: Portimão, Évora e Setúbal curiosos embates desportivos

O CAFÉ DO BRASIL NÃO PODE VIR PARA PORTUGAL

RIO DE JANEIRO, 11 — (A. N. I.) — O director da Federação Agrícola de São Paulo, Fabio de Sales Meireles, que ontem regressou ao Rio de Janeiro, afirmou aos jornalistas, no Aeroporto do Galeão, que ficara muito surpreendido quando, em Lisboa, uma firma portuguesa lhe afirmou que estava interessada em importar do Brasil um milhão de sacas de café, mas que não pode fazer «porque o Instituto Brasileiro do Café (I. B. C.) não autoriza a transacção».

Acrescentou que lhe fora explicado que o recente acordo internacional do café, assinado em Londres, proibe ao Brasil a venda de café a empresas que não possuam torrefacção própria — o caso da firma portuguesa interessada na importação.

Anunciou que vai pedir esclarecimentos sobre o assunto ao Instituto Brasileiro do Café.

NOVO CASINO ESTORIL

LES GARÇONS DE LA RUE
famosos comediantes franceses

THE ELWARDO'S

MARIA DA NAZARÉ

BALLET DE
ARTHUR PLASSCHAERT
do Olympia de Paris

EDUARDO NASCIMENTO
E "OS ROCK'S"

JIRINA'S COMBO

JORGE COSTA PINTO
E SUA ORQUESTRA

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H. MAIORES DE 17 ANOS
NO WONDER BAR A 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA ÀS 21.30 HORAS
O CHARLATÃO
(M/ 12 anos)

o reporter de serviço

Joaquim Benite

O CICLO DA ENGUIA

Na Gafanha da Nazaré, perto de Aveiro. As duas horas da tarde, no Verão, o sol é uma verdadeira máquina de tortura, um aparelho de fazer estalar a cabeça. A luz intensa, o brilho agressivo da superfície da água, nos canais da ria, acabam por criar uma sensação de impaciência. Enquanto o automóvel percorria a grande estrada alcatroada, ladeada por terrenos alagados e pela enfiada de casas que constituem a povoação, o calor aumentava de momento a momento, e nenhum de nós já sabia como havia de estar. Os meus olhos espantavam-se com o espectáculo dos homens de tronco nu, muitos deles de cabeça descoberta, que trabalhavam nas salinas. Como era possível?

Para nós, citadinos, habituados aos refrescos, ao ar condicionado, ao «dolce far niente» das esplanadas, nada é possível. A vida existe apenas circunscrita ao universo fechado da nossa experiência.

— Eu já estava capaz de almoçar — disse um dos colegas.

O trabalho, iniciado na véspera, que nos havia obrigado a visitar museus, a percorrer a região de lés a lés, a falar com numerosas pessoas, estava terminado. A ideia do almoço foi o factor que operou, repentinamente, uma mudança da nossa disposição. Senti que, por momentos, a monotonia fora vencida.

Na pequena sala do estabelecimento onde entrámos (e onde prèviamente um aveirense que nos acompanhava havia encomendado o almoço) o ar era fresco. Nas paredes viam-se retratos antigos de família, idênticos aos que se encontram nas tabernas e nos restaurantes modestos, de mistura com as fotografias coloridas da equipa do Benfica e dos grupos gastronómicos, género «Os cinco da corda».

— Os senhores vão provar esta caldeirada — dizia o dono da casa, um antigo pescador que trocara a faina da ria pela estabilidade do negócio — que é a melhor especialidade cá da terra Os senhores vão ver.

Sobre a mesa já se encontrava uma enorme travessa de alumínio, grande como não me lembro de ter visto, cheia até mais não de batatas às rodelas e de enguias regadas com um molho amarelo e fumegante

— Nunca comi nada que me soubesse tão bem — era o que todos diziamos E, entretanto, o vinho e o pão acompanhando a caldeirada, as enguias em breve desapareciam da travessa.

— As enguias — dizia o nosso companheiro de ocasião — são um dos principais alimentos desta gente. Há muitas na ria e pescam-se fàcilmente.

Foi então que o Salvador Ribeiro teve a ideia de pedir uma sopa.

— Sopa? Temos aqui uma canjinha muito boa, sim senhor.

— Canja?

— Claro. Canja de enguias. É uma especialidade, os senhores vão ver.

A canja veio e em escassos momentos se foi. O almoço estava quase terminado. E quando o Salvador chamou o dono da casa e lhe perguntou se tinha pudins, pude ouvir uma das respostas mais espantosas de que me recordo:

— Pudins? Não senhor, nós dessa maneira não cozinhamos as enguias.. Só fazemos canja e caldeirada.

— Mas não, não falo de pudins de enguias... Doce, sobremesa...

— Ah, não, não ... Só temos enguias ...

Deixámos a cara inocente e admirada do negociante de enguias. O nosso carro pôs-se em movimento. Crianças queimadas pelo sol, descalças, puseram-se a correr atrás de nós.

OS DELEGADOS AO CONGRESSO DOS SINDICATOS JUGOSLAVOS EXIGIRAM O VOTO SECRETO

Do correspondente particular PAUL YANKOVITCH

BELGRADO, Julho. — O congresso dos sindicatos jugoslavos encerrou os seus trabalhos numa atmosfera tensa. Descontentes com a modalidade do escrutínio público proposto pela presidência de honra, vários delegados subiram á tribuna para protestar contra esse processo «antidemocrático», enquanto outros recolhiam assinaturas de colegas com o fim de exigir profunda modificação da lista dos candidatos ao novo Conselho Central, propostos por uma comissão especial.

Após uma interrupção da sessão, o presidente dos sindicatos, Duchahn Petrovic, convidou os delegados a votar por escrutínio secreto. Entretanto, anunciou que a lista dos candidatos ao novo conselho não podia ser modificada no seu conjunto, mas que cada delegado tinha também o direito de cortar e substituir os nomes que lhe não interessassem.

Isso foi — parece — para o congresso apenas uma meia satisfação, dado que se produziu um fenómeno inoncebível há poucos anos ainda: 261 abstenções em 1294 votantes. Outra característica do escrutínio: nenhum dos candidatos conseguiu a maioria de votos. Foram os «produtores directos» (operários e técnicos) que de facto alcançaram mais sufrágios e os profissionais do sindicalismo os que tiveram menos.

Deste modo, o presidente cessante dos sindicatos jugoslavos, Petrovic, que seria aliás reeleito mais tarde para o novo Conselho Central, assim como Milutin Baltitch, presidente dos sindicatos da República da Cracóvia, encontraram-se no fundo da escala com 816 votos cada um...

O congresso adoptou uma dezena de resoluções cujo texto definitivo não foi redigido sem dificuldades. No seu conjunto, esses documentos reflectem as novas tendências dos sindicatos jugoslavos, que querem afirmar a sua presença em todos os domínios da vida pública como organismos autónomos.

Exclusivo «Le Monde — «Diário de Lisboa»

Adjudicação da obra do aeroporto de S. Miguel

Vai ser construída a primeira fase do aeroporto de S. Miguel, nos Açores.

A notícia da adjudicação da primeira fase da obra, pela importância de 65 589 709$80, foi publicada no «Diário do Governo», hoje distribuido.

O decreto, emanado do Ministério das Comunicações, estabelece, ainda, que, não poderá a Direcção-Geral da Aeronáutica Civil despender, com pagamentos relativos ao contrato, mais de 26 750 000$00 no corrente ano e 388 839 709$80, ou o que se apurar como saldo, no ano de 1969.

UM NOVO LIVRO
DE MÁRIO DOMINGUES
D. DINIS
E SANTA ISABEL
1 volume de 368 páginas, capa ilustrada, 35$00
EDIÇÃO ROMANO TORRES
À VENDA NAS LIVRARIAS E TABACARIAS

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

As suas jóias estão antiquadas?
Pode vendê-las ou trocá-las
pelos ultimos modelos
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...
MERGULHÃO
AS MAIS LINDAS PRATAS
Rua de S. Paulo, 162 — Telef. 30013

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

Joseph, um dos dez filhos do malogrado senador Robert Kennedy chegou há dias a Espanha, na Companhia do tio Edward, o qual passou ontem por Lisboa, de regresso á América do Norte

Maurice Couve de Murville é o terceiro chefe do Governo desde o regresso (em 1958) do general de Gaulle ao Poder

PARIS, 11 — (F. P.) — Maurice Couve de Murville torna-se, com 61 anos o terceiro chefe do Governo francês desde o regresso do general de Gaulle ao Poder, em 1958.

Sucedendo a Georges Pompidou, o universitário, é agora um alto funcionário de finanças, por formação, que vai dirigir os assuntos publicos, sob a autoridade do general de Gaulle.

Maurice Couve de Murville, saido de uma família protestante, filho de um magistrado, passou muito jovem o difícil concurso da Inspecção das Finanças.

Depois de ter sido director das finanças exteriores, durante a guerra, foi comissário das finanças no Governo Provisório da Argélia.

Depois, e é o ponto de viragem da sua carreira, entrou na diplomacia para ser, em 1944, o representante da França em Roma, após o pedido de armistício da Itália. Director dos assuntos políticos no Quai d'Orsay, embaixador no Cairo, em Washington e em Bonn, foi num campo de golfe, perto da capital federal alemã, que recebeu o telefonema de Paris que faria dele, por dez anos, o ministro dos Negócios Estrangeiros da V Republica. «Vamos acabar o jogo» — foi o seu comentário, sem emoção, aos que o acompanhavam.

ELEGÂNCIA SÓBRIA

É com uma bem estabelecida reputação de fleuma que se instala no Quai d'Orsay. Mas não se trata de uma fleuma «britânica». Maurice Couve de Murville tem horror a qualquer espécie de snobismo, e nem a sua calma imperturbável, nem a sua elegância sóbria se inspiram em modelos estrangeiros. Com efeito, representa perfeitamente o tipo do francês que alia a clareza de espírito e a ógica cartesiana a uma certa austeridade moral e a um comportamento reservado.

Da sua aparente frieza, disse alguém que era como uma carapaça de gelo irisado pela ironia do sorriso. A imagem é bonita, mas trai um pouco a realidade. Sob a cabeleira encaracolada e prateada, o olhar castanho é mais atento que irónico, e se o sorriso é fugitivo é, também frequentemente divertido.

TEMIVEL NAS DISCUSSÕES INTERNACIONAIS

Esta têmpera de espírito, servida por uma memória electrónica, confere-lhe uma grande liberdade e uma eficácia temível nas discussões internacionais. E vai servi-lo, mais do que nunca, na tarefa que o aguarda. Não implica, de forma alguma, um sentimento de superioridade. Os eleitores parisienses, os da sétima circunscrição, que não o elegeram em 1967, como os da oitava, que lhe deram uma maioria esmagadora em 1968, descobriram nele um homem afável, quase modesto, sempre preocupado em colocar-se á altura dos seus interlocutores, e de levar as questões complexas aos seus componentes mais simples. Um homem cortês, também, que não deixa nunca de responder, quando é interpelado, com um amável «oui, monsieur», ou «oui, madame».

A Imprensa vê nele, principalmente, o «fiel executante» da política presidencial. Ele tem-se sentido, até agora, como o grande gerente do Estado, encarregado de traduzir na prática os pontos directrizes que emanam do «cupula».

As circunstancias que mudam os homens podem agora abrir-lhe novas vias.

BERYL TENCIONA CASAR-SE COM UM SOLDADO NORTE-AMERICANO

SYDNEY (Austrália), 11 — (A. N. I.) — Beryl Mellish, que passou a primeira semana do seu casamento forçado como refém do marido, declarou ontem que ia procurar obter a dissolução do casamento ou o divórcio, pois tencionava casar-se com um soldado norte-americano a prestar serviço no Vietnam, de quem estava noiva.

Acrescentou que conhecera o noivo, que identificou unicamente por Terry, quando ele estava a passar férias na Austrália

Entretanto, Walace, que manteve a Polícia em respeito uma semana, está internado num hospital para doentes mentais, sujeito a rigorosas medidas de segurança

Assassinado o chefe dos «catangueses»?

PARIS, 11 — (F. P.). — Ao procurar cogumelos num bosque da Normandia, um homem descobriu ontem um cadaver meio carcomido que se crê ser o de «Jimmy», o chefe dos catangueses do anexo Censier, que depende da Faculdade de Letras da Sorbonne. A autopsia revelou que foi morto com uma bala na nuca.

O inquerito permitiu estabelecer que um bando de jovens, circulando num automovel roubado perto do anexo Censier, tinha acampado neste local.

A Polícia pensa que «Jimmy» viera reabastecer-se, á frente do seu «comando», mas ignoram-se os motivos da execução. A tarefa dos investigadores é difícil, visto que os catangueses são conhecidos só pelo primeiro nome, e não se encontram fichados nos serviços da Polícia.

«Jimmy» tinha reputação de andar sempre armado com um revólver, e era notado pelo seu carácte irrascível e temperamento de zaragateiro. Os membros do bando, na maioria operários desempregados, tinham sido apelidados de catangueses por analogia com os da Sorbonne. Eles tinham-se instalado no Censier, aproveitando a atmosfera febril das noites de Maio, mas foram de lá expulsos pelos estudantes, que os consideravam demasiado turbulentos e comprometedores.

Não haverá alteração da política externa

— supõe-se em Washington

WASHINGTON, 11 — (F. P.) — A nomeação de Maurice Couve de Murville para o lugar de primeiro-ministro, em substituição de Georges Pompidou, não trará qualquer alteração á política estrangeira da França — considerava-se, ontem á noite, nos meios informados de Washington.

Couve de Murville, é bem conhecido nos Estados Unidos, onde foi embaixador e onde representou frequentemente a diplomacia francesa Há em Washington uma admiração sincera pelos seus talentos diplomáticos e aguarda-se com interesse a nomeação do titular dos Negócios Estrangeiros.

A NOMEAÇAO FOI BEM ACOLHIDA EM BONN

BONN, 11 — (F. P.) — A nomeação de Couve de Murville foi bem acolhida nos meios afectos ao Governo Federal alemão, onde, parece, não causou surpresas.

Os meios governamentais, ao mesmo tempo que se recusam a comentar a substituição de Pompidou estão satisfeitos por verem tornar-se primeiro-ministro um homem que conhece bem a Alemanha, visto que foi lá embaixador até 1958

Além disso, sublinha-se, Couve de Murville esforçou-se sempre por promover a cooperação franco-alemã

A GRÃ-BRETANHA MANTERÁ A CANDIDATURA DO MERCADO COMUM

LONDRES, 11 — (F. P.) — A partida de Georges Pompidou e a sua substituição por Couve de Murville não modificará em nada a atitude da França no que toca á candidatura da Grã-Bretanha ao Mercado Comum, mas não será por isso que essa candidatura, por seu lado, será alterada — considera-se nos meios informados de Londres.

Todos se abstêm, evidentemente, de qualquer comentário a respeito de um assunto estritamente interno, e o sentimento geral é de expectativa. Tudo dependerá, como no passado — pensa-se — das decisões do general de GaGulle.

A RÚSSIA TEME AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA EVENTUAL VITÓRIA DE NIXON

(Do correspondente particular Philippe Ben)

NOVA YORK, Julho — Há uns dias que, tanto nos corredores das Nações Unidas como nos «cocktails» diplomáticos de Nova York em Washington, os diplomatas, os jornalistas e os funcionários internacionais soviéticos desenvolvem febril actividade Fazem todos as mesmas perguntas: «Em que pensa realmente o presidente Johnson, quando fala da necessidade, ou possibilidade, de melhorar as relações russo-americanas?» «Que estará ele pronto a fazer para facilitar tal melhoria?» «Que preço **poderia ele pagar?»**

Esta atitude dos representantes soviéticos, sem dúvida conforme ás instruções muito precisas, confirma os relatórios que chegam ás Nações Unidas, procedentes de várias capitais, incluindo as da Europa de Leste. Os dirigentes soviéticos, agora obrigados a fazer frente ao excepcional número de dificuldades externas e internas, parece terem ficado impressionados com o tom dos últimos discursos do presidente Johnson e o seu desejo evidente de concluir o maior número possível de acordos de toda a ordem com a U. R. S. S., dado que, certamente, cada assinatura se verifica diante das câmaras de televisão e dá ensejo ao presidente para produzir novas declarações sobre o assunto.

É certo dizer-se em Moscovo que qualquer melhoria da atmosfera nas relações russo-americanas é impossível; a realidade, porém, não parece ser essa. É evidente, com efeito, que para os sovictes o tempo urge. Se, porventura, Nixon for eleito em Novembro, a política americana pode mudar. Os russos, que por conta do Kremlin observam a cena política americana, estão certos, em todo o caso, de que, de facto, o advento da «era Nixon» seria a morte, e por muito tempo, de todo e qualquer progresso do regime de coexistência pacífica. Nada de surpreender é, pois, que, nestas circunstâncias, certos cidadãos soviéticos aqui colocados estejam inclinados a dar crédito ao presidente cessante.

Essas diligências soviéticas encontram pouco estímulo. Os maiores especialistas dos problemas americanos têm, com efeito, grandes dificuldades em enumerar os casos concretos em que a melhoria das relações russo-americanas seria possível imediatamente, isto é, com a guerra do Vietnam a continar e Washington a negar-se a exercer pressão sobre Israel, em favor da evacuação das zonas ocupadas.

A única excepção parece ser a linha aérea directa Moscovo-Nova York. O presidente Johnson assinou um despacho autorizando a Aeroflot a explorar essa linha por conta da União Soviética, enquanto a Pan-American deve fazê-lo pela dos Estados Unidos. Mas não se vê muito bem como semelhante inauguração poderia efectuar-se agora, quando a grande estação turística de Verão já começou. Nestas condições, a maioria dos observadores considera as frequentes declarações do presidente Johnson ditadas principalmente pela preocupação de garantir melhor lugar na História.

O único facto positivo que Moscovo terá registado, recentemente, da parte da administração Johnson, é o pouco entusiasmo que os Americanos manifestaram por ocasião da nova crise de Berlim. Conforme informações de fonte absolutamente segura, quando Rusk recentemente se avistou, em Nova York, com o vice-primeiro-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Kouznetsov, disse-lhe, embora protestando contra as medidas tomadas pela Alemanha de Leste e tornando por estas responsável a U. R. S. S., que, na verdade, o Governo americano não desejava contribuir para aumentar a tensão e transformar esse litígio em nova provação russo-americana. Desta moderada atitude ter-se-ia imediatamente feito eco uma reciprocidade soviética.

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

A PONTE DE LONDRES NÃO PAGA DIREITOS

WASHINGTON, 11 — (A. N. I.) — A alfândega norte-americana classificou a Ponte de Londres como antiguidade, podendo assim entrar nos Estados Unidos sem pagar direitos.

A primeira secção da ponte, que conta 137 anos, chegou a Los Angeles, a caminho da cidade de Lake Havasu, onde vai ser reconstruída.

NEO-REALISMO

o 1.º volume da colecção
CADERNOS DE LITERATURA
intitula-se

HÁ UMA ESTÉTICA NEO-REALISTA?

de
MÁRIO SACRAMENTO

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
Rua da Misericórdia 117-2.º — LISBOA

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

À espera da «última ofensiva» da guerra do Vietnam

Oito divisões do Vietnam do Norte e do Vietcong poderão atacar no próximo mês

DA NANG, 11. — (F. P.). — As oito divisões norte-vietnamianas e do Vietcong estacionadas nas cinco províncias setentrionais do Vietnam do Sul lançarão a sua ofensiva no começo da estação das chuvas, no próximo mês — segundo um oficial afecto ao general Lam, comandante do Primeiro Corpo das forças sul-vietnamianas.

Enquanto aguardam os norte-vietnamianos procuram reguarnecer as suas fileiras, servindo-se das ultimas reservas e conduzindo á força, para o Vietnam do Sul, jovens sem experiência de combate e que não são seguros ideológicamente — indica a mesma fonte.

Só o facto de os norte-vietnamianos estarem muito bem armados inquieta os aliados, que se dizem prontos a sustentar uma ofensiva, que, afirmam, será a ultima da guerra.

O armamento dos norte-vietnamianos é agora essencialmente soviético, algumas veses checoslovaco. Já não têm, práticamente, armas chinesas.

COMBATE AO NORTE DE CON THIEN

SAIGÃO, 11 — (A. N. I.) — Fuzileiros americanos capturaram um arsenal das forças norte-vietnamianas que empurraram para além da «zona desmilitarizada» — anunciou hoje o comando das tropas dos Estados Unidos.

A batalha desenrolou-se ontem em redor da base de Con Thien, ao longo da fronteira entre os dois Vietnams e foi a ultima de uma série.

O quartel-general americano anunciou que os fuzileiros em combate ao norte de Con Thien abateram pelo menos 22 soldados inimigos, de uma força calculada em cerca de 200 homens, não sofrendo quaisquer baixas.

Os «marines» descobriram 242 «Bunkers», três toneladas de arroz, 300 granadas para morteiros de 82 milímetros 700 granadas para morteiros de 60 milímetros, 26 500 cargas para munição de pequenas armas, 226 granadas propulsionadas por foguetões, e muitas metralhadoras e espingardas. O material escondido também incluia grandes quantidades de uniformes, botas, arame farpado e telefones de campanha.

PREVÊ-SE NOVO ATAQUE A SAIGÃO NO DIA 20

Enquanto se intensifica a luta terrestre e aérea na zona setentrional do Vietnam do Sul, o general sul-vietnamiano comandante da frente de Saigão, previu hoje que o Vietcong lançaria um novo ataque contra a capital em 20 do corrente, data em que se celebra o décimo quarto aniversário do acordo de Genebra que dividiu o Vietnam.

Um informador militar dos Estados Unidos, afirmou que as tropas aliadas tinham feito recuar uma força inimiga de cerca de 200 homens que tentavam sondar as defesas exteriores de Saigão. A acção teve lugar a cerca de 8 quilómetros a ocidente do bairro chinês de Cholon cenário de violentos combates nas duas anteriores ofensivas deste ano contra Saigão.

Crianças biafrenses — algumas das vítimas da guerra civil na Nigéria. O bloqueio imposto a Biafra, aliado ao avanço das tropas federais, está a agravar a situação naquele território secessionista, onde grassa a fome.

UM AVIÃO AMERICANO E UM «MIG» ABATIDOS NO VIETNAM

SAIGÃO, 11 — (A. N. I.) — Os atiradores norte-vietnamianos derrubaram um jacto norte-americano perto da zona desmilitarizada e um piloto da Marinha abateu um «Mig» norte-vietnamiano precisamente por cima da zona desmilitarizada — anunciam os informadores militares dos Estados Unidos.

O aparelho norte-americano derrubado era um jacto «F-100» pilotado pelo major Michael Ryan, que foi salvo por um helicóptero. O major disse que os atiradores norte-vietnamianos tinham disparado o que lhe pareceu serem balas de metralhadora de calibre 50 e tinham atingido o aparelho quando fazia um voo de apoio aos fuzileiros.

O «Mig» abatido num combate que durou 90 segundos foi creditado ao comandante John B. Nichols, de 35 anos.

D. JUAN CARLOS PODERÁ SER DESIGNADO (POR DECRETO) HERDEIRO DO TRONO

—*CONSTA NAS ESFERAS POLÍTICAS DE MADRID*

MADRID, 11. — (F. P.) —O príncipe D. Juan Carlos de Bourbon poderá ser designado, por decreto do general Franco, herdeiro do trono de Espanha, tornando-se, deste modo, o segundo personagem do regime — de acordo com rumores que circulam nas esferas políticas madrilenas e dos quais só um jornal, o «Pueblo», órgão dos sindicatos oficiais, se faz eco.

Pensar-se-ia, por outro lado, numa remodelação ministerial, ainda este mês — indica a agência espanhola Pyresa. Não há comentários oficiais a este respeito.

Entretanto, recorda-se que o acesso do príncipe D. Juan Carlos ao trono está subordinado á abdicação do pretendente, seu pai, o conde de Barcelona. Ora bem, D. Juan de Bourbon afirmou, recentemente ainda, que não pensava em desistir da sua causa e que, na sua opinião, o filho, D. Juan Carlos, apenas era «agente de ligação» entre a coroa e o regime espanhol actual. O próprio príncipe sempre disse que não tencionava contrariar a vontade do pai.

O general Franco, por seu lado, tem manifestado repetidas vezes uma certa predilecção por D. Juan Carlos e nenhuma simpatia pelo conde de Barcelona. Notam ainda os observadores que o cargo de «presidente do Governo», que figura nas leis fundamentais do Estado, está em aberto. Estas leis, aprovadas pela consulta popular de 14 de Dezembro de 1966, destinam-se essencialmente a assegurar o «pós-franquismo». Assim, o chefe de Estado não tem obrigação de nomear um «presidente do Governo», enquanto se mantiver no poder. Actualmente, o almirante Luís Carrero Blanco é «vice-presidente».

Quanto á eventualidade de uma remodelação ministerial em breve, as opiniões divergem — declara a agência Piresa, um dos poucos órgãos de Informação que falam do assunto. Em certas esferas diz-se que poderá tratar-se de uma mudança «em profundidade» Noutras apenas se prevê uma reorganização limitada. A dar-se, os observadores pensam que seria antes do próximo dia 18, data do trigésimo segundo aniversário da sublevação militar contra a Republica.

A NOVA CONSTITUIÇÃO GREGA REDUZ OS PODERES DO REI

ATENAS, 11.— (R.) — Os poderes do rei Constantino exilado serão reduzidos e a Imprensa enfrenta restrições numa nova minuta de Constituição grega, que o primeiro-ministro George Papadopoulos tornou hoje publica.

Fontes geralmente fidedignas, que divulgaram detalhes da minuta antes da comunicação oficial, disseram que ela reduz, também, consideràvelmente, o numero de deputados.

A minuta, que deverá ser sujeita a um referendo nacional em 1 de Setembro, substitui a Constituição de 1952, mas, segundo as mesmas fontes, não foi marcada data para ela entrar em vigor.

Foi redigida após mais de 100 horas de discussão, por vezes acalorada, entre o Gabinete grego, chefiado pelos antigos oficiais do Exército que subiram ao poder em Abril de 1967, em consequência do golpe de Estado que levou o rei Constantino a partir para o exílio em Roma.

RESTRIÇÕES Á IMPRENSA

As referidas fontes revelaram que, nos termos da minuta:

— Os monarcas gregos teriam, no futuro, de consultar um conselho nacional, antes de tomarem quaisquer decisões importantes, em tempo de crise nacional

— O conselho seria formado por chefes de partido, antigos primeiros-ministros, os deões de Universidades e representantes dos principais sindicatos e associações profissionais do país.

—O conselho seria convocado pelo primeiro-ministro e o rei ficaria obrigado a cumprir as suas decisões.

— O rei teria, também, de nomear o chefe do partido da maioria como primeiro-ministro. Se nenhum partido desfrutasse de uma maioria nítida, então os membros do Parlamento elegeriam o primeiro-ministro. (Antes o soberano podia nomear, segundo o seu critério, primeiros-ministros).

—O numero de deputados seria reduzido de 300 para 150 e haveria sómente 15 círculos eleitorais em vez de 55.

— Haveria restricções á Imprensa e penas para o que o Governo poderia considerar como críticas injustificadas do regime.

O Gabinete reuniu-se ontem em sessão durante mais de três horas para apreciar a minuta final e Papadopoulos insistiu em que todos os ministros assinassem o documento.

ALEXEI KOSSYGUINE CHEGOU À SUÉCIA

ESTOCOLMO, 11 — (R.). — O primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine, chegou hoje a esta capital, para uma visita oficial de três dias á Suécia a convite do seu colega sueco Tage Erlander.

O seu avião especial «Ilyushin-18», escoltado por oito caças a jacto da Força Aérea sueca, tocou a pista do aeroporto de Arlanda com 40 minutos de atraso.

Tage Erlander, á frente de uma delegação governamental, além de guarda de honra e de cerca de 200 pessoas, aguardava a chegda do grupo soviético, que incluia a filha de Kossyguine.

Encontrava-se também no aeroporto o enviado das Nações Unidas ao Médio Oriente, dr. Gunnar Jarrang, que chegou ontem á noite de Genebra.

No meio de um cortejo escoltado por motociclistas, o grupo soviético dirigiu-se do aeroporto para o Palácio Haga, onde ficará alojado.

Esta tarde, Kossyguine visitará as repartições do Governo em Estocolmo, onde ratificará oficialmente uma convenção consular entre a União Soviética e a Suécia, que tinha sido concluída o ano passado, e iniciará também a primeira série de conversações com o primeiro-ministo sueco.

Em ALVERCA o «DIARIO DE LISBOA», encontra-se á venda na TABACARIA CAMPINAS, Rua Joaquim Sabino Faria, 18-A.

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

Preparação para secretárias e correspondentes esteno-dactilógrafas em português, francês e inglês

Habilitações mínimas para a admissão: Instrução Primária.

A duração do curso é variável com as habilitações das alunas.

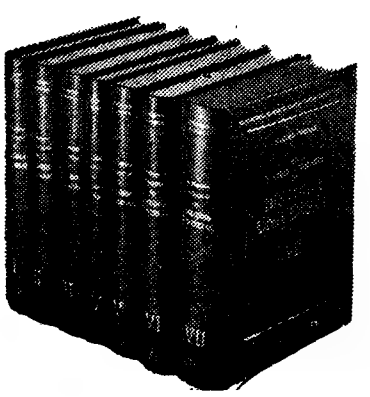
Enviam-se brochuras com a organização do curso e referências das empresas onde se têm empregado as ex-alunas.

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

RUA D. ESTEFÂNIA, 126

Telefs.: 44730 - 553575

As Grandes Correntes da História Universal



por **Jacques Pirenne,** considerada mundialmente a melhor de todas as HISTÓRIAS UNIVERSAIS — 7 volumes encadernados em balacuir em 10 pagamentos mensais de Esc. 172$00

ENTREGA IMEDIATA CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO ou à FILIAL EM LISBOA

AV. ALMIRANTE REIS, 102-R/C.-DT.º — LISBOA-1

RECORTAR ESTE CUPÃO E REMETER À

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires Gouveia, 27

PORTO

(D. L.) Agradeço me enviem um impresso-proposta para aquisição na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES das seguintes obras: .....

.....

NOME (Bem legível) .....

.....

ENDEREÇO .....

.....

VIDA RELIGIOSA

Missa nova

PENEDONO, 11 — Na freguesia de Souto, deste concelho, terra da sua naturalidade, celebrou a missa nova o rev. António Joaquim Almeida, filho do sr. Manuel do Espírito Santo Almeida e da sr.ª D. Emília da Conceição Almeida.

O novo sacerdote estudou no seminário de Viseu, a cuja diocese fica adstrito.

À cerimónia da missa nova assistiram além de familiares do rev. António Almeida, o srs. dr. António Joaquim Carvalho, da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, e esposa, António Carvalho, António de Almeida, dos C T. T de Viseu, etc

Homenagem a um sacerdote que faz 90 anos

LAGOS DA BEIRA, 11 — No sábado será aqui prestada homenagem ao rev. Luís Alves de Campos, por motivo do seu 90.º aniversário natalício e 66.º de vida sacerdotal. Preside á cerimónia o sr. D. Francisco Rendeiro, bispo de Coimbra.

FEIRAS e ROMARIAS

Na Gafanha de Aquém

No lugar da Gafanha de Aquém, situado numa das margens da ria de Aveiro, realizam-se nos dias 14 e 15, as tradicionais festas do São João da Ponte.

Haverá missa solene, sermão e procissão, e no dia 14, arraial nocturno e diurno, com despique entre a Banda dos Bombeiros de Ilhavo e a Banda do Asilo de Aveiro. No dia 15, exibir-se-ão bailaricos junto á Ponte Juncal Ancho.

FESTAS DA RAINHA SANTA EM COIMBRA

EXPRESSO POPULAR DA C. P. 14 DE JULHO

Comunica-nos a C. P. que realiza no dia 14 do corrente um Expresso Popular a Coimbra, por ocasião das Festas da Rainha Santa.

Este Expresso partirá de Lisboa (Santa Apolónia) às 9.15 horas com chegada a Coimbra às 12 horas.

No regresso, partirá de Coimbra às 23 horas, com chegada a Lisboa (Santa Apolónia) à 1.53 do dia seguinte. Tem paragem, tanto à ida como à volta, em Braço de Prata.

O preço de Lisboa a Coimbra, e volta é de 95$00 por passageiro.

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

RÉS-DO-CHÃO

Precisa-se, para armazém, escritório e pequena oficina. Indicar renda e local, à Rua Maria da Fonte, 49-1.º, em Lisboa.

máquinas de lavar automáticas

relax

EXTRAORDINÁRIA ACÇÃO DE LAVAGEM E SECAGEM
MODELOS DE 6 A 12 PROGRAMAS E COM ECONOMIZADOR

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA Rua António Enes 20 1.º Telefone 533037
PORTO - Rua Formosa 172 — Telefone 26902

ANÚNCIO

INSTALAÇÃO E EXPLORAÇÃO DE UM PAVILHÃO, COM SERVIÇO DE RESTAURANTE, BAR E CAFÉ

A Camara Municipal de Alpiarça aceita propostas até ás catorze horas do dia 7 de Agosto próximo, para concessão de ocupação da via publica, por vinte anos, com vista á instalação e exploração em epígrafe.

O terreno situa-se no Parque Municipal do Carril, em Alpiarça junto á E. N. 368 e em zona de pesca.

O caderno de encargos e programa de concurso podem ser consultados na Secretaria desta Camara durante as horas normais de expediente.

O Presidente da Camara
a) **António Manuel Gonçalves Saldanha**

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

*

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 72 49 75

LISBOA

VULCAIN

RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

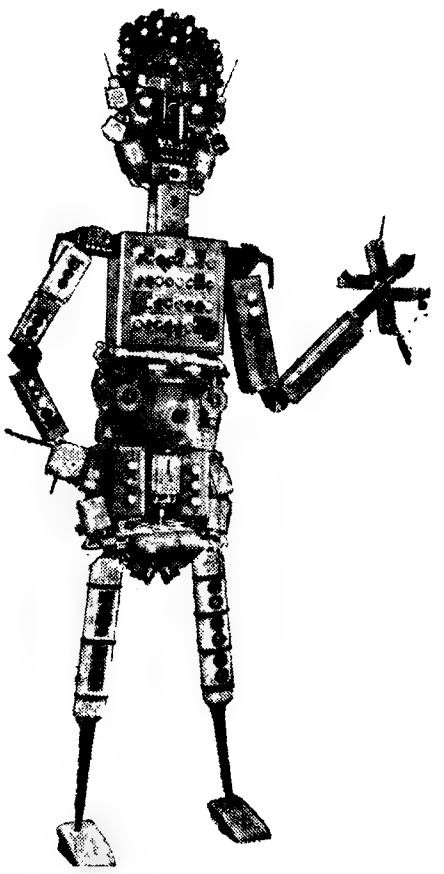
CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

EXPOSIÇÃO ITINERANTE TELEMECANIQUE



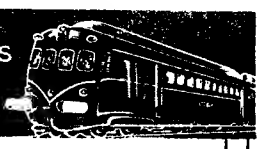
CONVITE

A **TELEMEC** TEM O PRAZER DE CONVIDAR OS SEUS PREZADOS **CLIENTES**, EX.MOS: **ENGENHEIROS, TÉCNICOS** E **INDUSTRIAIS** A VISITAR O AUTOCARRO EXPOSIÇÃO TELEMECANIQUE COM AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM APARELHAGEM ELÉCTRICA INDUSTRIAL

Hoje em COIMBRA no Parque da Cidade
Amanhã em LEIRIA, no Largo 5 de Outubro, das 17 às 24 h.
Sábado e Domingo em LISBOA a partir das 20 h. na Ribeira das Naus

TELEMEC — Rua de D. Estefânia, n.º 32-3.º, Dt.º — **LISBOA**

A DESEJA-VOS UMA BOA VIAGEM



EXCURSÕES DO DIA 14 DE JULHO

BEIRA ALTA E SERRA DA ESTRELA
(TRANSPORTE EM COMBOIO, COM AR CONDICIONADO, CIRCUITO TURÍSTICO RODOVIÁRIO E ALMOÇO)
Preço em 1.ª classe..... 305$00

AVEIRO, COSTA NOVA, PRAIA DE MIRA E COIMBRA, (FESTAS DA RAINHA SANTA)
(TRANSPORTE EM COMBOIO, COM AR CONDICIONADO, CIRCUITO TURÍSTICO RODOVIÁRIO E ALMOÇO)
Preço em 1.ª classe..... 260$00

SÓ TRANSPORTE EM CAMINHO DE FERRO
(Preço em 1.ª classe, com ar condicionado)

LISBOA a COIMBRA-B e volta..... 115$00
LISBOA a PAMPILHOSA e volta ..... 120$00
LISBOA a LUSO e volta ..... 125$00
LISBOA a SANTA COMBA DÃO e volta.. 140$00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (SANTA APOLÓNIA) E LISBOA (ROSSIO), NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS, NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES (RUA DO ARSENAL, 124) E NOS DESPACHOS CENTRAIS DO CAMINHO DE FERRO, EM LISBOA

EMPILHADORES/GUINDASTES MÓVEIS

TÉCNICO/VENDEDOR

Precisa-se urgentemente para firma distribuidora. Essencial bons conhecimentos inglês. Idade não superior a 35 anos. Resposta a este jornal ao n.º 362.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA GRATUITA AOS MOTORES MERCURY

Em Setubal: Todos os Domingos de Julho e Agosto das 9 às 12,30 horas, junto ao Clube Naval Setubalense.

Em Sesimbra: Todos os Domingos de Julho e Agosto das 14 às 17,30 horas, junto ao guindaste do Clube Naval Sesimbrense.

Representantes exclusivos:

H. VAULTIER & C.ª
RUA INSTITUTO INDUSTRIAL, 16 — LISBOA

GRANDE CAMPANHA DE VERÃO

FRIGORÍFICOS

AS MAIS CONCEITUADAS MARCAS MUNDIAIS

GENERAL ELECTRIC * FIAT HILTON * PHILCO * WESTINGHOUSE

MAIS DE 60 MODELOS DIFERENTES

PRESTAÇÕES MENSAIS DESDE 94$80

SEM FIADOR ENTRADA INICIAL

BRINDES EM TODOS OS FRIGORÍFICOS

A PRONTO OU A PRESTAÇÕES

Vapedrone

SEMPRE AS MELHORES CONDIÇÕES

SEDE: 54 - RUA DA VITÓRIA, 56 TELEF 33323

FILIAL: 17 - RUA DOS FANQUEIROS, 19 TELEF 320376

GREVE DOS TRABALHADORES INDUSTRIAIS E AGRÍCOLAS NA REGIÃO DE ROMA

ROMA, 11 — (F. P.) — Desde esta manhã estão em greve na região de Roma 250 000 trabalhadores de empresas industriais e agrícolas. Os seus sindicatos querem a intervenção do Estado a fim de ser impulsionada a produção industrial e agrícola.

Desde 1948 é a primeira vez que as três grandes sindicais operárias (C. G. T., comunista e socialista, C. I. S. T., democrata-cristã e U. I. T., socialista democrática) se unem num mesmo movimento grevista.

A greve que dura todo o dia de hoje não afecta os transportes públicos, água, gás e electricidade. Segundo os sindicatos, devido á falta de impulsionamento, a região de Roma tem actualmente 30 000 desempregados na industria e 17000 na agricultura. Três fábricas estão ocupadas há semanas pelo pessoal a fim de impedirem o seu encerramento. Os grevistas farão hoje um desfile pelas ruas da capital e terão um comício no Coliseu.

Na realidade a greve resulta de um movimento contra a crise que afecta certos sectores da economia italiana, e não todos, porquanto no conjunto a produção continua a progredir

O NOVO GOVERNO ENFRENTA HOJE UM VOTO DE CONFIANÇA NO PARLAMENTO

ROMA, 11 — (R.) — Um escândalo nos serviços secretos e agitação social cada vez maior representam problemas delicados para o novo Governo cristão-democrático de Itália, que enfrenta hoje um voto de confiança no Parlamento.

Espera-se que o Governo minoritário provisório de Giovanni Leone sobreviva por estreita margem á votação desta noite, em que se absterão os seus antigos associados na coligação governamental, os socialistas e os republicanos.

Contudo maiores obstáculos encontram-se á sua frente. Um deputado socialista apresentou uma moção para se realizar um inquérito parlamentar acerca da morte misteriosa de um funcionário proeminente dos serviços secretos.

Os democratas-cristãos conseguiram na ultima sessão bloquear o inquérito com o fundamento de que estavam envolvidos segredos militares, mas os comunistas e uma facção poderosa dos socialistas esperam que desta vez possam levar a sua avante.

Isso significaria um debate sobre o caso — e outro voto de confiança — antes do adiamento dos trabalhos nas férias de Verão, que começam em 26 de Julho.

ASSOCIAÇÃO VEGETARIANA PORTUGUESA

Amanhã, ás 21 e 30, a Associação Vegetariana Portuguesa promove uma visita ao Instituto de Ioga Caio Miranda, na Rua Fialho de Almeida, 40, 5.º, esq., dirigido pelo prof. António Pedro, que fará uma palestra sobre o ioga. Estará patente uma exposição de livros e fotografias.

UM NOVO QUARTEL PARA OS VOLUNTÁRIOS DA MALVEIRA

No domingo, ás 16 e 30, decorre na Malveira a cerimónia do lançamento da primeira pedra para a construção do novo quartel da Associação local dos Bombeiros Voluntários.

DIA NACIONAL DA FRANÇA

No domingo, data da Festa Nacional Francesa, o embaixador de França e a condessa de Rose receberão na Embaixada, das 11 e 30 ás 13 horas, a colónia do seu país.

Boa carreira do «Coral do Ribatejo» em terras estrangeiras

PARIS, 11 — (A. N. I.) — O Grupo Folclórico «Coral do Ribatejo» participou com muito êxito no Festival de Folclóre Internacional de La Ferté Bernard. A convite da Confederação Francesa dos Grupos Folclóricos, o «Coral do Ribatejo» vai agora visitar a região da Bretanha, depois de se ter exibido em Lorient, onde foi aplaudido com grande entusiasmo. Entre o publico, destacavam-se as tripulações das unidades da Marinha de Guerra portuguesa, que ali se encontram.

A noite passada, o Coral do Ribatejo exibiu-se em Ploemeur.

Da França, partirá para Antuérpia, onde participa no «International Volksdansfestival». E depois, a 19 de Julho, para Londres, onde gravará para o programa «Blue Peter» da televisão da BBC.

O Coral do Ribatejo exibe-se ainda em cinco cidades do País de Gales, devendo regressar a Santarém cerca do dia 6 de Agosto.

SOLTA DE POMBOS EM S. SEBASTIAN

Com organização da Federação Portuguesa de Columbofilia, efectua-se amanhã, uma solta de 3500 pombos-correios na cidade espanhola de S. Sebastian.

Os pombos participantes pertencem ás colectividades filiadas nas comissões distritais de Aveiro, Beja, Évora, Leiria, Lisboa, Portalegre e Setubal

Das 65 beldades de todo o Mundo que se candidataram ao título de «miss Universo», restam estas quinze, que no sábado á noite, em Miami, disputarão a prova final.

Telefoto especial para o «Diário de Lisboa».

UM CAFÉ DE SACAVÉM ASSALTADO PELA 2.ª VEZ

O sr. Alfredo Fernandes da Silva, proprietário do Café Lusitano, da Quinta do Prior Velho, em Sacavém, queixou-se á Polícia Judiciária de que, pela segunda vez, partindo o vidro de uma bandeira existente por cima da montra, alguém se introduziu no seu estabelecimento, roubando tabaco e todo o dinheiro existente na máquina registadora.

CONCURSO PARA «MISS UNIVERSO»

O vestido da candidata da África do Sul causou viva sensação

MIAMI BEACH, 11. — (R.) — Ontem á noite, durante a primeira eliminatória do concurso para a nomeação da «Miss Universo», a candidata sul-africana Mónica Fairall foi alvo de aplausos, assobios e pateadas e pôs a assistência em alvoroço por causa do vestido com que se apresentou.

Mónica Fairall, tem 20 anos e a excelente medida 78-60-78. Estudante de Durban, centrou todas as atenções do «show» e foi assunto de todas as conversas devido ao seu vestido ornamentado de setins dourados, com as costas decotadas até abaixo da cintura e, praticamente sem lados. Segundo comentou um funcionário do concurso, «miss» África do Sul chegou até onde é possível sem atingir a indecência.

Sessenta e cinco beldades de todo o mundo lutam pelo cheque de 10 000 dólares, além de outros prémios que serão entregues juntamente com a coroa de «Miss Universo» quando terminar o concurso do próximo sábado á noite.

Nesta eliminatória as jovens exibiram-se também em fato de banho e o juri escolheu as 15 melhores. Embora haja nova escolha no próximo sábado a votação de ontem á noite indica fundamentalmente a linha seguida pelo juri.

«Miss» Luxemburgo começou a deitar sangue pelo nariz quando aguardava a sua entrada. A jovem, Lucienne Krier, de 18 anos, apresentou-se com o nariz atulhado de algodão.

Kathleen Farrugia, «miss» Malta, sentiu-se desmaiar quando entrava no palco e teve de ser reanimada com um jornal.

Embora esta primeira parte não tenha influência directa no resultado final há um prémio para a jovem mais fotogénica. A escolhida pelos fotógrafos foi «miss» Jugoslávia, que é a jovem Daliborka Stojsio, de 23 anos.

As 15 jovens que na opinião do juri melhor se apresentaram em fato de banho foram:

Didi Anstett, «miss» E. U. A.; Mónica Fairral, «miss» África do Sul; Martha Vasconcellos, «miss» Brasil; Anne Marie Braafheid, «miss» Curaçau; Nancy Wilson, «miss» Canadá; Daliborka Stojsic, «miss» Jugoslávia; Roxana Bowles, «miss» Bolívia; Jennifer Summers, «miss» Inglaterra; Miranda Zafipopola, «miss» Suécia; Margine Davidson, «miss» Nicarágua; Anne Hellovist, «miss» Grécia; Elizabeth Cadren, «miss» França; Kim Kyung-Hee, «miss» Coreia do Sul; Miriam Fridman, «miss» Israel, e Apantree Prayutsenee, «miss» Tailandia.

EM TRÊS LINHAS

Um decreto noje publicado na folha oficial altera o regime de exames na Escola Central de Sargentos.

///

Foram alterados o quadro e os vencimentos do pessoal do Conselho Ultramarino.

///

O mapa do quadros do pessoal da Direcção Geral das Contribuições e Impostos foi fixado por uma portaria hoje divulgada.

Um decreto-lei hoje publicado no «Diário do Governo» actualiza e aperfeiçoa algumas disposições relativas ao pagamento de taxas, emolumentos e multas cobrados pela Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos.

///

Foi louvado o chefe de secretaria da Junta Autónoma do Porto de Setúbal sr. Guilherme da Silva Faria, que atinge o limite de idade no fim do mês corrente.

///

A Casa da Moeda aceita propostas, até 23 do corrente, para o fornecimento de 30 toneladas de níquel puro.

///

Está aberto concurso para provimento da vaga de um lugar de engenheiro da Câmara Municipal de Sintra.

MATEMATICA
FISICA
QUIMICA
uma nova técnica pedagógica no ensino destas disciplinas:
O ENSINO PRÉ-MOTIVADO
a partir de Outubro no
EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO
ARQUIMEDES
Rua Marques da Silva, 99, 2.

CASTANHEIRA DE PÊRA

ARTUR COELHO ANTUNES

FALECEU

Os empregados e operários da firma Fernandes, Antunes & C.ª, Lda., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso patrão e amigo e que o funeral se realiza amanhã, a hora a determinar, da Igreja de S. João de Deus para jazigo de família no cemitério de Castanheira de Pêra.

CASTANHEIRA DE PÊRA

ARTUR COELHO ANTUNES

FALECEU

Fernandes, Antunes & C.ª, Lda., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio gerente e que o funeral se realiza amanhã, a hora a determinar, da Igreja de S. João de Deus para jazigo de família no cemitério de Castanheira de Pêra.

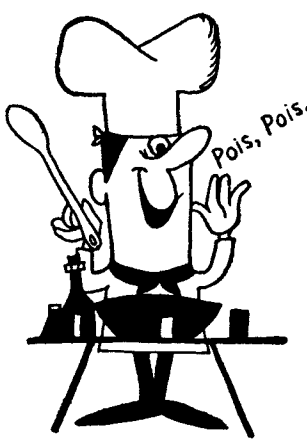
CASTANHEIRA DE PÊRA

ARTUR COELHO ANTUNES

FALECEU

Sua esposa, filho, nora, neto, irmãos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, a hora a determinar, da igreja de S. João de Deus para jazigo de família no cemitério de Castanheira de Pêra.

AGÊNCIA FUNERÁRIA DE MOSCAVIDE



VAMOS MODIFICAR!...

MAS PARA MELHOR

PARA

J. PIMENTA, SARL

E PARA

Rendimento garantido de 8 %, durante 12 anos, em andares e apartamentos mobilados em prédios situados em:

Reboleira — Amadora, centro da Amadora, frente à estação do C. F., Portas de Benfica, Parede, Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

Acabamentos luxuosos, construção especial com materiais duradouros, inclusive caixilharia em alumínio:

Não confunda! Consulte-nos em:

LISBOA — Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. — Tel. 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Tel. 952021/22
REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Tel. 933670

ARREFECE NO VERÃO
AQUECE NO INVERNO

- Grande capacidade de arrefecimento e grande poder de aquecimento por bomba de calor.
- Equipados com dispositivo automático de descongelação do condensador no período de aquecimento.
- Filtro desmontável, de fácil limpeza.
- Elimina poeiras e outras impurezas, filtrando completamente o ar.

REPRESENTANTES:
REFRIGERAÇÃO POLAR, LDA.
AV. ALMIRANTE REIS, 94-C — TELEFONE 533755

PRONTO A VESTIR

Fatos leves, casacos e calças de linho. Vestuário para campo e praia e as ultimas novidades em malhas. Camisas e calções de banho

ALFAIATARIA VERÍSSIMOS
Av Guerra Junqueiro, 8-C

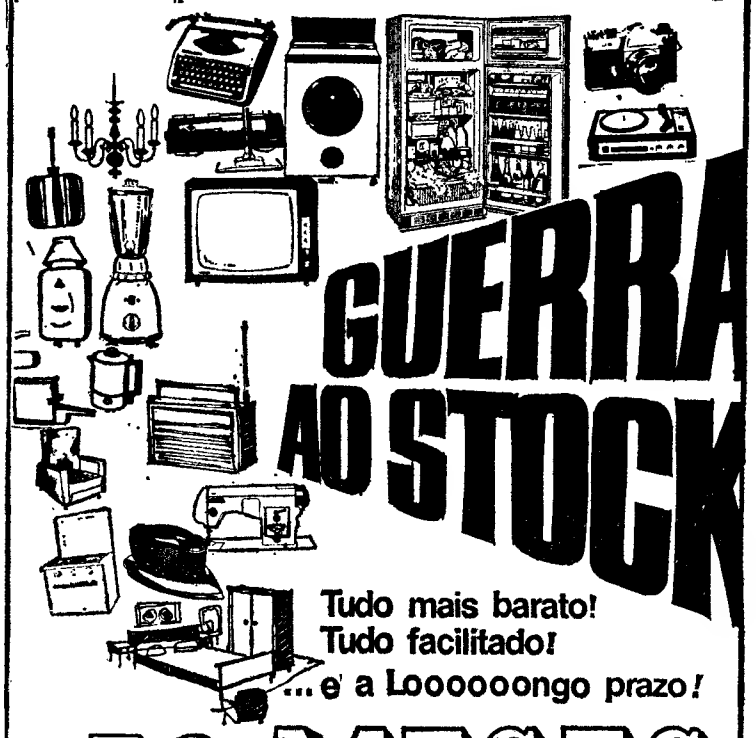
DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.

SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

CAMPANHA de FACILIDADES



GUERRA AO STOCK

Tudo mais barato!
Tudo facilitado!
... e' a Looooooongo prazo!

EM **30 MESES**
SEM ENTRADA

15 DIAS de FANTÁSTICAS OFERTAS

Preços de arrazar!
Facilidades à sua escolha!

PAGUE COMO QUISER!

NÃO TRAGA DINHEIRO e... COMPRE À VONTADE!

Bardo

ONDE V. COMPRA TRANQUILIDADE

...e ainda recebe grátis um seguro de vida de valor igual ao das compras efectuadas!

AV. DA LIBERDADE, 131
AV. ALM. REIS, 124
R. S. BENTO, 53-57
P. DE LONDRES, 7
R. 1º DE MAIO, 146 (S. amaro)

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq.º Telef. 32 06 60
Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Jorge Falcão — Pele e Sífilis — 15.30 h.
Dr. Luís Abecasis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental—3.ª e 5.ª—18.30 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

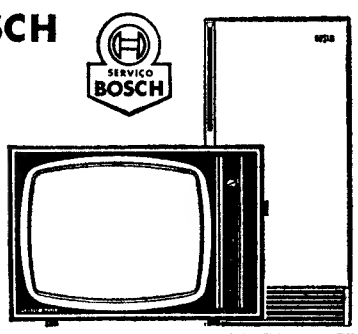
LOPES, BATISTA & NAFZ LDA.

Electrodomésticos BOSCH e PONTO AZUL

SERVIÇO BOSCH

JOMA

Blaupunkt



Venda e Assistência Tecnica

Rua Luis de Camões 5-A (a Santo Amaro)
Tel·633061/2·633031

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2º **TELEF. 369384**

Metz

É O FLASH MAIS VENDIDO EM PORTUGAL

O MELHOR PARA O AMADOR É EXIGIDO PELO PROFISSIONAL

TODO O MATERIAL PARA AMADORES E PROFISSIONAIS

DISTRIBUIDORES IMPORTADORES **profoto** *LIMITADA*
RUA DE SANTA JUSTA, 25—LISBOA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Julho de 1938 publicava:

«JERUSALÉM, 11 — Durante as desordens de ontem, foi lançada uma bomba contra um «omnibus» judeu. Ficaram feridas doze pessoas, sete das quais gravemente. Também em Haifa um judeu ficou ferido por um tiro. Em Tiberíades foi morto um judeu. Em Jerusalém foi lançada uma bomba contra o Hotel David.»

CURIO-SIDADES

● O enfarte do miocárdio

Entre muitas outras causas favoráveis a um enfarte do miocárdio, incluem-se as tentações do turismo, em cuja consequência aumenta o numero de «enfartes de fim-de-semana». Segundo estatísticas alemãs, o numero de enfartes aumenta nos dias de pagamento dos salários e depois de feriados. Os ritmos de trabalho contrários á vida natural, os turnos nocturnos e adicionais, as horas de trabalho excessivas e os salários por tarefa pertencem ao grupo dos factores sociais que frequentemente conduzem ao enfarte.

Há cerca de dez anos, o enfarte de um empregado ou operário significava na Alemanha um caso de aposentação. Hoje, a assistência médica, psicológica e social consegue reconduzir á vida profissional quase todos os pacientes que sofreram um enfarte. O maior factor de risco no tratamento posterior é o medo dos pacientes. Só quem superar o «medo secundário», gerado pela tensão entre o revigoramento e o receio de uma recaída e se adaptar á nova situação tem perspectivas de escapar á morte prematura.

● Novo medicamento garante a vida dos recém-nascidos

Graças a um novo medicamento, a anti-D-imunoglobulina, *foi eliminado definitivamente o perigo de os recém-nascidos serem vitimados pelo chamado* factor resus. *O medicamento, preparado no decorrer de anos no Instituto Central de Transfusão de Sangue, em Hamburgo, pelos drs. H. H Hoppe, Th. Mester, W Hennig e H. J. Krebs, já pode ser produzido em grandes quantidades.*

Entretanto decorrem experiências bem sucedidas com a anti-D-imunoglobulina *em divtrsas clínicas fora da Alemanha; e dentro em breve, estará ao alcance de todas as maternidades do Mundo.*

ANEDOTAS

Durante uma recepção mundana, em Paris, um general conversa com uma dama elegante, que se apresenta luxuosamente vestida.

— É deprimente ver tanto luxo — diz o general. — Sabe que as despesas da mulher francesa atingem o dobro do orçamento militar?

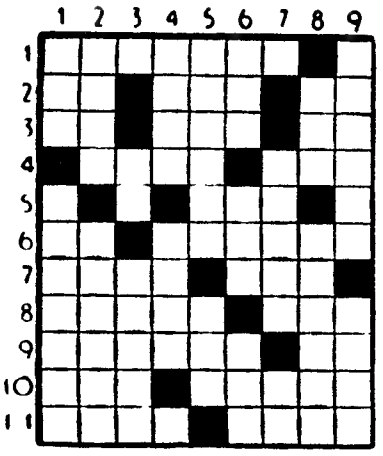
— É possível — responde a dama —. Mas não se esqueça, sr. general, de que as mulheres francesas fazem muito mais conquistas do que o exército.

—Berra esse «A-A-ARRGH! mais alto, com mais sentimento, assim!»

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4875



HORIZONTAIS: 1 — Abjurar. 2 — Caminhar. Elró. Preposição. 3 — Sufixo que designa estado. Chefe etíope. O mais. 4 — Transcrição portuguesa dos vocábulos semíticos ben, ebn, ibn, que significam filho. Piedosa. 5 — Transmite bens gratuitamente a outrém. 5 — Preposição Mancha esbranquiçada permanente, na córnea do olho, devida a traumatismos ou ulcerações. 7 — Glória. Oração que os Mouros fazem a Deus antes de se deitarem 8 — Substância azotada que se encontra na urina dos mamíferos. Letra grega. 9 — Extenso. O mais. 10 — Unidade monetária do Japão. Fruto silvestre. 11 — Antigo povo da Germânia Mamífero desdentado espécie de tatu.

VERTICAIS. 1 — Curso de água natural e abundante. Abrigo. 2 — Vaguela. Batas com o marrão 3 — Biário. (s. q.). Diz-se do toiro que tem branco o pelo dos órgãos reprodutores. 4 — Nome oficial, depois de 1938, do Estado Livre da Irlanda, república desde 1949. Filósofo inglês da escola experimental autor da Lógica e da Ciência da Educação 5 — Comprido. Nome de mulher. 6 — Contracção de preposição e artigo definido (pl.). Olé. Ave pernalta. 7 — Animal vertebrado que viva na água e respira por guelras. Abreviatura que se usa em musica. 8 — Ofereci. Indicara a data de. 9 — Adoçada com mel Içar

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4874

HORIZONTAIS: 1 — Averigua 2 — Miro. Anta. 3 — Anel. Liai. 4 — Chó. Sfrio 5 — Ao. Voais. 6 — Mel. 7 — Caldos. 8 — Banhas. Me. 9 — Oc. Or. MMM. 10 — MEL. Araci 11 — Ou. NOVO.

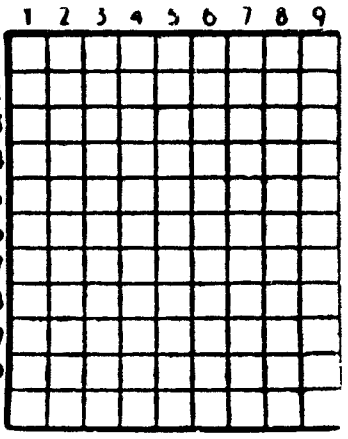
VERTICAIS: 1 — Amoçar. Boma 2 — Coral. 9 — Teimas. Raso.

VINHO. Cace 3 — Éreo Man. Ló 4 — Rol VELHO 5 — Soldara. 6 — Galia. Os. Rn. 7 — Unirias. Mão. 8 — Atais. MMCV. 9 — Aio. Prémio

Provérbio: MEL NOVO, VINHO VELHO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8719



HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Angola. 2 — Parte do mundo a que pertence o Japão. Apelido. 3 — Paixão. 4 — Basta. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. Prata (s q.). 5 — Aqui está. Vende a crédito. 6 — Preposição. Animal doméstico. 7 — Borrificar. 8 — Falda. Nome de mulher. 9 — Letra grega. Forma apocopada e proclítica de vale. Sufixo que designa estado 10 — Planta de haste oca nos entrenós. Estimai. 11 — Pegas. Escarnecerá.

VERTICAIS: 1 — Nome de um planeta. A morte. 2 — Artigo definido. Suspiros. Jibóias. 3 — Rema para trás. Tempo do verbo ser. Em a. 4 — Ilha situada no Pequeno Belt. Pronome pessoal. Futeis. 5 — Distrito da India portuguesa. Grande. 6 — Gavinhas. Aqui. Pátria. 7 — Oferecer. Executará. Nota musical. 8 — Érbio (s. q.). Escudeiro. Transmitir (bens) gratuitamente a outrém. 9 — Salgação. Homem desprezado ou excluído da sociedade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8718

HORIZONTAIS: 1 — Tonta. 2 — Am. Cai. Ce. 3 — Ler. Moi. 4 — Cromariam. 5 — Aoto. Oriá. 6 — Acolá. 7 — Aia. 8 — Aos. Cor. 9 — Provocara. 10 — Atal. Olas. 11 — Ró. Lia. Ló.

VERTICAIS: 1 — Falcão. Apar. 2 — Mero. Porto. 3 — Rota. Soa. 4 — Oc. Moca. Vil. 5 — Nota. Oito. 6 — Ti. Rola. Coa. 7 — Mira. Col. 8 — Coal.

CASA-MUSEU EGAS MONIZ

(Continuação da página central)

que foi tenente-coronel do Exército de D. Miguel; o rev. padre Caetano de Pina Resende Abreu Sá Freire, a que já fizemos referência, vendo-se a sua figura ostentando na lapela a medalha dada por D. Pedro V por «serviços prestados aquando da invasão da cólera em Lisboa»; o pai do sábio, Fernando Pina Resende de Abreu; a mãe, Maria do Rosário de Almeida e Sousa Abreu; a irmã, Luciana Augusta de Almeida e Sousa Resende de Abreu; e o tio, António Pina Resende Abreu Sá Freire.

Para a direita, a sala de jogo, sóbria e antiquíssima de mobiliário, com todos os pertences bem distribuídos e dispostos ao gosto do prof Egas Moniz. Segue-se, para o interior, o salão nobre ou de receber, belíssimo, quer pelo precioso papel de parede, quer pelo valioso candeeiro de candelabros, quer ainda pelas ricas gravuras ou pelo mobiliário antigo e de bom gosto. Depois, no mesmo sentido, a sala de jantar, muito bonita e sóbria, com pertences de muita valia, com imensas e bonitas peças de mobiliário e de louça de Cantão e vários quadros antigos. Destes, destacam-se pelo seu alto valor artístico, podendo mesmo classificar-se de preciosidades, um da escola flamenga pintado por Frans Snyders (1579-1657) e o frade Hispaleto.

Para o lado esquerdo de quem entra na casa, está a preciosa biblioteca, com uns quatro mil volumes, entre os quais muitos de valor incalculável e autênticas raridades. O mobiliário é também antiquíssimo, com cadeiras com mais de 200 anos, entre as quais um cadeirão almofadado preferido pelo cientista.

Um grande amigo do sábio

A casa está á guarda do sr. Joaquim Rosado, talvez a pessoa que mais de perto lidou com o cientista e talvez quem melhor o conheceu. O sr. Joaquim Rosado entrou para o serviço do mestre há 47 anos, rapaz então de vinte e poucos anos, chegado a Lisboa, vindo do Alentejo. Em breve era considerado quase como membro da família e a sua dedicação foi extrema. Acompanhava por todo o lado o prof. Egas Moniz — a quem por vontade do cientista, nunca chamou professor, mas apenas doutor.

Só ficou com pena, aliás como o próprio sábio, de não ter ido á Suécia — por doença do mestre — receber o Prémio Nobel, para ter o prazer de andar de avião. Foi tudo na casa e na família. Até enfermeiro do cientista — que sofria horrivelmente de gota desde os 24 anos — vestindo-o e barbeando-o nos ultimos tempos. Passou os maus e bons bocados do seu amo e grande amigo, muito especialmente quando do brutal e estupido atentado de que foi vítima o sábio, quando um louco que ele tratava disparou no seu consultório oito tiros de pistola, atingindo-o com seis balas. Foram dias de suplício e meses — os da convalescença — de esforço, dedicação e vigília constantes. Três das balas que atingiram o professor estão expostas na casa-museu e uma nunca lha tiraram de tal forma ficou alojada junto á espinha. Com a mesma dedicação, o sr. Joaquim Rosado serviu a viuva do professor durante os dez anos que sobreviveu ao marido. Agora, ali vive olhando pelas recordações de um casal que não lhe sendo nada foi tudo para ele: a sua própria família.

Um diploma do colégio

Nas escadas que ligam ao andar superior, podem ver-se inúmeros diplomas e mensagens encaixilhados e entre aqueles, um concedido ao prof. dr. Egas Moniz quando tinha 13 anos, no colégio dos Jesuítas de S. Fiel, em Castelo Branco, onde estudou.

Neste piso á direita, uma divisão foi agora transformada em sala científica, podendo ver-se os pertences científicos do mestre radiografias iluminadas que foram estudos seus, desde os primeiros trabalhos aos mais actuais, aparelhos e os gráficos das suas descobertas expostos em Paris

Para a frente encontra-se o quarto de dormir, tal qual era, com algumas preciosidades íntimas que não são mostradas ao publico. Belo o mobiliário, belos os motivos decorativos, belos todos os adereços e as camas geminadas Para um dos lados, os quartos de «toilette» da esposa e do cientista tais quais os deixaram.

Em plano ligeiramente superior, dois antigos quartos de hóspedes, transformados em salas uma, a sala Luís XVI, com mobiliário da época, figuras preciosas de Saxe e de Sèvres, jarrões e outros belos objectos; a outra, a sala Império, também com mobília da época, tapeçarias e quadros.

Ainda neste piso, para a parte de trás, a sala das gravuras, com mobiliário estilo D. Maria um pequenino quarto ao lado, com um belíssimo oratório e noutro idêntico, a capelinha da casa, com um sacrário riquíssimo do século XVIII e vários santos muito antigos e preciosos.

Uma outra sala contém a mobília do seu consultório em Lisboa, com retratos dos seus professores de Bordéus e de Paris e de outras recordações.

O andar superior é destinado a residência reservada, aí existindo ainda outras recordações.

A ligar directamente com o rés-do-chão está a parte construída em pavilhão, onde se encontram numerosos e valiosos tesouros. Na sala Prémio Nobel, o mestre tem um magnífico e expressivo retrato pintado por Henrique Medina; um outro a carvão, por Malhoa; cartas, mensagens e uma galeria com as suas mais destacadas condecorações, entre as quais o diploma e a medalha de ouro do Prémio Nobel. Em armários envidraçados ou á vista livre, louças antigas orientais, da Vista Alegre, da Companhia das Índias, de Cantão e China azul ou branco. Podem ver-se pinturas de Falcão Trigoso, de Eduarda Lapa; um armário com uma primorosa colecção de vidros coalhados.

No andar superior, vidros da Vista Alegre, preciosidades diversas, quadros de Malhoa, de Medina, de Carlos Reis, de Silva Porto, de Abel Salazar, de D. Carlos, de Pedro Alexandrino e ainda um outro de Snyders.

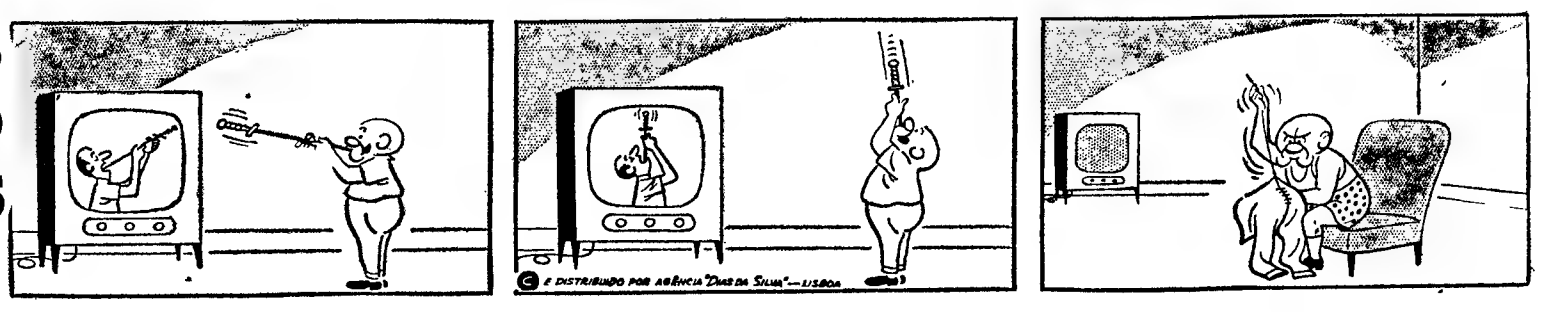
Tudo isto, todo este valiosíssimo tesouro carinhosamente escolhido e preservado durante os 81 anos de vida do ilustre cientista, estará a partir de domingo apto a ser visto e apreciado pelo publico. E, isso, porque o prof. Egas Moniz assim o quis, porque procurou evitar que aquele tesouro fosse repartido, espalhado e perdido. Legou-o a Avança Ofereceu-o a Portugal.

O melhor museu do distrito de Aveiro

A Fundação, instituída pelo prof. Egas Moniz e por sua esposa, tem fins educativos culturais e científicos, destinando-se ainda a manter a casa tal qual era, com parte residencial e parte museu. É seu presidente o marido de uma afilhada, o sr Boaventura Pereira de Melo, actual presidente da Câmara Municipal de Estarreja.

A partir de domingo, será estabelecido um horário para visitas á casa-museu, que ficará sendo, no seu género, a melhor de todo o distrito de Aveiro e uma das melhores do País.

AVENTURAS DO TIO CARLOS



DESPORTO

Classificação do «Nacional» de Fundo

LEONEL MIRANDA (SPORTING) SUBIU AO SEGUNDO LUGAR

Após a disputa do décimo Porto-Lisboa, realizado no transacto domingo a classificação oficial para o campeonato nacional de fundo (também denominada de «campeão J. N.») apresenta a seguinte ordem: 1.º, Fernando Mendes (Benfica), 195 pontos; 2.º, Leonel Miranda (Sporting) 110; 3.º, Joaquim Leão (Porto), 109; 4.º, António Pedro Moreira (Benfica), 90; 5.º, Gabriel Azevedo (Porto) 79; 6.º, Américo Silva (Benfica), 77; 7.º, Joaquim Freitas (Porto), 76; 8.º, António Acúrsio (Benfica), 71; 9.º, Manuel Castro (Ambar), 60, e 10.º, Emiliano Dionísio (Sporting), 56.

A nota mais destacada é a subida do sportinguista Leonel Miranda ao segundo posto da classificação

Em 1 de Setembro, o Circuito da Malveira

O Atlético Clube da Malveira volta a organizar, no próximo dia 1 de Setembro, o «Circuito Ciclista da Malveira» que, a exemplo dos anos anteriores, deve fazer deslocar àquela vila numerosos entusiastas, atraídos pela competição que sempre coloca em paralelo os melhores ciclistas portugueses da categoria «profissional».

No próximo dia 1 de Setembro, a par do «Circuito Ciclista da Malveira», realizam-se provas de pista, festas recreativas e um encontro de futebol entre duas equipas de prestígio

VELA

TRÊS PROVAS NO PRÓXIMO FIM-DE-SEMANA

A Associação Naval de Lisboa organiza, nos próximos dias 13 e 14 do corrente (sábado e domingo), três provas do seu calendário, denominadas «Regata da Taça Wintermantel», «Taça X» e «Prémio Walter Brasch».

Estas regatas destinam-se a barcos de grande e pequeno cruzeiro, e as partidas estão marcadas para Belém, ás 9 e 30.

Por seu lado, em Cascais, também no próximo fim-de-semana, realizam-se as ultimas regatas para a «Taça Costa Cabral», circunscritas a embarcações de tipo «Dragão». Os concorrentes — á frente dos quais se encontra o velejador Clemente Simão — defrontam-se em percurso olímpico.

as férias são um prazer

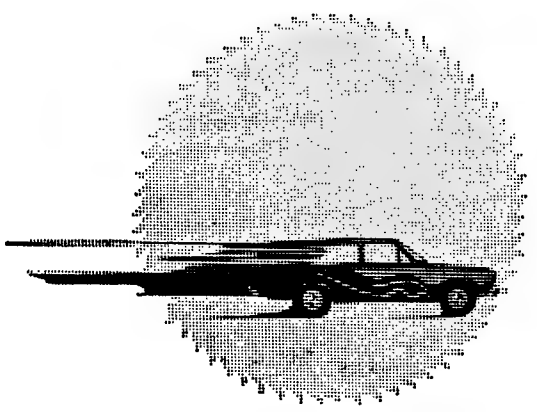
deixe que o seu Ford também as goze

Leve o seu carro a um dos Concessionários FORD para uma inspecção de férias.

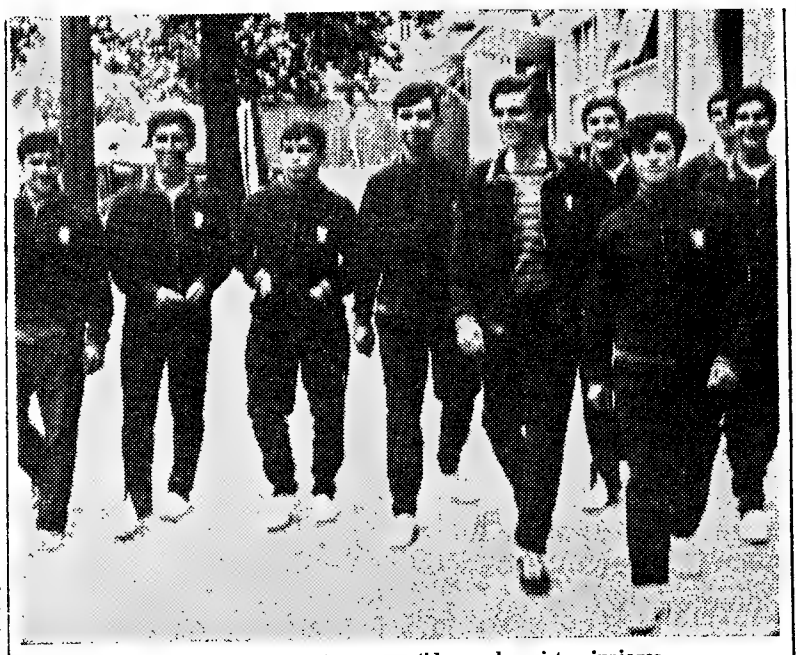
Verifique: Pneus, Travões, Luzes, Bateria e sistema de Ignição.

... E aproveite para ver os acessórios especiais para férias que os Concessionários FORD têm á sua disposição.

Se vai para o estrangeiro, peça o guia das Concessões FORD na Europa.



Ford



Momentos antes da partida, os hoquistas juniores de Portugal, mostram-se confiantes e optimistas

O SANTOS (COM PELÉ) DERROTADO PELOS «STOKERS»!

CLEVELAND (Ohio), 11 — (A. N. I.) — O «Stokers» de Cleveland infligiram a primeira derrota á equipa de futebol do Santos, do Brasil, na sua actual digressão pelos Estados Unidos. O resultado foi de 2-1, sendo o encontro renhidamente disputado.

Assistiram ao jogo 16 200 pessoas («record» de Cleveland) e as equipas alinharam:

CLEVELAND — Shardlow; Borodiak, Best, Short e Navarro; Turner e Liotart; Mendoza, Henrique Mateus, Albrecht e Kuzman.

SANTOS — Lercio; Delgado, Turcão, Oberdan e Clovaldo; Orlando e Auri; Lima, Tóninho, Pelé e Pepe.

HÓQUEI EM PATINS: «EUROPEU» DE JUNIORES

ESTES RAPAZES PODEM SER OS FUTUROS CAMPEÕES OLÍMPICOS

— diz (da nossa selecção) o seleccionador (Guilhermino Rodrigues)

Com a sua admissão, como disciplina olímpica o hóquei em patins deixará de ser uma modalidade doméstica.

Pode crer — diz-nos o responsável por esta jovem equipa portuguesa, o jornalista Guilhermino Rodrigues — sobre esta selecção recai uma responsabilidade como nenhuma outra teve. Um título mundial ou mesmo europeu, pertença habitual dos conjuntos ibéricos, de limitado apreço internacional para alguns, passará a ter o maior significado quando outros países, autênticos colossos do desporto como os Estados Unidos ou a U. R. S. S. ostentem um título olímpico. Então — sim — nota-se ligeira melancolia no tom de voz do seleccionador do «cinco» de Portugal — o hóquei em patins terá finalmente conhecido a consagração que merece. Serão já os grandes países a interessarem-se pela sua valorização.

Por isso lhe disse que esta selecção tem sobre si uma grande responsabilidade. Estes moços têm que projectar todas as suas ambições para daqui a quatro anos, para 1972 onde alguns poderão ter a possibilidade de ser campeões olímpicos, Nunca nenhuma selecção de juniores teve essa oportunidade. Estes rapazes serão os continuadores dos feitos dos actuais seniores. Podem vir a ostentar um título olímpico!...

Eu próprio senti-me deprimido! Quem sabe se alguns outros valores foram preteridos por um erro de apreciação.

Voltemos ao campeonato europeu, á única razão válida para esta concentração dos jovens hoquistas portugueses. É ainda Guilhermino Rodrigues quem nos esclarece: — Foi pouco o tempo de que dispus para os trabalhos de selecção. E a necessidade de fazer tudo depressa influiu até no rendimento dos rapazes chamados a prestar provas Eu próprio, devo confessá-lo, senti-me deprimido. Receoso de que por um erro de observação tivesse afastado rapazes que, num dia menos feliz, não tivessem denunciado toda a sua capacidade. Mas a verdade é que alguém tinha de dicidir, e como essa tarefa me fora confiada... Contudo, com o decorrer dos treinos foi ganhando consistência a minha convicção de que poderíamos formar uma boa equipa. E agora — concluiu, optimista — todas as esperanças são legítimas.

O desejo de acertar é precisamente o mesmo

De resto, a afirmação do seleccionador é prontamente corroborada pelos rapazes. AZEVEDO, um quase veterano, que participou nos trabalhos da equipa no ano passado, estabeleceu o paralelo, acrescentando: O ano passado todo o trabalho foi feito com muito mais tempo, mas o desejo de acertar é o mesmo. É precisamente o mesmo — reforçou.

Desfizera-se o *acanhamento* inicial. CRISPIM, outro azougado moço da junior equipa lusitana, entrou no colóquio: Haverá que contar com a Espanha, que joga «em casa» e já treina há cerca de três meses. Depois, talvez a Alemanha. Serão, com certeza, os maiores obstáculos para as nossas pretensões.

Um sucessor para Adrião?

Quando o prestigioso hoquista laurentino Fernando Adrião se despediu do público lisboeta, António Raio, o seleccionador dos «maiores», quando se esperaria a «passagem do testemunho», fez entrar para o lugar do famoso jogador um jovem quase desconhecido do grande público: CRISTIANO. Quereria o seleccionador gritar a ideia de que a posição de médio no «cinco» de Portugal estava vaga e que seria de quem a merecesse? A verdade, porém, é que o jovem Cristiano, que já participara nos treinos da selecção principal, terá de ser, também, considerado um candidato ao lugar de F. Adrião. Ser-lhe-á, certamente, bastante util, portanto, esta «passagem» pela equipa de juniores.

— É verdade que fui o último hoquista a ser dispensado dos trabalhos da selecção A. Mas nunca dei todo o rendimento de que me julgo capaz. Agora sim, com rapazes da minha idade, sinto-me mais á vontade. Substituir Adrião? É difícil, mas...

*

A embaixada lusitana partiu esta manhã, de autocarro para Vigo. Melhor, para Samil, a dez quilómetros da cidade, onde ficará instalada

ENCARNAÇÃO VIEGAS

HOJE, À NOITE

TÉNIS DE MESA — Campeonato Individual de Lisboa, em pares (seniores), nas mesas do Ateneu e do Benfica, ás 21 e 30.

ATLETISMO

Campeonato Regional por equipas — 1.ª Divisão

BENFICA-SPORTING

Estádio da F. N. A. T.

(Av. Roma — Av. E. U. A.)

1.ª JORNADA

SÁBADO, 13 às 17 horas

2.ª JORNADA

DOMINGO, 14 às 17 horas

(Maiores de 6 anos)

ITÁLIA PRIMEIRO ADVERSÁRIO

É o seguinte o calendário de jogos estabelecido para o 7.º campeonato europeu de juniores de hóquei em patins:

Dia 13: Espanha-França; Alemanha-Holanda; Portugal-Itália.

Dia 14: França-Alemanha; Espanha-Itália; Portugal-Holanda.

Dia 15: Itália-Holanda; Espanha-Alemanha; Portugal-França.

Dia 16: Itália-França; Espanha-Holanda; Portugal-Alemanha.

Dia 17: França-Holanda; Itália-Alemanha; Espanha-Portugal.

E a comitiva portuguesa que se desloca a Vigo é assim constituída:

Chefe da Delegação — José António de Sequeira Fontes; director-delegado — Manuel Santos; médico — dr. Angelo do Couto Soares; seleccionador nacional — Guilhermino da Assunção Rodrigues; treinador — Adriano Welson Gonçalves Marques; massagista — Victor Hugo Henriques Soares; árbitro — Manuel Barata.

Jogadores: José Manuel Castro, Artur Francisco G. Balceizão, Manuel José Portela Azevedo, Cristiano Joaquim M. T. Pereira; Artur Agostinho Cruz de Almeida, José Fernandes da Silva, Carlos Eugénio Santos Vieira, Joaquim Pedro Ribeiro A. Dinis, António Luís Crispim Leal, Rui Manuel Barros Monteiro.

DESPORTO

ONTEM EM FALL RIVER

O V. Guimarães venceu (5-0) os alemães do T. Borussia

FALL RIVER (Massachusetts), 11 — (A.N.I.) — O Vitória de Guimarães saiu vencedor por 5-0 no encontro de futebol que ontem disputou com o Tennis Borussia, da Alemanha Federal, no estádio de Fall River (Massachusetts).

Marcaram: Rocha (1), Mendes (2) e Pepe (2).

As equipas alinharam:

VIT. GUIMARÃES — Roldão; Gualter, Barreto, Rocha e Pinto; Joaquim Jorge e Peres; Martins, Pepe, Mendes e Vieira.

BORUSSIA — Rheinhard R.; Quade, Eschen, Morr e Otto; Arndt e Rheinhard U.; Baer, Kieffon, Schiemann e Balz.

Novos «records» na piscina dos Olivais

O torneio de homenagem á Imprensa, Rádio e Televisão prosseguiu ontem na piscina dos Olivais, com as provas respeitantes á 2.ª e ultima jornada.

Porque se trata de uma piscina de 50 metros, que Lisboa não possuia em tempos ainda não muito distantes, há sempre a esperança de ver cair um máximo, em piscinas daquelas dimensões. Não admira, portanto, a queda de três «records», alcançados pelo junior Rosa Jorge, pela senior Ana Maria Gaspar e pela junior Graça Naia. Como não admira que todos estes nadadores pertençam ao Algés e Dafundo.

De resto, sem terem dominado por absoluto, o mesmo que dizer que não ganharam todas as provas, os nadadores do S. A. D. revelaram a costumada superioridade que se cifrou em 75 %, pois das 16 provas realizadas, só 12 foram ganhas por elementos do S. A. D. Nas restantes quatro triunfaram representantes do Nacional de Natação.

Os vencedores foram os seguintes:

Provas masculinas — 1500 m livres: Repas Gonçalves (S. A. D.), 20 m. 49,8 s.; 200 m mariposa, insc. livre: Vítor Fonseca (S. A. D.), 2 m. 29,2 s.; 100 m bruços, inf.: Luís Baptista (C. N. N.) 1 m. 44,2 s.; 100 m bruços, juv.: Julio Pereira (S. A. D.), 1 m. 28,4 s.; 200 m costas, insc. livre: Carlos Silva (S. A. D.), 2 m. 37 s.; 100 m, livres inf., Luís Silva (S. A. D.), 1 m. 21,7 s.; 100 m, mariposa, juv.: Francisco Alves (S. A. D.), 1 m. 17,5 s.

Provas femininas — 400 m livres, insc. livre: Ana Paula Matos (C. N. N.), 5 m. 50,4 s.; 100 m costas, inscr. livre: Maria do Céu Castelo Branco (S. A. D.), 1 m. 25,8 s.; 100 m, livres, inf.: Ana Paula Lopes (C. N. N.), 1 m. 46 s.; 100 m, livres juv.. Isaura Martins (S. A. D.), 1 m. 19,2 s.; 200 m, bruços, insc. livre; Graça Maia (S. A. D.), 3 m. 15,1 s (novo «record» de juniores); 100 m. costas, inf.: Ana Lopes (C. N. N.) 1 m. 49,7 s.; 100 m, bruços, juv.: Cristina Patacas (S. A. D.), 1 m. 31,9 s.; 4×100 m, estilos: Algés e Dafundo, 6 m. 10,1 s.

Os «records» estabelecidos foram de Rosa Jorge, junior, 2.º nos 1500 metros e de Ana Maria Gaspar, senior, nos 400 m livres

UNIVERSÍADA DE LISBOA —INSTALAÇÃO DA COMISSÃO ORGANIZADORA

Presidida pelo ministro da Educação Nacional com a presença do ministro da Marinha, de altas individualidades e das autoridades académicas, efectuou-se ao fim da tarde de ontem, no Secretariado Nacional de Informação, a cerimónia da instalação da Comissão Organizadora dos Jogos Mundiais Universitários da F. I. S. U. — Universiada de Lisboa, 1969.

Depois da projecção de um excelente documentário cinematográfico da ultima Universiada de Inverno, em Tóquio, de 1967 e do judoca Fernando Almada, medalha de bronze dos jogos, no Japão, ter hasteado a bandeira da Universiada enquanto se ouviam os acordes do hino da Universiada, falou em primeiro lugar o dr. Armando Rocha, director-geral dos Desportos, seguindo-se no uso da palavra, o estudante Ferreira Mendes, o dr. Sarmento de Vasconcelos, reitor da Universidade de Lisboa, e por fim o prof. Galvão Teles, ministro da Educação Nacional que oficialmente empossou a Comissão Organizadora.

Todos os oradores salientaram a importancia da reunião desportiva a que Lisboa vai assistir no próximo ano e por fim foi oferecido um beberete a que assistiram os membros do Governo presentes ao acto.

O FUTEBOL BRASILEIRO VAI DEFRONTAR O «RESTO DO MUNDO»

RIO DE JANEIRO, 11 — (F. I. F. A.) — A Federação Internacional de Futebol (F. I. F. A.) enviou á Confederação Brasileira dos Desportos (C. B. D.), um telegrama em que confirma que a «Selecção do Resto do Mundo» poderá defrontar a selecção nacional brasileira de Futebol, por ocasião das comemorações do aniversário do bicampeonato mundial, conquistado pelos brasileiros em 1958 e em 1962.

A F. I. F. A. e a C. B. D. não decidiram ainda a data exacta do encontro, que deve realizar-se entre 10 e 12 de Novembro.

Inicialmente, a C. B. D. manifestará o desejo de que o jogo fosse no dia 15 de Novembro, feriado nacional brasileiro. No entanto, os dirigentes desportivos brasileiros estão agora a tentar que o encontro coincida com a visita da rainha Isabel II de Inglaterra ao Rio de Janeiro.

Hoje, em Chamartin

Real Madrid-«Barça» — final apaixonante na «Copa Generalíssimo»

MADRID, 11 — O Estádio de Chamartin, em Madrid, será logo cenário de mais uma final da «Taça Generalíssimo», um despique que está a apaixonar não só os adeptos espanhóis como estendeu o seu interesse para além das próprias fronteiras do país.

Estarão presentes no relvado os dois maiores clubes do desporto hispânico De um lado o Real Madrid, cioso dos seus pergaminhos, a querer certamente manter uma hegemonia que vem de longe; do outro o Barcelona, ávido de um triunfo que para além de lhe outorgar o «diploma» de campeão de Espanha — aqui é o vencedor da Taça que ostenta o título — tem para os catalães o especial valor de ser alcançado sobre um antagonista com quem mantém a mais acesa rivalidade.

Do lado barcelonista crepitam altas chamas de entusiasmo e fé. Salvador Artigas, o técnico da turma «azulgrana» conta com todas as «estrelas» da constelação barcelonista a dar-lhe uma garantia quase total de eficiência e rentabilidade que justificam todas as ambições. Por seu turno a Miguel Muñoz, o treinador dos «merengues» deparam-se grandes problemas para a constituição de uma linha á verdadeira altura da final. O quadro madridista foi particularmente afectado por uma onda de lesões, que impede. ou pelo menos torna problemática até ao ultimo instante a utilização de oito jogadores do plantel E, ainda que no Real Madrid militem vários jovens de excelente capacidade á espreita de uma oportunidade, hemos de convir que não se substituem muito fácilmente jogadores da craveira e estatura técnica daqueles que integram o conjunto «branco».

Todavia e apesar deste clima de duvidas e apreensões que rodeia o confronto difícil se torna já obter (apesar da lotação do estádio) o bilhete de ingresso. Sobretudo da Catalunha, uma multidão se prepara para estar presente em Chamartin, constituindo impressionante e ruidosa falange de apoio ao «Barça», em busca de paridade em relação ao antagonista no plano internacional que a próxima época lhe pode conferir. Será, portanto, um choque em paralelo aquele a que se assistirá em Chamartin. E estamos em crer que o dos «gradenos» não será o menos impetuoso.

SAN MARCOS

O MANCHESTER CITY INAUGURA A ILUMINAÇÃO DO «MUNICIPAL» DE COIMBRA

Na reunião da Camara Municipal de Coimbra o vereador António Miranda Veloso, referiu-se aos melhoramentos a inaugurar no Estádio Municipal e propôs que no festival de inauguração participassem todos os clubes de Coimbra de molde a conferir a maior grandiosidade ao acontecimento.

O presidente, eng.º Araujo Vieira, comunicou á Camara que se efectuaria, no Estádio Municipal, uma cerimónia de homenagem aos operários que trabalharam na montagem das torres de iluminação e forneceu pormenores sobre a capacidade técnica desses operários.

O dr. Francisco Cortês, dadas as provas de competência demonstradas nas obras realizadas, sob a orientação do eng.º Araujo Vieira, propôs um louvor ao presidente do Município, o que foi aprovado e ficou exarado na acta.

Vai ser adquirido pela Camara um prédio rustico com a área de 1226 m2, com vista á ligação Estádio Municipal-Tovim.

Alguns pormenores sobre a iluminação do Estádio Municipal: cada uma das torres de ferro terá 47 metros de altura e comporta setenta e seis projectores do mais moderno sistema, de molde a poder assegurar-se uma perfeita visibilidade de todos os pontos do relvado.

Entretanto, pode quase garantir-se que o Manchester City enfrentará a formação da Associação Académica no jogo nocturno que marcará a inauguração oficial da iluminação do Municipal e terá lugar a 27 do corrente.

O BRASIL PERDEU (1-2) COM O MÉXICO

CIDADE DO MÉXICO, 11 — (A. N. I.) — Com o empate a uma bola ao intervalo, o México derrotou o Brasil por 2-1, num encontro de futebol ontem á noite efectuado na Cidade do México.

O México abriu o activo, aos 18 minutos por intermédio de Enrique Borja. Quatro minutos depois, Rivelinho repunha a igualdade. Foi ainda Enrique Borja que marcou o segundo golo do México, quando eram decorridos 24 minutos do segundo tempo, assegurando a vitória da selecção do seu país.

Considerado procedente o protesto do F. C. Porto

...mas ainda não homologado o campeonato nacional de voleibol

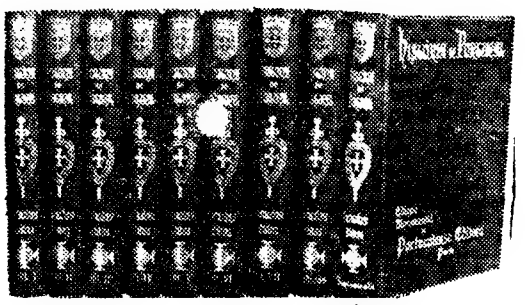
Pelo Conselho Técnico da Federação Portuguesa de Voleibol foi considerado procedente o protesto do F. C. Porto sobre o campeonato nacional da modalidade, findo recentemente. No entanto, a Federação ainda não homologou o campeonato e não o fará até expirar o prazo de recurso do Técnico, a cuja equipa fora atribuído o título.

Se o Técnico não recorrer, ou se não for dado provimento a um seu eventual recurso, o título será outorgado ao F. C. Porto.

QUARESMA TREINADOR DO SP. BRAGA

O problema gerado pela saída do técnico José Maria Vieira, do Sporting de Braga, ficou agora resolvido com a assinatura do contrato que ligará, por um ano, o ex-treinador do Sportig de Espinho, Artur Quaresma, ao clube bracarense.

CARGA AÉREA
TRÂNSITOS
Passagens Aéreas
e Fretamentos
Secções especializadas
AGÊNCIA ABREU
LISBOA — Av. da Liberdade, 160

POR 200$00 MENSAIS PODE ADQUIRIR A EDIÇÃO MONUMENTAL DA
HISTÓRIA DE PORTUGAL
Edição Monumental louvada pelo Ministerio da Instrução Publica e recomendada pelo Subsecretariado das Corporações e pelo Ministerio da Educação Nacional Colaborada pelos mais eminentes historiadores portugueses
DIRECÇÃO LITERARIA DO
DOUTOR DAMIÃO PERES
Professor da Universidade de Coimbra
5916 páginas de texto que abrangem todos os aspectos da história nacional desde as origens até 1934. 5000 gravuras. 132 cromos e mapas coloridos. 9 elegantes volumes magnificamente encadernados, no formato 22×30 cm. Obra completa, 9 vols., encadernada em balacuir Esc. 3190$00

ENTREGA IMEDIATA DA OBRA CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO — ESC. 200$00
O interessado devera solicitar um impresso proposta á
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO
ou à FILIAL EM LISBOA
AV. ALMIRANTE REIS, 102 R/C. DIR — LISBOA-1
RECORTAR ESTE CUPÃO E REMETER A
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires Gouveia, 27 — PORTO
(D. L.) Agradeço me enviem um impresso proposta para aquisição «História de Portugal» na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES
Nome (bem legível) .....
Endereço .....

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 45 m 665 kc/s — Às 16 Noticiário; 6 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 7 e 35. Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 8 e 20: Programa da Mulher, programa de Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 0 Rádio Universidade: 9 e 50: Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 20: Solistas ligeiros: 20 e 40: 31.º episódio do folhetim — «A Fazenda Abandonada»; 21 e 30: Orq. Zoraj; 21 e 40: Festival 68; 22 e 30: Evocação de Coimbra por Luis Goes; 22 e 50: Melodias do Brasil, pela Orq. de Percy Faith; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: «3.º e 4.º actos da ópera «Os Contos de Hoffmann», soprano Victoria de Los Angeles — Coro René Duclos e Orquestra; 18: Musica do século XX — Obras de André Panufnik; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Musica da Beira Alta da Região de Vouzela, recolhida por Artur Santos; 9 e 45: O pianista Walter Gieseking — dez Variações k. 455 (Mozart); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; Sinfonia op 3 n.º 5 (Corelli) — Orq. «Collegium Musicum» de Paris, dir. por Roland Douatte; 20 e 30: A Cantata «Confitebor tibi Domine; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara, sob a dir. do maestro Silva Pereira; 21 e 23: Improviso em lá bemol maior op 142 n.º 2 (Schubert) — Jorg Demus (piano); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Sonata em m. menor op. 82 (Elgar) — Max Vostal (violino) — Colin Horsley (piano); 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 1 e 15: Fecho

3.º Programa — (Cultura em MF 2) 94,3 mc/s — As 23: O pianista Artur Rubinstein — na execução de peças de fantasia de Schumann; 23 e 30: Intercâmbio musical — em gravações cedidas pela Rádio de Hessen, de Frankfort; 0 e 36: Sonata Concertante, 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil, 18 e 30: Lisboa á tarde; 9 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções ibéricas; 21 e 08: Diapasão; 21 e 32: «Impacto», 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 91,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 9 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu Mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra, 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 m — 1286 kc/s — Às 6: Radiorama; 18: Vozes da Itália; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19: Crítica de livros recebidos; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C R.; 19 e 30: Pág. 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: A orq. de Paul Mauriat; 21 e 45: Conjuntos modernos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23. A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19: Crítica de livros recebidos; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2: **Rádio Graça** — Das 14 e 30: ás 19 e 30

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

V. Ex.ª vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar, restaurar ou tingir as suas tapeçarias. Consulte os serviços técnicos da **FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO.** Pedidos aos escritórios: Rua Conde de Redondo, 64, 2.º, Dir. — Tel. 59288.

Orçamentos grátis

COMBOIOS DO CAIS DO SODRÉ AOS DOMINGOS

Viaja menos apertado a partir das 11 horas.

Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.

PROGRAMA DA TV

Às 19 e 30: Telejornal; 9 e 50: Junta de Acção Social; 20 e 10: A Grande Aventura; 20 e 40: Vamos jogar no Totobola; 20 e 50: Notícia do Espectáculo; 21 e 20: «Carrossel Mágico»; 21 e 30: Telejornal, 21 e 55: «Os Dois Tímidos», comédia de Labiche, traduzida e adaptada por Ricardo Alberty. Realização de Pedro Martins, com Alina Vaz, Alda Rodrigues, Jaime Valverde, Carlos José Teixeira e Alexandre Vieira; 22 e 40: «Gilbert Becaud Show; 23 e 40: Telejornal; 23 e 45: Meditação e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 19: Curso do C. P. E. S.; 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Programa da Agência Geral do Ultramar; 20 e 10: Teledesporto; 20 e 40: Sangue na Estrada; 20 e 50: Cartaz TV; 21 e 5: VI Corrida TV; 21 e 20: «Carrossel Mágico»; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema — «A Caminho de Singapura», com Bing Crosby, Dorothy Lamour e Bob Hope; 23 e 35: Telejornal; Meditação e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Serviços urgentes

Telefones

ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla. 538821 ✲ Gazcidla (dom e feriados), 382069
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✲ Voluntarios, 538524.
POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — Esperança, 1 Carlos Mardel, 0-B (722868)
ALCÂNTARA — Nogueira, R. do Creche, 2 (63 635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 20 (84338) ✲ **Teles,** R. João de Barros, 2 (638249).
ALVALADE — Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A (7 013) ✲ **Brisália,** Av. Rio de Janeiro, 66 (722868) ✲ **Cartaxo,** Av. da Igreja, 21-C (776358).
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 6-C (682772).
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (40471).
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (7 5370) ✲ **João XXI,** Av. João XXI, 6-A (726462) ✲ **Nova Lisboa,** R. Guilhermina Suggia, 12 (727721).
ARROIOS — Fonseca, R. Carvalho Araújo 46-C (84 108)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 47-A (763 07) ✲ **Avenidas,** Avenida da República, 27-A (533688 ✲ **Império,** R. Filipe Folque, 40-A-B (48002) ✲ **Palma,** Av. Duque de Ávila 25 (47088).
BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 1-A (5145).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensão, R. 27, n.º 41 (311216)
BAIXA — Americana, Calç. de Santana 3 (863984) ✲ **Nacional,** R. do Salvador, 1 (46858) ✲ **Costa** [illegible] 6-B-C (32838).
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (63 699) ✲ **Sepol,** Calç. do Boa Hora, 94-A (631958).
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ **Sousa,** Est. de Benfica, 429-431 (780027)
CAMÕES — Combro, Calç. do Combro, 78 (326059) ✲ **Azevedo Irmão & Veiga,** R. da Misericórdia, 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ **Ourique,** Rua Freitas Gazul, 32-B (67 667)
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 91-101-A (682333) ✲ **Pátria,** Calçado dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181)
CONDE DE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076)
ENTRECAMPOS — Galena, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (714920)
ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, R. dos Navegantes, 0 (66 134)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ **Rosa & Viegas,** R. de S. Vicente, 31 (864351) ✲ **Bastos Andrade,** Calç. de St.ª André, 07-111 (860450) ✲ **Santo António,** R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ **S. Tomé,** Est. do Desvio, lote 12-C (790704)
MADRAGOA — Lealdade R. do Olival, 226 (66344).
OLIVAIS — Olivais R. Alves Gouveia, 9 (311237)
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629).
PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal, 00 (32538)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (842518)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 6-A (Bairro de St.ª Engrácia) (728395-720703).
SÉ — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Saltes, R. de Xabregas, 63-65 (38185)
MOSCAVIDE — Farmácia Santa Bárbara — R. Francisco Marques Beato, 75-A — (Telef. 2518918).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039)
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE — Alsir — Av. Gago Coutinho — Bairro dos Caixas (Tel. 2472948)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, 1 A. 15 (260116).
CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); **Cascais** — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel. 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Caveca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); **Flama** — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932495); **Confiança** — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15 (Tel. 938149).
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D (Tel. 971023)
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950045), **Queluz** — Av. Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 951844).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 58 (Te. 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 29100 12)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058)
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088).

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Belo Rosa, 8 (Tel. 224250).
ALMADA — Central — R. de Olivença, 11 (Tel. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 22-B (Tel. 224141).
BARREIRO — Santa Marta — R. do Lavradio, 77-C (Tel. 2272141).
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — P. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270 21).
MOITA — União Moitense — Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229471).
SETÚBAL — Rosado Pinto — P. do Bocage (Tel. 22484); **Nova** — R. General Gomes Freire (Tel. 22052).
SEIXAL — Soromenho — R. Polvo Coelho, 38 (Tel. 2218560).

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telef. 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4% 1 [illegible]	—	—	530$00
Consolidado 5% 1 0 ...	556$00	555$00	—
Consolidado 5 1/2% 1 C	—	—	660$00
Centenários 4% 940	1.490$00	1.485$00	1.495$00
Obgs Tes 4 1/2% 942	—	—	—
Ogs Tes 4 1/2 % 943	—	—	—
Obgs Tes 4 1/2 % 944	—	—	—
Externo série	—	—	820$00
Externo 1.ª série car	—	—	900$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série car	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	900$00
Externo 3.ª série car.	—	—	890$00
Caut. de 3.ª série s/juro	—	205$00	215$00
OBRIGAÇÕES			
Águas de Lisboa 5 %	—	—	—
C. P. 4 1/2 %	910$00	900$00	920$00
Gás e Electrica 3 3/4 %	—	850$00	—
Gás e Electricidade 4 % ...	—	860$00	880$00
Gás e Electrica 4 1/2 %	—	—	—
Gás e Electricia 5 %	910$00	900$00	—
H. E. Douro	835$00	—	850$00
H. E. Norte de Portugal...	—	850$00	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
Metropolitano	—	900$00	910$00
Petroquímica	—	—	—
Sonefe	—	795$00	800$00
T. A. P.	920$00	915$00	925$00
Termoeléctrica Portuguesa	—	—	835$00
U. Eléctrica Port. 3 3/4%	—	88$00	—
U. Eléctrica Port. 4% 945	84$00	88$00	85$00
U. Eléctrica Port. 4% 948	84$00	88$00	85$00
U. Eléctrica Port. 4 1/2%	—	—	—
U. Eléctrica Port. 5% 95	81$50	81$00	83$00
U. Eléctrica Port. 5% 952	81$50	81$00	83$00
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	—	—	—
Alentejo	605$00	600$00	610$00
Angola	—	1.450$00	1.490$00
Burnay	—	2.800$00	2.900$00
Crédito Predial	1.870$00	1.850$00	1.890$00
Espírito Santo	13.100$00	13.050$00	13.200$00
Lisboa & Açores	3.900$00	3.850$00	3.950$00
Portugal	2.520$00	2.500$00	2.600$00
Português do Atlântico ...	—	5.100$00	5.800$00
Totta-Aliança	4.200$00	4.200$00	4.250$00
Ultramarino	—	1.420$00	1.425$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	280$00	280$00	282$00
Sagres	—	—	1.200$00
Soberana	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	—	640$00
Ag. Cassequel	500$00	496$00	500$00
Ag. Colonial	—	120$00	130$00
Ag. das Neves	—	100$00	115$00
Boror	—	110$00	—
Cabinda	92$00	90$00	95$00
C. A. D. A.	—	—	1.100$00
Cot. do Buzi	—	58$00	60$00
Diamantes	1.090$00	1.085$00	1.095$00
Ilha do Príncipe	—	410$00	—
Incomati	—	930$00	1.000$00
Lobito	—	380$00	395$00
Moçambique	44$00	44$00	46$00
Sonefe	250$00	245$00	255$00
Zambézia	—	43$00	46$00

C.as Diversas			
Cimentos Leiria	—	—	1.750$00
Cimentos Tejo	—	—	2.440$00
Cs. Navegação	—	585$00	—
C. U. F.	—	1.000$00	1.015$00
Industria Aliança	—	—	650$00
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	2.250$00	2.230$00	2.280$00
Portugal e Colónias	1.215$00	1.212$00	1.220$00
Port. de Celulose	3.050$00	3.010$00	3.100$00
Port. de Pesca	—	—	700$00
Port. de Tabacos	405$00	404$50	406$00
Sacor	4.700$00	4.650$00	4.750$00
Siderurgia Nacional	—	—	—
Soce	—	2.000$00	2.100$00
Tabacos de Portugal	—	740$00	750$00
U. F. Azoto	700$00	696$00	700$00
Águas, Electricidade e Gás			
Águas de Lisboa 934 ...	—	390$00	400$00
Águas de Lisboa 936 ...	—	390$00	—
Eléctrica das Beiras	—	1.500$00	1.520$00
Gás e Electricidade	375$00	374$50	375$50
H. E. Alto Alentejo	154$00	153$00	154$00
H. E. Cávado	1.215$00	1.210$00	1.220$00
H. E. Douro	1.199$00	1.199$00	1.200$00
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.295$00	1.290$00	1.295$00
Nacional de Electricidade	—	1.300$00	1.320$00
Termoeléctrica Portuguesa	1.350$00	1.345$00	1.355$00
União Eléctrica Portuguesa	178$00	178$00	180$00
F. DE INVESTIMENTOS			
F. I. Atlântico	—	150$30	—
F. I. D. E. S.	—	105$10	108$30

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	4/7/68	10/7/68	11/7/68
GERAL	100,5	100,8	**100,5**
METROPOLITANAS ..	100,2	100,5	**100,1**
ULTRAMARINAS	100,6	103,0	**103,1**

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand ...	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$25	28$65
Dollar de 5 a 1000 ...	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Argentina — Peso	—$—	—$—
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo ...	6$00	9$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42,0
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$55,5	$57,5
França — Franco	5$00	5$70
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra ...	230$00	250$00
Ouro Fino — Barra	37$50	39$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras papeis de crédito
Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI — Telef 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
(M 17 anos)
UM ESTRANHO FILME DE AVENTURAS!
MISSÃO INQUIETANTE
com Marc Brian e Marilu Tolo

IMPÉRIO — Tel 55 51 34
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA
UM EXTRAORDINÁRIO FILME DE ELIA KAZAN
ESPLENDOR NA RELVA
com Natalie Wood e Warren Beatty
TECHNICOLOR

ESTÚDIO — Tel 55 51 34
Às 21.45
(Adultos)
ESTREIA
de um filme de grande importância
A BALADA DE NARAIAMA
— Veja anúncio especial —
Às 15.30 e 18.30 — Últimas exibições
O ESTRANGEIRO
(Adultos)

ÉDEN — Tel 32 07 68
Às 15.15, 18.30 e 21.45
(M 12 anos)
Um filme de grande emoção
A BRIGADA NUA
com: Shirley Eaton, Sonia Zoidou, Eleni Zeferiou

SÃO LUIZ — Tel 42 71 72
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(M 12 anos)
2.ª SEMANA
Um clássico do mestre ELIA KAZAN
PÂNICO NAS RUAS
Richard Widmark, Paul Douglas e Barbara Bel Gedees

CONDES — Tel 32 25 23 - 32 67 10
As 15.15, 18.15 e 21.30
PARA TODOS
Um festival de alegria e ternura para os meninos e meninas de Lisboa!
FIESTA
Esther Williams — Ricardo Montalban — Cyd Charisse
Ar condicionado — TECHNICOLOR

EUROPA — Tel 66 10 16
As 15.15 e 21.30
(M 12 anos)
A AGONIA E O EXTASE
com: Charlton Heston e Rex Harrison
TARDES A PREÇOS REDUZIDOS

FRIGORÍFICOS ATLANTIC
...melhores não há!

ATLANTIC
9 modelos de 65 a 450 lit.
CONGELADORES A TODA A LARGURA
INTERIOR EM CHAPA ESMALTADA
MODERNO ISOLAMENTO EM POLIURETANO
FECHO MAGNÉTICO — PEDAL DE ABERTURA
À VENDA NA CASA
M. FERREIRA
Tr. HENRIQUE CARDOSO, N. 22-A
Telef. 764914

ROMA — Balcão 72 91 92 Plateia 32 77 78
As 15.30 e 21.45
(M 12 anos)
Rita Pavone, Giulieta Masina, Giancarlo Giannini e Peppino de Filippo no luxuoso e desconcertante filme
NÃO PROVOQUEM A RITA!
Uma comédia musical colorida de Lina Wertmuller
AR CONDICIONADO

POLITEAMA — Tel 32 63 05
HOJE À NOITE, ÀS 21.30
UM FILME COMO NUNCA SE VIU IGUAL!
A brutal epopeia de criminosos condenados pela justiça militar
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
com o incomparável LEE MARVIN
Metrocolor ———— (M. 17 anos)
Hoje, às 18.15 — Sessão Clássica
(M 17 anos)

ESTÚDIO 444 — Tel 77 90 95
As 15.30 e 21.45
(Adultos)
3.ª SEMANA DE ÊXITO!
Um filme jugoslavo premiado no Festival de Cannes-1967
com Bekim Fehmiu e Bata Zivojinovic!
...ATÉ ENCONTREI CIGANOS FELIZES!
Uma obra-prima colorida de Aleksandar Petrovic

ALVALADE — Tel 76 30 80
Às 15.45 e 21.45
Technicolor
(Adultos)
2.ª SEMANA de um filme de sempre
Real. Joshua Logan, baseado na trilogia sobre Marselha de Marcel Pagnol
FANNY
com Leslie Caron, Horst Buchholz, Maurice Chevalier e Charles Boyer

RESTELO — Tel 61 03 75
Às 21.30
(M. 12 anos)
Em Technicolor
Uma história diferente e excitante numa grande e moderna aventura
O AGENTE DIABÓLICO
(Agent for H. A. R. M.)
com Mark Richman, Wendell Corey e Carl Asmond

CINE-TEATRO **LIDO** — Tel 93 15 93 AMADORA
Às 21.30
(M 17 anos)
A vida do «gangster» mais sanguinário de todos os tempos!
AL CAPONE
Interpretação do grande artista
ROD STEIGER

CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 29
Às 21 e 30
(M. 12 anos)
O CHARLATÃO
(THE BIG MOUTH)
EASTMANCOLOR
com Jerry Lewis, Harold J. Stone, Charlie Callas e Susan Bay

CINEMA IDEAL — Tel 32 41 94
As 21 horas
(M. 12 anos)
LONDRES É DE GRITOS
DUELO NO RIO DO DIABO

IMPERIAL — Tel 4 59 33
As 15 e às 21 h.
(Adultos)
PERSEGUIÇÃO A SANGUE FRIO
O SUCESSO

ELITE — Tel 4 85 60
As 14.45 e 21 h.
(Adultos)
A PRINCESA
O GRANDE ATIRADOR

TERRASSE — Tel 32 09 17
As 15 e às 21 h.
(M 12 anos)
NOIVA POR UM DIA
GOLIAS CONTRA OS GIGANTES

Em CANTANHEDE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ CENTRAL. LARGO DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA.

SÃO JORGE — Tel 54153 54154
Às 21.30
(M. 17 anos)
ESTREIA
VIDA SOLITÁRIA
com Edith Evans e Eric Portman
Às 15.15 e 18.15 — (M. 12 anos)
O BALLET ROMEU E JULIETA

MONUMENTAL — Tel 55 51 31
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA
SELVAGEM É O VENTO
com Anthony Quinn e Anna Magnani
VISTAVISION

MUNDIAL — Tel 53 87 43
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
A história é de morrer a rir!
O maior êxito do célebre trio
Sophia Loren — Marcello Mastroianni — Vittorio de Sica
QUE PENA SERES VIGARISTA

AVIS — Tel 53 23 00 (Adultos)
As 15.30 e 21.45
3.ª SEMANA DE ENCHENTES!
A história de um pobre diabo que vai dirigir um colégio de meninas ricas e muito «yé-yés»
AS 8, NA CAMA
Gargalhada permanente com Peter Alexander, Gitte e Ingeborg Schöner!

ODEON — Tel 32 62 83
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e às 21.30
EM 2.ª SEMANA DE GRANDE ÊXITO
A famosa obra de Leitão de Barros sobre motivos populares
MARIA PAPOILA
com Mirita Casimiro, António Silva e Estevão Amarante num fado
(Maiores 12 anos)

OUTROS ESPECTÁCULOS

MÚSICA
ESTUFA FRIA — Às 21.45: Orquestra Sinfónica de Lisboa (12 anos).

ÓPERA
TRINDADE — Às 22 e 30: «Manon» (12 anos).

TEATROS
VILLARET — Às 22 e às 23: «Oh, que delícia de coisa» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e às 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 21 e 45: «O tempo e a era» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 22 e 45: «A louca de Chaillot» (17 anos).

CINEMAS
PARIS — Às 21: «Ritmo atómico» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «O rei Pelé» (12 anos)
IMPERIAL — Às 21: «Sucesso» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «O espião do chapéu verde» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Um favor muito especial» (17 anos)
PROMOTORA — Às 21: «Flor à beira do pântano» (17 anos)
OLIMPIA — Às 19: «As 3 balas de Ringo» (12 anos)
CAPITÓLIO (Terraço) — Às 21 e 45: «O ódio que gerou o amor» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «As irmãs Zorro» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «O agente secreto 006 1/2» (17 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 45: «Alta tensão nas Caraíbas» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Águias negras de Santa Fé» (12 anos)
BOMBEIROS V. LOURES — Às 21 e 30: «O «Solitário» passa ao ataque» (12 anos).

● Linha de Cascais
PAREDE — PARQUE OCEANO — Às 21 e 45: «Cada bala tem um nome» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 22 e 30: «O Charlatão» (12 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «A maior aventura» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O grande amor da minha vida» (12 anos)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 22 e 30: «A cavalgada de paixões» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 22 e 5: «Operação Dinamite» e «Uma hora de amor» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 22 e 5: «Mafia do crime» e «Corrupção» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 45: «Ferrery» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O último comboio do Katanga» (17 anos)

● Outra banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 22 e 5: «Livra-me desta mulher» (17 anos) e «ACADEMIA — Às 21 e 45: «Nevada Smith» (17 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Ringo e a sua pistola de ouro» e «Os milhões de Molly Brow» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 5: «Tempestade sobre Ceilão» e «Louca Juventude» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 45: «Perdão» (12 anos).

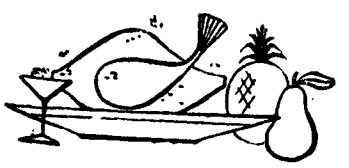
VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
EM

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
Oh, que delícia de coisa
ADULTOS
Hoje 2 sessões às 21 e às 23 h.
BILHETES desde 15$00
DISPARATE CÓMICO de GILA encenado por CARLOS AVILEZ
com Ana Paula ● Fernanda Borsatti ● Henriqueta Maya ● Barroso Lopes ● Luís Filipe ● Carlos Queiroz e ainda Fialho Gouveia

MONUMENTAL 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
Domingo à tarde às 16 h.
(ADULTOS)

Florbela em Lisboa «Hippy»
VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA «REVISTA» com
CAMILO ● FLORBELA ● NICOLAU
MARIA ADELINA ● OCTAVIO DE MATOS
YOLA ● LINDA SILVA ● CÉLIA DE SOUSA
as atracções M. TERESA QUINTA ● VUM-VUM
Um excepcional BALLET INTERNACIONAL de 25 figuras
GRAÇA! RITMO! LINDAS MULHERES! e MÚSICA DE SONHO!

Lisboa é sempre mulher

bom apetite


Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. do Forte Lumiar tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

ILHOTA
RESTAURANTE
R. ILHA DO PICO, 19-21
Telef. 49063 (Junto à Estefânia)
PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS
AMANHÃ
BACALHAU À ILHOTA
e MARISCOS VARIADOS

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

RESTAURANTE
XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
(frente à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE
E FICARÁ CLIENTE

Parreirinha do Rato
Restaurante, snack-bar, cervejaria, mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco) — Tel 685908
Parque para automóveis

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D Estefânia, 23 a 27
Telef. 53 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

Tamborim
Restaurante / Snack-Bar / Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Telef. 46247

VISITE SESIMBRA
Almoce no

HOTEL ESPADARTE
Serviço à carta e menú do dia — 55$00
Aos domingos, das 12 às 16 horas, 8 pratos à escolha
Incluindo o célebre caldeirada e caril de mariscos
Sala para 300 pessoas, marquise e esplanada frente ao mar
80 quartos com banho — Diárias desde 165$00 Telef. 22 91 89

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

NIXON PROPÔS A HUMPHREY UM DEBATE NA TV

CLEVELAND, (Ohio), 11 — (A. N. I.) — Richard Nixon, antigo vice-presidente dos Estados Unidos, falando numa conferência de Imprensa em Cleveland (Ohio), pôs a hipótese de um debate televisionado com o vice-presidente Hubert Humphrey, afirmando que um debate desse género criaria «imenso» interesse nos eleitores, «teria como consequência um maior numero de votos» e explicaria as «profundíssimas divergências» existentes entre eles.

Declarou que esta proposta vai contra a opinião de alguns dos seus melhores amigos e conselheiros. Com efeito, alguns observadores há que atribuem a sua derrota nas eleições presidenciais de 1960, pelo menos em parte, ao seu debate televisionado com John Kennedy.

Nixon, certo de alcançar a nomeação republicana, pôs de lado a hipótese de um debate com o seu principal adversário, o governador de Nova York, Nelson Rockefeller, declarando que o grande beneficiário dessa troca de impressões, entre os dois republicanos, seria o vice-presidente Humphrey.

Pensa-se que o candidato do terceiro partido, George Wallace, do Alabama, terá um escasso numero de eleitores nas eleições de Novembro. Nesta corrida entre os candidatos republicano e democrático é, porém, provável que o antigo governador do Alabama impeça um e outro de conseguir a maioria dos votos eleitorais, levando a eleição para a Camara dos Representantes.

O antigo vice-presidente Nixon, depois de falar em Cleveland, seguiu para Chicago (Illinois), onde se reuniu com os delegados de nove Estados do centro-oeste á Convenção Republicana de Agosto.

VAN SPRINGEL FOI O VENCEDOR DA 13.ª TIRADA DA VOLTA À FRANÇA

SEO DE URGEL, 11 — (F. P. e R.) — O belga Van Springel, da equipa «A», venceu a 13.ª etapa da Volta à França em bicicleta — Saint-Gaudens-Seo de Urgel, na distancia de 208,500 km. Van Den Berghe (Bélgica «B»), conserva a camisola amarela.

A ordem de chegada foi a seguinte:

1.º, Van Springel (Bélgica «A»), 6 h 59 m 55 s; 2.º, Gomez del Moral (Espanha), m. t.; 3.º, Wolfshohl (Alemanha), 6 h 59 m 56 s; 4.º, San Miguel (Espanha), m. t.; 5.º, Colombo (Itália), 6 h 59 m 57 s; 6.º, Bitossi (Itália), m. t.; 7.º, Janssen (Holanda), m. t.

Depois, chegou um primeiro pelotão ainda com 6 h 59 m 57 s. Entretanto, Georges Van Den Berghe continua na posse da camisola amarela.

Pinay em Lisboa

Antoine Pinay está em Lisboa. O conhecido político francês chegou esta tarde, vindo de Paris, para uma estada de um dia apenas na capital portuguesa. Trata-se de uma viagem de carácter particular.

Pinay, que deve regressar amanhã ao seu país, era aguardado por um representante do Ministério das Corporações e pelo secretário da Embaixada de França em Lisboa.

VIDA POLÍTICA

Conselho de ministros

Sob a presidência do ministro de Estado dr. Mota Veiga, reuniu-se, esta tarde, no Palácio Nacional de São Bento o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

Ministro do Interior

O Ministro do Interior recebeu, em audiências de trabalho, os governadores civis de Faro, Guarda, Portalegre e Aveiro, com quem tratou de assuntos de carácter administrativo, relacionados com os respectivos distritos.

Completados os planos da retirada britânica do leste do Suez

LONDRES, 11 (R.) — Foram já completados os planos para a retirada das forças britânicas do Extremo Oriente e do Golfo Pérsico até ao fim de 1971, como parte da nova política de defesa da Europa — anunciou hoje o Governo de Londres.

Os pormenores sobre a restruturação e a deslocação das unidades das forças armadas e sobre as reduções a introduzir nos efectivos militares, que actualmente são de 400 mil homens do Exército, Armada e Força Aérea, estão contidos num livro branco suplementar sobre a defesa, que constitui o relatório do Governo ao Parlamento.

O documento reafirma a determinação da Grã-Bretanha de desempenhar completamente o papel que lhe cabe na defesa da Europa e sublinha que a força Polaris britanica será o unico elemento europeu na estratégia de dissuasão nuclear da N. A. T. O.

O «Livro Branco» frisa que, a despeito das reduções a fazer nas suas Forças Armadas regulares, a Grã-Bretanha porá á disposição da N. A. T. O forças terrestres de aptidão e experiência sem igual, afirmando ainda que a sua força aérea não se poderá comparar, em numero e qualidade, com a de qualquer outra potência europeia e que a sua marinha de querra será de longe a mais poderosa da Europa.

Até ao fim de 1971, a concentração das nossas forças na área da N. A. T. O terá o efeito de consolidar não apenas o poderio militar da aliança mas, igualmente, a solidariedade política entre os países europeus membros da N. A. T. O.

TOMOU POSSE ESTA TARDE O NOVO GOVERNADOR-GERAL DE MOÇAMBIQUE

No Ministério do Ultramar tomou esta tarde posse do cargo de governador-geral de Moçambique, para que foi recentemente nomeado, o dr. Baltasar Rebelo de Sousa. Ao acot presidiu o ministro do Ultramar e assistiram numerosas individualidades ligadas ao sector da administração ultramarina e alguns membros do Governo.

O ministro do Ultramar, no seu discurso, depois de agradecer publicamente a acção desenvolvida pelo governador cessante, general Costa Almeida, e de ter elogiado o novo governador-geral, chamou a atenção para os problemas complexos da coordenação das administrações civil e militar no Ultramar e para o sector da formação da juventude, declarando que o empossado, pelas funções desempenhadas até agora, estava apto a enfrentá-lo convenientemente.

— Em Portugal a esmagadora maioria dos jovens — afirmou o ministro — tem resistido a todas as solicitações e continua a cumprir galhardamente a quota-parte que lhe cabe no esforço da Nação para a defesa da sua integridade. Não podemos, porém, por excesso de confiança, estar desatentos aos esforços dos nossos inimigos para preverter as suas almas, lançando nelas o veneno da duvida e da descrença.

A terminar o ministro indicou as principais linhas da acção do novo governador-geral, nos sectores de instrução, economia, obras públicas, comunicações e finanças, lembrando que ele irá contribuir para «uma obra maravilhosa, que não é de ninguém individualmente porque é de todo o povo português».

Em resposta, o novo governador-geral começou por agradecer ao ministro a nomeação, evocando, em seguida, as pessoas do Chefe do Estado e do Presidente do Conselho. Referiu-se, depois, longamente, ao significado presente do governo de Moçambique, afirmando, a certa altura:

— Parece-me não restar outra via á nossa geração, já algumas vezes apelidada de traída, sob pena de se negar a si própria na futilidade de uma vida burguesa sem destino, senão a de desempenhar, ainda que com obstáculos de toda a ordem, das missões que a cada um venham a ser confiadas.

Novo embaixador da Finlândia

Chegou esta tarde a Lisboa, acompanhado da esposa e filhos, o dr. Bjorn Olof Alholm, novo embaixador da Finlândia em Portugal.

O dr. Alholm, que desempenha igual cargo na Suíça, e que entregará as suas cartas credenciais dentro de dias, foi recebido no aeroporto pelo subchefe do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e pelos cônsul e vice-cônsul da Finlândia em Lisboa.

ENTREGA DE CREDENCIAIS

O Chefe do Estado recebe nos próximos dias 16 e 17, respectivamente, às 11 horas, no Palácio Nacional de Belém em audiências solenes, os senhores dr. Rafael Armando Rojas e Bjorn Olof Alholm, novos embaixadores da Venezuela e da Finlândia, que lhe farão entrega das respectivas cartas credenciais.

FÁBRICA DA MABOR EM LUANDA

A fim de assistirem à inauguração da nova fábrica da Mabor, em Luanda, seguiram esta tarde para a capital angolana os drs. Miguel Quina presidente do conselho de administração daquela empresa, Antão Santos Cunha, administrador do Banco Borges & Irmão, Luís Brás Teixeira, secretário-geral do Banco de Crédito e António Casal Ribeiro.

À inauguração do empreendimento presidirá o subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino e assistirá o governador-geral de Angola.

Reocupada a Universidade de Bruxelas

BRUXELAS, 11 — (F. P.) — Uns vinte membros da «Assembleia Livre» da Universidade local reocuparam, esta noite, o grande «hall» de entrada da Universidade e a central telefónica, pouco depois da retirada das forças de Polícia que, horas antes, tinham mandado evacuar aquelas instalações.

Duas viaturas da Polícia voltaram a estacionar nas imediações.

CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS
VÁRIAS MARCAS E MODELOS
Facilita-se troca e pagamento
Stand Moderno
Rua João Saraiva n.º 15 (Alvalade)
Ford

GALERIA 48
Boîte-Restaurante
Av. da Liberdade, 248-B
Telefs. 4 49 44 e 4 84 33

PAULA RIBAS
ARTISTA EXCLUSIVA DOS DISCOS ▶ BELTER
HOJE - ESTREIA
MÚSICA CONSTANTE DAS 21 ÀS 5 DA MANHÃ
COM
THILO'S COMBO E QUARTETO 48
M/ 17 ANOS
PREÇOS NORMAIS

Boutique 10
PREÇOS DE FIM DE ESTAÇÃO
RUA SERPA PINTO, 14, 1.º
TELEFONE 32 08 43
RUA NOVA DE S. MAMEDE, 38
TELEFONE 67 30 77

LIVROS ESPANHÓIS
7.000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
CEM EDITORES REPRESENTADOS
LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERÁRIO

N.º 519/11 DE JULHO DE 1968

Nas páginas centrais:

Linguística moderna • uma nova técnica literária

Pöe e Baudelaire: experimentalismo ou mistificação?

por João Gaspar Simões

Antes de Baudelaire e depois de Baudelaire — foi este o lema da crítica de entre duas guerras, altura em que se principiou a atribuir ao crítico no poeta uma importância que até aí só não existia nos maus poetas e não era ostensivo privilégio dos bons. Mas quem quiser aprofundar o problema verificará que, inclusivamente, nem sequer no próprio autor das *Fleurs du Mal* esse desdobramento se exerce com ostentação no acto crítico que lhe permitiu escrever as suas mais notáveis composições. Conquanto Eça de Queirós e os autores dessa mistificação poética que nascia em Portugal, precisamente à data da morte quase ignorada do grande poeta francês — Carlos Fradique Mendes —, sustentassem, publicamente, que Baudelaire escrevia primeiro as suas poesias em prosa e só depois as passava a verso, o que não era certo, embora sugerisse a ambiguidade patente na obra do autor das *Curiosités Esthétiques*, a verdade é que se distingue mal hoje em dia na arte poética de Baudelaire a dualidade poeta-crítico. Deve-se muito mais ao facto de ele ter afirmado num dos seus ensaios estéticos que todo o artista transportava em si um crítico essa mitificação do autor das *Fleurs du Mal* como charneira da passagem da poesia-inspiração à poesia-crítica que pròpriamente à circunstância de ele ter praticado qualquer espécie de «experimentalismo» poético. Aliás, se Baudelaire levou longe a sua concepção de uma poesia crítica ou de uma poética escrava da inteligência perscrutadora, foi porque a isso o animou a leitura de um mau poeta norte-americano. Referimo-nos a Edga Poe, que os críticos de língua inglesa consideram um poeta secundário, e o autor de *L'Art Romantique* tomou tão à letra que o traduziu para francês, consagrando-o como uma das sumidades poético-críticas da sua época. Ora não só Edgar Poe não chegaria a conquistar na história da poesia anglo-saxónica um alto lugar como a sua teoria de uma arte poética deliberada nunca seria posta em prática senão por ele próprio, que no seu *The Raven* deixou a única amostra de uma obra poética, verso a verso, imagem a imagem, metáfora a metáfora, sugestão a sugestão, inteiramente pré-concebida. Para isso escreveu a poesia e o ensaio crítico que minuciosamente a explica.

Baudelaire: primazia do poeta ou do crítico?

É *The Raven* uma obra-prima da poesia norte-americana? Talvez, visto na época em que foi realizada tal experiência serem raros ainda os grandes poetas norte-americanos. Que não é, porém, uma poesia de alto nível na história do lirismo de língua inglesa é coisa que toda a gente sabe: basta ler os críticos ou os historiadores da literatura inglesa. Bem certo que T. S. Eliot prestou grande atenção às teorias poéticas de Edgar Poe. E que Paul Valéry o tomou por mestre. Mas a verdade é que nem o poeta dos *Four Quartets* nem

(Continua na 7.ª página)

«O Poeta», desenho de Júlio

Entrevista por correspondência

de José Fernandes Fafe a Júlio dos Reis Pereira

Disse-se que o segredo do encanto de Charlot residia no facto dessa personagem reunir em si um mito, um tipo e uma singularidade...

Confrontar assim Charlot e O Poeta é o método directo, brusco, para fazer sentir o interesse e a complexidade (sob a simplicidade) da criação de Júlio-Saul Dias.

A respeito dos desenhos de Júlio, dos versos de Saul Dias e sobretudo do Poeta, mantive com o autor uma correspondência de anos, ainda que intermitente.

«Porque não recortamos os nossos papéis para uma colagem?» sugeri há tempos a Júlio dos Reis Pereira. Ele concordou, e assim nasceu esta «entrevista por cartas», um género novo, ou pelo menos inabitual.

De José Fernandes Fafe para Júlio dos Reis Pereira.

13 de Novembro de 1961.

(...) Sendo O Poeta uma figura dos desenhos de Júlio e uma personagem dos versos de Saul Dias, não deveremos considerá-lo uma criação da parceria Júlio e Saul Dias? (...)

De Júlio dos Reis Pereira para José Fernandes Fafe.

2 de Dezembro de 1961.

(...) Sim, estou de acordo em que essas duas personalidades, personalidades afins mas revelando-se por meios diversos (uma pelos versos outra pelo desenho) originaram o aparecimento do Poeta. Mas creio que nessa parceria, a parte preponderante cabe ao desenhador, talvez porque a sua arte melhor se preste à representação e mesmo ao aprofundamento da personagem; há mais de trinta anos que o pincel molhado na tinta-da-china vai fixando as suas andanças de que falam os versos de «Sangue»: «— Vai!/ Corre o mundo/ encostado/a um bordão de esperanças!» (...)

De José Fernandes Fafe para Júlio dos Reis Pereira.

3 de Fevereiro de 1962.

(...) parece-me haver no curso da sua obra poética uma transformação qualitativa cujo ponto nodal me atreveria a assinalar na penúltima poesia de «tanto»: «álcool, fumo e café». Está de acordo? (...)

De Júlio dos Reis Pereira para José Fernandes Fafe.

4 de Maio de 1962.

(...) Há de facto uma mudança de atitude poética a partir de «tanto», embora não saiba bem se ela se manifesta a partir de «álcool, fumo e café» (a crítica melhor verá isto). O expressionismo (numa nossa conversa há tempo V. empregou esta palavra) de «...mais e mais...», tão de acordo com as minhas simpatias picturais desse tempo (Chagall, Klee, Grosz, expressionistas alemães, etc.) começa entretanto a dar lugar a uma poesia mais calma. (...)

De José Fernandes Fafe para Júlio dos Reis Pereira.

10 de Outubro de 1962.

(...) «Uma poesia mais calma» encontra-se já no seu primeiro livro. Por exemplo no poema XV: «As madressilvas/ que em abril florescem airosas entre os brejos/ parecem dizer:/ Vede como somos belas/ e os namorados/ que pela estrada passam, abraçados, aos beijos,/ erguem os braços para colhê-las...»

Aliás, noto nos seus desenhos uma evolução paralela à da poesia. Desde o princípio que neles pulsa uma tendência para a claridade, a «calma», a bonança, no meio desse vórtice de escuridão, nervos em franja, desespero, predominantes na fase que rotulei de expressionista.

Folheando atentamente as ilustrações de «...mais e mais...» e os linóleos de «música», vemos O Poeta emergir da crisálida. Mas só em «Domingo» a borboleta branca esvoaça, errante, para o espaço aberto...

O álbum «Domingo» data de 1934, tal como o livro de poemas «tanto». A qualitativa mudança que apontei em «álcool, fumo e café» não correspondem os luminosos e plácidos desenhos de «Domingo»? (...)

De Júlio dos Reis Pereira para José Fernandes Fafe.

4 de Janeiro de 1963.

(...) Creio que essa simultaneidade de transformação se verifica, entendendo-se por transformação principalmente a predominância dada à nota «mais calma»; se esta nota, como muito bem diz, já aparece no primeiro livro, a nota «expressionista» também não deixa de levantar a cabeça nos livros seguintes. E o Poeta calmo dos lugares idílicos é o mesmo Poeta insatisfeito dos maus lugares, buscando, talvez, a pureza através da degradação (recordo agora o meu entusiasmo desse tempo pela obra de Pascin, bem patente numa das poesias de «Germen»).

De José Fernandes Fafe para Júlio dos Reis Pereira.

20 de Junho de 1963.

(...) Pascin, Grosz, Chagall... Há em Chagall uma evolução semelhante à sua: do expressionismo a uma fase de plenitude rescendente — a dos anos 20, altura em que ele pintou «Les Mariées de la Tour Eiffel», «La Corbeille des Fruits»...

Quando o Júlio travou conhecimento com a obra de Chagall, o judeu visionário tinha entrado já nessa fase em

---

(Continua na página seguinte)

Entrevista por correspondência

(Continuação da página anterior)

que pintava a fragrância do amor e a atmosfera povoada de beijos? (...)

De Júlio dos Reis Pereira para José Fernandes Fafe.

10 de Agosto de 1963.

(...)O meu primeiro encontro com a obra de Chagall deu-se por volta de 1922, com a chegada às minhas mãos de um pequeno volume nesse ano editado por «Valori Plastici» de Roma e a ele dedicado.

Foi grande o choque que senti ao folhear esse livro. Eu, que a passagem como aluno voluntário pela Escola de Belas-Artes do Porto desalentara, soube da existência de alguém, que, por meio de linhas e cores, exprimia livremente um mundo poético que o habitava.

Nessa publicação de 1922 já se encontravam reproduzidos vários quadros da feição lírica, entre eles o belíssimo «Aniversário», aquele em que o homem *flutua* em torno da mulher que tem na mão um ramo de flores. Se os quadros ««expressionistas» me entusiasmaram, aqueles cuja atmosfera é de amor e felicidade parece terem encontrado em mim terreno mais propício para se imporem... (...).

De José Fernandes Fafe para Júlio dos Reis Pereira.

2 de Fevereiro de 1964.

(...) Já que falámos de encontros: Charlot.

Não poderíamos definir O Poeta como um Charlot que se tivesse libertado completamente do «clown»?

Lembra-se da imagem final dos «Tempos Modernos»? Charlot e a rapariga a afastarem-se, estrada fora, sem destino...

Também para O Poeta o Tempo é uma estrada sem fim, onde caminha sem destino... (...)

De Júlio dos Reis Pereira para José Fernandes Fafe.

10 de Setembro de 1964.

(...) Considero absolutamente certa a aproximação. (Parece-me que neste caso se deve falar de «encontro». Quanto a Chagall pode dizer-se «influência»).

É justo recordar que em 1938, numa referência a desenhos que expus na Galeria UP em Lisboa, Artur Portela irmanava a figura do Poeta à personagem criada por Charlie Chaplin. Transcrevo uma parte dessa referência: «Júlio criou os seus tipos. Possui os seus heróis. Diviniza-os de inocência. Ama-os com castidade, nos seus defeitos, nas suas desgraças físicas, no seu sonho estrelado de quimeras. Há um, sobretudo, que nos faz lembrar o Charlie Chaplin de antes dos «Tempos Modernos», o verdadeiro Charlot das «Luzes da Cidade», poeta enamorado da miséria, que nunca acertava com a realidade e que, no fim se perdia na perspectiva de uma grande estrada, as botas cambadas, o coco hilariante, com a bengalinha, fazendo molinetes. O herói predilecto de Júlio que se vê em todas as obras desta exposição, mesmo quando está ausente, visto que ele representa uma atitude da sua criação poética, é irmão desse vejete de génio, que o cinema estragou pela abusão da chapa humana». (...).

De José Fernandes Fafe para Júlio dos Reis Pereira.

4 de Janeiro de 1965.

(...) Tanto o Poeta como o Charlot são mitos. *Naturalizações* da História, portanto.

Se o tempo se faz sentir no Poeta, visto que ele envelhece («o poeta dormita ao fundo do café/ um pobre café de província./ Envelhecido,/ os cabelos grisalhos») trata-se de um tempo biológico interior ao mito. O tempo da História está ausente, e entre O Poeta e a História a única relação, visível, é a exclusão. (...).

De Júlio dos Reis Pereira para José Fernandes Fafe.

27 de Junho de 1965.

(...) Recordo-me de ter lido, há já muitos anos, um artigo no qual Jean Cassou dizia que Cézanne, pintando um prato com três maçãs, falava mais dos anjos do que muitos pintores pintando anjos (mais ou menos isto, pois cito de cor).

Não me é fácil, na realidade, encontrar nos versos de Saul Dias ou nos desenhos de Júlio os sinais visíveis da História, mas a verdade é que também me é difícil encontrar nas três maçãs de Cézanne as marcas desses habitantes das regiões celestiais. E no entanto, como o grande pintor de Aix se aproxima do Fra Angélico que, esse sim, pintava anjos!

Não se encontrarão no Poeta sinais *invisíveis* da História? (...)

De José Fernandes Fafe para Júlio dos Reis Pereira.

12 de Junho de 1968.

(...) Sem dúvida. Empiricamente invisível — mas a análise pode torná-la visível — encontra-se no mito eterno do Poeta a negação da História que a Júlio coube.

Invisível do mesmo modo, a visão de um mundo desalienado.

Se o considerarmos assim — como prospectiva, O Poeta apresentará talvez inverosimilhanças: a ausência da tecnologia, a baixa densidade populacional do seu mundo — um poeta, uma mulher, algumas crianças, um anjo... (Não esqueçamos que ele nasceu pelos anos 30 na província.) Mas corre o mundo do Poeta uma brisa de liberdade que não engana.

Ou estarei a forçar as coisas? (...)

Tem a palavra Júlio dos Reis Pereira. A palavra epistolar, eventual adenda à entrevista. Que palavra poética. Ou a palavra plástica.

«(...) A poesia de Saul Dias caracteriza-se por uma delicadeza e uma pureza de expressão que levam a uma depuração excepcional uma linha poética que vem directamente de Camilo Pessanha. Sobretudo os seus desenhos reflectem esta mais relevante característica da obra poética; mas uns e outra contêm uma subterranea crueza que ás vezes explode numa brutalidade de traço, que é inseparável, e como que o suporte, de uma quase complacência cínica, de uma melancólica e sonhadora malicia sarcástica, patentes na subtileza de uma personalidade rara pela contenção discreta, pela suspensa alusividade dos seus versos: um João de Deus, desnudado por Pessanha, Sá-Carneiro e a elegancia formal de António Botto, e que tivesse visto os quadros de Chagall. Ou como ele diz algures: «...imagens desvairadas / e o quotidiano ingénuamente descrito.»

JORGE DE SENA
in «Líricas Portuguesas», 3.ª Série
(Portugália Editora)

Júlio: desenho da fase expressionista

Álcool, fumo e café

Não mais o álcool,
não mais o fumo,
de azulado rumo,
nem o café.
Resta-me a fé
num áureo aprumo.
Não me consumo.
Sei como é.

Os nervos cansam
e vão partir-se.
A voz de Circe
ouço-a ainda...
E, mais mais linda,
ainda me chama,
e, embora lama,
quero-lhe ainda.

Mas quero quietos
os meus sentidos,
comprometidos
em ascensões.
As sensações
hei-de chamá-las,
purificá-las
com comunhões.

Resto sedento,
desalentado...
Quem a meu lado
no funeral?
Negro portal
hei-de quebrá-lo.
Cantar de galo
sobre o coval.

(As mãos daquela
que se dizia
tão minha amiga
já se sumiram...
Vagas sorriram
outras derrotas...
Ignotas rotas
as poluíram...)

E as tardes brancas
hei-de esposá-las.
Não quero galas
na minha boda.
Bailem em roda
só as crianças
ingénuas danças
à sua moda.

Se um homem cumpre
o seu destino,
não vão sem tino
mexer na obra.
É como a cobra
que fere o seio
quem, de permeio,
altera a obra.

De qualquer forma
sigo o meu rumo,
num áureo aprumo,
cheio de fé.
Sem o café,
sem o tabaco,
cortar o opaco
sei como é.

Nesse tempo

Nesse tempo
eu faltava às aulas.

A música do jazz.
vibrava no café.

À noite,
o velho «High-Life»
era o templo magnífico
onde Chaplin,
Como o Deus da Sistina,
erguia o braço
condenando e perdoando...
(Desengonçado
o piano
acompanhava
com notas de Beethoven
«O Peregrino», «A quimera»...)

E numa tarde
em Paris
ajoelhei, em plena rua,
diante dum quadro de Pascin...

Nesse tempo
eu faltava às aulas.

SUPLEMENTO Diário de Lisbôa LITERÁRIO

LITERATURA

Pöe e Baudelaire: Experimentalismo ou mistificação?, *por João Gaspar Simões*

Uma Poética em Trânsito, *por António Ramos Rosa*

Entrevista por Correspondência, *de José Fernandes Fafe a Júlio dos Reis Pereira*

Consolação Número Um, *por S. M.*

LINGUÍSTICA

Sistema, Norma e Estilo, *por Jacinto do Prado Coelho*

Importância Cultural da Linguística — Entrevista com André Martinet, *por Eduardo Prado Coelho*

ARTES PLÁSTICAS

Encontro com Hogan, *por V. S. T.*

CINEMA

Bogart Revivificado

ENTREVISTA

«Escrever Cada Vez Mais Devagar», *propósito de Mário Ventura*

JAZZ

Jazz: Oito Primeiros Planos, *por José Duarte*

Acaba de aparecer **ENSAIOS** Vitorino Magalhães Godinho

I – SOBRE HISTÓRIA UNIVERSAL / *XI-289 pp. 75$00*

1.º volume da colecção E ensaios

«ensaio é a fala de um cidadão a outros cidadãos»

Livraria Sá da Costa Editora / Lisboa

Encontro com Hogan

«Não vou frìvolamente trocar de linguagem»

A RECENTE inauguração duma exposição de gravuras na Galeria Espaço, em Algés, foi o pretexto.

Encontro o João Hogan na «Brasileira», seu poiso certo, a horas mais ou menos certas, entre amigos. Digo-lhe da entrevista, que parto para ela do ponto zero, que terá de me ajudar. Logo se verá. Este Hogan da «Brasileira» já o conheço, ou julgo conhecê-lo: é o homem-que-ri, o gigante bom, ingénuo, quase infantil na sua alegria de estar, o camarada que apetece ter ao pé, o ouvinte por excelência. Uma vez o vi em sua festa pública: e foi bonito, um menino de cinquenta e quatro anos a brincar por entre as mesas do café, agachado atrás duma cadeira, disparando tiros imaginários, espalhando um riso amigo à sua volta. Dias depois, vendo-lhe os quadros expostos na Galeria Divulgação, torne! a espantar-me: eis uma pintura que eu diria quase subterrânea, de um dramatismo intenso (*in tenso*) e deliberado. Nas suas paisagens não surge a figura humana, sequer uma árvore. São paisagens quase abstractas, maquinais, largas ondulações escalvadas, desérticas regiões crepusculares cortadas aqui e além por objectos de repente insólitos na sua calma inutilidade: pontes, casas abandonadas, paredões em ruínas — tudo em ocres, castanhos, verdes sujos.

— Hogan, onde está a máscara?

Surpreende-se e eu tento explicar-me. Falo-lhe no contraste que noto entre o homem folgazão e a visão nocturna do pintor.

Não sabe explicar, mas sempre diz:

— *É como um humorista que padece do fígado e é macambúzio. Será a mesma coisa?*

Ponho a questão de outra maneira:

— O acto de pintar dá-lhe alegria?

— *Não. É uma sensação de não pensar em mais nada senão nisto: resolver o quadro. Uma necessidade (uma responsabilidade) de o fazer, mas sem esforço.*

Insiste no termo *responsabilidade*. E junta-lhe um outro: *consciência*. Uma consciência cada vez mais funda do acto de pintar.

Disparo, intrigado (ainda) pelo dramatismo dos quadros.

— Influências?

— *De muitos, claro. Um bocadinho de cada.*

É pouco. Arrisco então dois nomes, que me acodem à memória não por acaso: Chirico, Magritte.

— *Ah pois, os surrealistas. Sim, ao princípio as minhas paisagens eram mais de espectáculo.*

— E hoje?

— *Hoje são mais de subconsciente.*

Mudo sùbitamente de registo:

— Hogan, de onde é você? (a pergunta é tola mas tem objectivo).

— *De Lisboa.*

— Mais parece alentejano.

Sorri, tartamudeia. Volto ás suas paisagens, às vastidões que em primeira análise nos sugerem os planos alentejanos. Para chegar, depois, a isto: a ausência de quaisquer elementos folclóricos.

— *Sim, eu tento uma linguagem universal. Digamos, uma desnacionalização. A pintura tende para isso. Até o próprio crítico quer isso.*

Alto lá: *o crítico.*

— O Hogan também se queixa dos críticos?

— *Não tenho nada de me queixar.*

Correndo o risco de me tornar irritante, insisto na tecla. Eis o Hogan a falar:

— *Os críticos estão muito inclinados às experiências e não àqueles que são realmente pintores e as não fazem.*

— Mas você não faz experiências?

— *De certa maneira. Mas não as que eles entendem.*

— Quais? Como?

— *Experiências concretizadas. Não das novas escolas francesa ou italiana. Essas estão lá. Nós estamos cá.*

— De qualquer forma, os seus quadros parecem-me de factura um tanto ou quanto uniforme...

— *Querer andar a la page é muito mais grave que o meu caso. Estive três anos sem fazer uma exposição. Isto é: trabalho em profundidade de há três anos para cá. Não vou frivolamente trocar de linguagem. O meu trabalho é uma observação que tento cada vez mais profunda.*

— E a gravura? Por que se interessa por ela?

— *Na gravura as ideias estão mais à frente.*

— Já tinha algum conhecimento da técnica?

— *Não. Comecei por fazer gravuras em madeira. Agora trabalho mais nos metais.*

— Mas não teve pròpriamente uma aprendizagem?

— *Sim, na Sociedade Cooperativa dos Gravadores Portugueses segui um curso do gravador inglês Haiter e um outro dirigido por Rossini Perez. Depois fui assistente (e aluno) de Carmen Garcia.*

— E hoje é professor...

— *Acabei por sê-lo.*

A máscara de João Hogan, ou as contradições de um humorista macambúzio

Volta a sorrir. De espanto por tudo o que lhe acontece na vida (o pintor João Hogan foi durante vinte e tal anos operário marceneiro) ou simplesmente como quem pede desculpa? Talvez ambas as coisas. Olho bem para ele: uma bondade *naive* estampada no rosto, particularmente no azul dos olhos.

Lembro-me agora: nas suas paisagens soturnas espreita um azul vivíssimo.

V. S. T.

Ornette Coleman: Capítulo décimo?

Jazz: Oito primeiros planos

por José Duarte

ATRAVESSANDO oceanos, conquistando cidades, subindo rios, invadindo continentes, a verdade é que o «jazz» tem vindo, ao longo dos seus setenta e tal anos de idade, a conquistar lenta, mas progressivamente, ouvintes por todo o mundo.

Cedo a Europa reagiu ao «jazz». As primeiras visitas de músicos americanos (Béchet) os primeiros clubes (Hot Clube de França), os primeiros críticos (Panassié), as primeiras revistas («Jazz-Hot») — e a Europa começa a interessar-se, a pensar no «jazz».

Dos muitos livros que se têm escrito, a América tem contribuído com a maioria, medíocres quase todos. Salvam-se os textos de Nat Hentoff, Martin Williams, Marshall Stearns e, ás vezes, Leonard Feather.

Na Europa, também muito se tem escrito sobre «jazz», escasseando no entanto a qualidade. André Hodin, com os seus «Hommes et problèmes du jazz», permanece como um dos melhores autores.

Para Lucien Malson, francês também, homem culto e com um conhecimento do «jazz» muito equilibrado, «blue notes» e «ghettos» são factores igualmente importantes, na existência do «jazz». Malson é, como o alemão J. Berendt, um crítico, historiador e divulgador sério e competente, que merece ser lido e meditado.

Há uns anos que L. Malson responde na revista «Jazz-Hot» ás mais variadas perguntas dos leitores. Da ridícula pergunta portuguesa, á mais estranha pergunta uruguaia, Malson dá respostas que constituem exemplares períodos duma sociologia do «jazz», até hoje por fazer.

Até que, treze anos depois da 1.ª edição francesa (está-se sempre a tempo), Malson vê em Portugal traduzido o seu livro «Les maitres du jazz».

A propósito de traduções para português de livros de «jazz», digamos que o panorama até hoje não é de euforia. Raul Calado, a quem o «jazz» em Portugal muito deve, traduziu bem duas obras de interesse relativo: «Jazz», do crítico inglês Rex Harris, e «A História do Jazz», do crítico francês Hughes Panassié, acusado frequentemente de reaccionário.

Manuel Seabra, senhor que desconhece profundamente o «jazz» e o inglês, *traduziu* a «História do Jazz», do crítico americano Barry Ulanov. Embora tenhamos muita admiração pelas aventuras do Homem em «terras desconhecidas, bravias e perigosas», a «tradução de Seabra» só tem servido, entre os entusiastas do «jazz» em Portugal, para noites de hilaridade, provocadas pela leitura em voz alta de algumas linhas dessa incrível publicação.

Com a tradução de «Les Maitres du jazz», por Cidália de Brito, surgiu-nos a obra mais importante, a tradução mais cuidada, o estudo mais profundo, publicado em português sobre «jazz».

Numa edição actualizada, Malson incluiu 3 capítulos de introdução respectivamente sobre as origens, as características e o «jazz» no mundo. Para além da sua paixão pelo «jazz», transparece nestas linhas de Malson um conhecimento profundo, um enquadramento certo do «jazz» como uma arte típica do séc. XX, gerada por condicionalismos que não podem ser negados, alimentada por valores humanos puros, que a afastam portanto duma industrialização maciça, duma comercialização intensa, duma apreensão imediata.

> «...*Ao exprimir o drama negro, o «jazz» ilustrou as inquietações e os anseios dum mundo em confusão...*»
>
> *LUCIEN MALSON*

Com 8 capítulos dedicados a outros tantos grandes músicos de «jazz», Malson esboça uma história do «jazz». Não uma enumeração de factos, datas e gravações, mas um debruçar

(Continua na 7.ª página)

Um «best seller» excepcional:

EM PRIMEIRO LUGAR NOS ÊXITOS DE LIVRARIA

o novo romance de

JOSÉ CARDOSO PIRES

O DELFIM

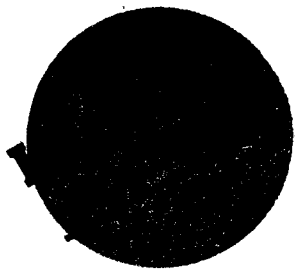
«Obra-prima»
— *Mário Dionísio*

«Nenhum escritor português vivo escreve melhor do que Cardoso Pires»
— *Óscar Lopes*

MORAES EDITORES • LISBOA

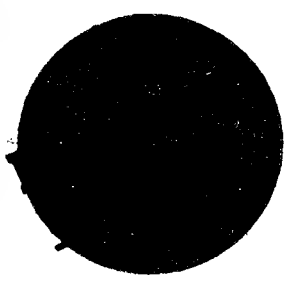
Universidade de Estrasburgo, paraíso dos linguistas (Quinzaine Littéraire)

A LINGUÍSTICA é uma ciência que tem por objecto o funcionamento das diversas línguas existentes e possíveis, consideradas por si mesmas. A importância actual da linguística é dupla: não só é entre as chamadas «ciências do homem» a que aparece mais amadurecida e estruturada, como é também, e por isso mesmo, a que mais conceitos põe em circulação para serem transpostos para outros domínios da ciência. Deste modo, uma certa terminologia linguística invade hoje a crítica, o ensaio e a reflexão filosófica. Aproveitando o facto de o conhecido linguista André Martinet ter passado há semanas algum tempo entre nós e ter proferido várias lições e conferências, procurou o «Diário de Lisboa» reunir alguns elementos que tornam possível uma primeira abordagem dos problemas em questão. Teremos assim, neste e no próximo número, alguns artigos e indicações que não pretendem servir de introdução, mas sómente pôr em relevo o interesse e as implicações da linguística de hoje.



EUGENIO Coseriu enriqueceu a distinção básica de Saussure entre «lingua» e «discurso» («parole»), introduzindo uma nova dicotomia: a «lingua» é «sistema» e «norma». Lemos em *Sincronia, Diacronia e Historia* (Montevideu, 1958), daquele autor: «Nas estruturas que constituem a língua importa distinguir entre o que é simplesmente normal ou comum *(norma)* e o que é oposicional ou funcional *(sistema)*». E, mais adiante: «O *sistema* é 'sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados' dum falar 'compreensível' numa comunidade; a *norma*, pelo contrário, é um 'sistema' de realizações obrigatórias' consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que 'pode dizer-se' mas sim ao que 'já se disse' e tradicionalmente 'se diz' na comunidade considerada» (aqui Coseriu cita-se a si próprio, reproduzindo definições que apresentara em *Sistema, norma e fala*, de 1952). No vol. I da sua excelente *Teoria da Linguagem* (Coimbra, 1967), Herculano de Carvalho retoma e esclarece a mesma distinção, adoptando, porém, o termo «esquema» em vez de «sistema». «O esquema pode assim comparar-se a um conjunto de instruções muito gerais transmitidas a um sujeito na execução de uma determinada tarefa, dentro da qual se lhe deixa uma larga margem de iniciativa individual, de acordo com as circunstancias de momento, não concretamente previstas. A norma, por outro lado, é comparável a um segundo conjunto de instruções, derivadas das primeiras, nas quais essas circunstancias tenham sido, por assim dizer, *todas* previstas e a que o sujeito que as recebe deve sujeitar-se rigorosamente, sem a necessidade, mas também sem a liberdade, de criar, por sua própria iniciativa, o modo de agir adequado á situação». Por exemplo impõe o sistema que os nomes de acção se formem a partir de um tema verbal a que se junta um dos sufixos *-mento* e *-(i)ção;* determina a norma que, nuns casos, se utilize o primeiro destes sufixos, noutros casos o segundo *(perdição* e não *perdimento, aperfeiçoamento* e não *aperfeiçoação)*. Claro que nem sempre a norma se revela igualmente precisa: há casos em que permite uma alternativa, concedendo a possibilidade de escolha: *aldeãos* ou *aldeões, aceite* ou *aceito* (part. passado), *aferimento* ou *aferição*, etc. Casos até em que podemos adivinhar a mobilidade da norma, como em *adornos* (com ó fechado) ou *adornes* (com é aberto).

Ora, o utente da lingua, mais particularmente o escritor, e sobretudo o poeta, pode explorar, e explora muitas vezes, para além da norma, as virtualidades do sistema. E o



Importância cultural da linguística

entrevista com André Martinet

AQUI está André Martinet, linguista famoso, importante pelas suas teorias, pelo seu ensino, pelo seu trabalho de divulgação. Martinet, de quem tantas vezes ouvimos falar, Martinet, que já lemos na impessoalidade dos textos — Martinet chega, está aqui e fala, e fala-nos. Na sua primeira conferência, André Martinet ocupa-se dos «universais na linguagem». E este contacto inicial foi, segundo a maioria, decepcionante. Duas razões o podem explicar: Martinet é frio, longínquo, quase técnico na sua exposição, limita-se a criticar, sem apresentar as suas próprias ideias; em segundo lugar, Martinet vem combater uma orientação linguística que pouco ou quase nada é conhecida entre nós: a escola de Chomsky. Deste modo, as afirmações de Martinet parecem demasiado evidentes para quem as não sabe inserir no contexto do debate. Sentimo-nos *antes* dos problemas, tudo se nos afigura resolvido, e a conferência fracassa parcialmente.

Por outro lado, persiste um equívoco. Abalados por um certo «estruturalismo» que ninguém sabe definir muito bem, abordamos Martinet pretendendo defini-lo: então, professor, é ou não é... «estruturalista»? E neste ser ou não ser, Martinet esquivou-se. *«É uma palavra impossível»*, comenta. Martinet ataca os «universais na linguagem», o «apriorismo», a predominância do sincrónico, o formalismo, o «inatismo», tudo o que supomos caracterizar esse «estruturalismo» algo fantasmático. Mas, por outro lado, Martinet fala em «estruturas» e diz-se saussuriano (Saussure, donde parte toda a linguística estrutural).

Mais tarde, Martinet esclarece: *«Quanto a terminologia, é preciso não esquecer que Chomsky e os seus colaboradores foram estruturalistas e agora se apresentam como aqueles que, com a gramática generativa e tudo o mais, ultrapassaram os limites do estruturalismo. Eu próprio fui atacado como um ignóbil e antiquado estruturalista, um estruturalista fora de moda e patati patata...»*

Nesta questão de ser ou não ser, todos afinal são: estruturalistas. Martinet, porque saussuriano, escolhe um estruturalismo. Chomsky acha esse estruturalismo limitado (porque não dá conta do aspecto criador da linguagem e das relações entre esta e a razão) e escolhe outro estruturalismo. O que desorienta em Chomsky é que há nele dois aspectos contraditórios: interessa-se simultâneamente pelo concreto, voltando-se para o sujeito falante, e pelas abstracções mais aventurosas, procurando encontrar «esquemas fixos inatos» que estariam na base de todas as línguas. Daí que pareça ao mesmo tempo mais e menos estruturalista. Tal como Martinet mas em sentido inverso. Mas ambos se situam no interior do estruturalismo linguístico.

Como decorre o seu trabalho actual? — pergunto-lhe mais tarde, no *hall* do Hotel Tivoli (juntamente como o representante de *O Tempo e o Modo*, que ao seu modo e a seu tempo publicará uma exaustiva entrevista que julgo sensacional). Martinet olha-nos (é um homem cansado, já disse isto dezenas de vezes, repete-o o menos mecânicamente possível) e diz-nos: *«Não tenho hoje tempo para a investigação científica. O ensino absorve-me por completo. Tenho centenas de teses para orientar, preciso de ler dezenas de originais manuscritos. Nem me sobra tempo para ler tudo o que me interessa, e por vezes nem mesmo aquilo que diz respeito ao meu próprio pensamento.»* (Há três anos, Lucien Goldmann dissera-me precisamente o mesmo: «desde *Le Dieu caché* que não posso dedicar-me á investigação»). *«Limito-me a escrever artigos (sobretudo em livros de homenagem a colegas que muito aprecio) e obras de divulgação, manuais. Quanto a projectos, se surgisse uma oportunidade que me libertasse mais, um ano sabático, uma estadia no estrangeiro, qualquer coisa, poderia então escrever uma «Sintaxe», uma sintaxe que seria, creio, bastante inovadora. E gostaria também de fazer um estudo sobre estilo. Mas a Sintaxe é mais fácil, porque me posso basear nas minhas próprias ideias, sem ter que ler tudo o que se escreveu sobre o assunto. Até é uma vantagem não ter lido tudo, permite maior originalidade. Quanto ao Estilo, teria mesmo de ver o que outros pensaram e escreveram sobre o tema e isso ocupar-me-ia muito mais tempo».*

Conversámos depois sobre inumeras questões, o que o espaço não permite aqui relatar. Fala-se de novo em Chomsky, Martinet reage; porque *«falar em estrutura superficial e estrutura profunda da linguagem, como faz Chomsky, é inútil, é confundir o que é essencial não confundir: que existe uma realidade linguística e uma realidade extralinguística, uma realidade física».*

Fala-se em Hjelmslev: *«é o estruturalista mais austero, o mais despojado, mas as suas descobertas fundamentais estão implícitas em Saussure. Ele reafirma a arbitrariedade do signo linguístico, que deriva da não coincidência entre realidade linguística e realidade física».*

De Hjelmslev saltamos para o problema do sentido — questões de semântica. Será aí também possível uma análise estrutural, uma vez que nós sabemos que não há um sistema limitado de significações? *«Sim, é possível uma análise estrutural, mas atingir-se-á apenas*

LOUIS HJELMSLEV

Nasce em 1899. Morre em 1961. Está ligado ao Círculo de Copenhague. «É o estruturalista mais austero e despojado», diz Martinet. A sua linguagem é hermética, o seu pensamento bastante difícil. Deu à sua teoria o nome de «glossemática». É Hjelmslev quem substitui a relação significante-significado por algo de mais complexo: conteúdo e expressão. Tanto o conteúdo como a expressão têm uma forma e uma substância. O significante é a forma da expressão e o significado é a forma do conteúdo. Para Hjelmslev, todas as línguas se caracterizam pelo princípio da estrutura. Jacques Derrida prolonga, em *De la Grammatologie*, algumas teses de Hjelmslev. Sobre Hjelmslev, ver Kurt Togeby, «La glossématique», in *Langages*, n.º 6, Junho de 1967 (Didier-Larousse).

Sistema, norma e estilo

por Jacinto do Prado Coelho

facto verifica-se aos vários níveis da língua, na sua dupla articulação, de *monemas* e de *fonemas*, segundo a nomenclatura de Martinet («Uma língua é um sistema de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fónica — os monemas; esta expressão fónica articula-se por sua vez em unidades distintivas e sucessivas — os fonemas —, de número fixo em cada língua e cuja natureza e relações mútuas também diferem de língua para língua» — *Elementos de Linguística Geral*. trad. portuguesa, 1964).

Consideremos, pelo processo da comutação, e percorrendo a gama dos fonemas vocálicos orais do sistema da língua portuguesa, as possibilidades que nos oferece a estrutura *mala*. Temos *mála, mâla, méla, mêla, mila móla, môla, mula*. Só existem efectivamente os significantes *mála, méla, móla, mula;* os restantes são potenciais, hipotéticos: não se tirou neles partido das possibilidades distintivas que funcionam em *pára/pára, pêlo/pélo, mira/móra, tóro/touro*. Inúmeras possibilidades do sistema ficam desaproveitadas. Daí a larga margem de *invenção* (no próprio sentido etimológico) oferecida ao poeta que as queira explorar, guiado pela intuição da expressividade fonética, do valor sugestivo das associações de imagens. Simples jogo? O certo é que poetas verdadeiros, como Jorge de Sena, tomaram este caminho; lembro os «Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómena», inclusos nas *Metamorfoses* e datados de 1961: «D e n t í f o n a apriuna a veste iguana/de que se escalca auroma e tentavela», etc. O estilo poético faz-se aqui na zona que se estende entre o sistema e a norma.

Ao nível dos monemas, na formação de palavras, também se observa o aproveitamento analógico de esquemas dados pela língua; os exemplos abundam, felicíssimos, em Guimarães Rosa: *assombrável, viuvoso, zombaz, tresbulício*. E comparecem na literatura portuguesa, de José Agostinho de Macedo a Ramalho, de Alexandre O'Neill a Ruben A. Em Macedo: «*soflocantíssima* tragédia»; em O'Neill: *pestanítida*. Jocosos, endiabrados.

No plano da frase, convirá ter em conta diferentes normas infringidas: a norma lógica, a da verosimilhança — e a norma pròpriamente linguística. Para constituir uma frase, um conjunto de palavras tem de estar organizado, tem de possuir uma forma sintáctica. O sentido pode ser absurdo ou irreal, permanecendo a forma perfeitamente regular: «Esta quadra tem sete versos», «O relógio con-

Ferdinand de Saussure

gestionou as pernas da papoula». Canta em *Lugar* Herberto Hélder: «Campos de cevada inspirados no fogo que batiam / nas costas das minhas mãos...». Outras vezes, o desvio verifica-se em relação à norma linguística: diz-se «à tarde», mas não é «normal» escrever-se «às tardes», no plural, como faz Sá-Carneiro em *A Confissão de Lúcio:* «Com efeito, ainda hoje, *às tardes maceradas*, eu não sei evitar numa reminiscência longínqua a saudade violeta de certa criaturinha...» *Viver-se*, reflexo, é outra infracção à norma que vemos em Ruben A., na *Torre da Barbela:* «Tenho de voltar a Paris para *me viver* em ti». Gramaticalmente «e r r a d o», em Herberto Helder, um substantivo no superlativo: «Sou fechado / como uma pedra *pedrissima*. Das «im-pertinências» estruturais da linguagem poética (às vezes com certo simplismo, ou sem a necessária destrinça) trata Jean Cohen em *Structure du langage poétique*, Paris, 1966, acentuando que «a poesia pratica sistemàticamente a impertinência», «dum modo geral só pode construir-se pela violação sistemática das regras da linguagem». Mais preciso seria dizer que o poeta, infringindo a *norma*, explora as virtualidades do *sistema*, afirmando-se assim pela singularidade dum *estilo*.

Ainda insólita, mas amplamente praticada, sobretudo na poesia concretista, é a «transgressão da partilha ordinária *sintagma/sistema*» a que Roland Barthes se refere nos *Éléments de Sémiologie:* o plano paradigmático vem interferir, por vezes violentamente, no plano sintagmático: sucedem-se então associações estruturais de paronímia, etc., do tipo *Sagres sagrou* (Miguel Torga: «*Sagres sagrou* então a Descoberta...») ou *flébil lábil* (Manuel Bandeira: «FLABELA / flébil / lábil / Isabela / nota e núbil»).

Para este breve artigo de homenagem só uma conclusão óbvia: que não é possível entender e valorizar a linguagem literária sem ter em conta, além da cadeia significante-conceito-objecto, as relações, em cada emprego, da unidade linguística com outras peças do sistema, com as regras gerais do «jogo» e com a norma vigente.

NOAM CHOMSKY

Criador da «gramática generativa transformacional», Chomsky é a grande moda na linguística de hoje. Procura estudar o aspecto criador da linguagem. «Tudo se passa como se o sujeito falante, inventando em certa medida a sua língua na medida em que se exprime, ou redescobrindo-a na medida em que a ouve falar em torno de si, tivesse assimilado à sua própria substância pensante um sistema coerente de regras, um código genético, que determina por sua vez a interpretação semântica de um conjunto indefinido de frases reais, expressas ou ouvidas. Tudo se passa, noutros termos, como se se dispusesse de uma «gramática geradora» da sua própria língua». Deste modo, Chomsky enraíza a gramática numa razão inata, subordinando assim a linguagem à lógica. Para Chomsky, «é muito possível que uma gramática seja adquirida pela simples diferenciação de um esquema fixo inato, mais do que pela aquisição progressiva de dados, de sequências e de encadeamentos, e de associações novas». O texto mais acessível de Chomsky é «De quelques constantes de la théorie linguistique», in *Diogène*, n.º 51, 1965. Sobre Chomsky, ver *Introduction à la grammaire générative*, de Nicolas Ruwet, Plon, 1968. Sobre lógica e linguagem, ver o pequeno, mas extremamente importante livro de Jean Piaget, *Le Structuralisme*, Col. Que Sais-Je?, Paris, 1968.

André Martinet

um conglomerado de estruturas que talvez não formem uma estrutura geral». Por outro lado, «*os trabalhos realizados nesse domínio são muito interessantes, mas não me satisfazem, nem os do meu colega Pottier, nem os de Todorov, nem os do meu discípulo Luiz Prieto, nem os de Greimas. É um campo difícil porque é preciso distinguir entre o que pertence á realidade linguística e o que pertence á realidade extralinguística.*

«*Lévi-Strauss, por exemplo, quando ele analisa as relações de parentesco, escolhe um campo privilegiado, porque aí o entrelaçamento entre a estrutura linguística e a estrutura não linguística ou social é quase absoluto, e não sabemos se a estruturação é de origem linguística ou imposta por pressão da realidade social. Isto é, se as relações de parentesco são impostas pela estrutura da linguagem ou se são as relações de parentesco que implicam essa estruturação da linguagem. Pela minha parte, como saussuriano, continuo a defender a arbitrariedade do signo linguístico.*

«*Em relação a Greimas, nem tudo me parece claro. Quanto a Todorov, ele ocupa-se sobretudo do estudo do estilo, o que não sai da competência do linguista, desde que seja feito de um ponto de vista formal. Porque nada existe em linguística sem ser formal*».

Martinet lembra-se de um livro, uma tese que ele seguiu com interesse, mas esqueceu-se do título. Um livro de Jean Cohen. Recordamos-lhe o título: *Structure du langage poétique*. «*E' isso. E' um livro curioso porque primeira vez trata da poesia em termos não poéticos. O que é saudável.*»

Formulamos objecções. Será possível reduzir o discurso poético a um desvio em relação a um discurso normal? Martinet reconhece os limites de Cohen «*ele conhecia mal certos aspectos da linguística*», e acrescenta que «*talvez a palavra 'desvio' não seja adequada, será melhor falar de conotações, mas mesmo considerar apenas o desvio é insuficiente, é preciso falar de elaboração desse desvio. Além disso, não há estilo sem a consideração final do produto. Na linguagem quotidiana não há antecipadamente consideração final do produto. No estilo, isso é um factor decisivo. Sobre o discurso poético, é ainda útil dar atenção á teoria da informação, que trata as coisas dum ponto de vista quantitativo, mas isso tem uma importância de base inegável*».

A abordagem feita por Martinet das questões de poesia é voluntàriamente redutora e positivista. Quase nos inquietamos. Ouvimos falar em «*poesia pura*», em distinguir ou não d i s t i n g u i r um alexandrino «*Em F r a n ç a, perde-se esta noção de poesia pura, baseada no valor da métrica. Eu distingo um alexandrino, a minha mulher ainda o distingue, mas as minhas filhas já não*». Há naquele «ainda» referido á mulher uma ponta de orgulho: a mulher de Martinet foi *ainda* sua discípula. Mas adiante. O que é um poeta? «*Um poeta é aquele que transmite de um modo convincente aos outros as suas próprias conotações (que até podem não ser as dos outros). F a l o de conotações sem ser no sentido de Barthes.*

«*Para mim, são conotações todos os elementos que no domínio do sentido (considerado de forma geral) não são comuns ao conjunto da comunidade. Ao conjunto, note, mas podem ser comuns a este ou áquele grupo social. É portanto tudo o que não vem no dicionário. A cultura é a transmissão e a elaboração dessas conotações*».

Fala-se de Barthes, do conhecido Barthes dos «elementos de semiologia», da divulgação de Brecht, da «nova crítica», dos estudos sobre a moda. Como o verá um apenas especialista da linguística? Com simpatia, diz Martinet. Mas — objecção quase inesperada — «*Barthes aborda os problemas d u m a perspectiva demasiado linguística. Quando estuda a moda, por exemplo, interessa-se em exclusivo pela expressão linguística da moda, pela moda falada como fenómeno sociológico*».

Percebemos a oposição entre Barthes e Martinet: para Barthes, a semiologia (ou ciência geral dos signos) integra-se na própria linguística; para Martinet, a linguística é apenas um domínio da semiologia, e deve-se sempre distinguir entre realidade linguística e realidade extralinguística. «*É preciso não alargar a língua a domínios que lhe são estranhos*».

E a questão reconduz-nos ao estruturalismo, á oposição sincronia-diacronia. «*Embora me tenha ultimamente ocupado mais da sincronia (o que é uma forma de reacção)*», diz Martinet, «*eu estou convencido de que a diacronia é que é interessante. A sincronia leva ao apriorismo. Mas devemos desligar-nos da ideia colhida em Saussure de que só há estrutura no plano da sincronia. A estrutura não é uma forma de apreender os factos (isso é um modelo); a estrutura existe nos próprios factos e é ela que age na diacronia. Não há processo que não seja o processo duma estrutura*».

E conclui: «*Na Europa, as tentativas no estilo da de Chomsky, das gramáticas generativas, das teorias transformacionais, são tentativas reaccionárias. Elas serão talvez uteis na América. Mas regressam á velha confusão entre lógica e linguística, a Descartes, a Port-Royal, a tudo que o estruturalismo liquidou. Nós devemos digerir ainda por muito tempo o ensino estrutural antes de voltarmos a pensar as relações entre lógica e linguística. Precisamos ainda de trinta anos de estruturalismo*».

EDUARDO PRADO COELHO

Escrever «cada vez mais devagar»

propósito de Mário Ventura

Mário Ventura é um escritor jovem mas que, nos últimos cinco anos, publicou três romances: «A Noite da Vergonha», em 1963; «À Sombra das Árvores Mortas», em 1966, e «O Despojo dos Insensatos», posto à venda há algumas semanas. Uma boa média: três romances em cinco anos, todos editados na «Bertrand». Além disso, a editora «Prelo» anuncia a saída iminente de uma «Antologia de Escritores Ribatejanos», em que figura um conto de Mário Ventura: «Quantas Vezes nos Amámos?»

Tal ritmo de produção literária é bom? É mau? Ouçamos o parecer do próprio autor:

— Estou a reescrever sem a certeza de vir a publicar — não sei mesmo se voltarei a publicar alguma coisa — várias histórias, pensadas há muito tempo, mas só recentemente realizadas. Se vierem a constituir um volume talvez lhes dê o título geral de «Histórias de Amizade». Mas a única certeza que tenho, em relação ao que estou a escrever, é a de que vou escrever cada vez mais devagar, a ritmo calmo e lento de quem está cansado de perder a maior parte do seu tempo num trabalho amargo que lhe embota a mão e a sensibilidade. Isto, naturalmente, a não ser que me decida a correr a aventura de uma actividade literária como primeira ocupação. Tudo pode acontecer. E é nisso o que mais me encanta: a certeza de estar, em qualquer momento, disponível para todos os riscos que contrariem uma vida segura e formalizada.

LITERATURA E JORNALISMO: ACTIVIDADES INCOMPATÍVEIS?

O nosso interlocutor é jornalista profissional. Quereria ele significar a incompatibilidade do jornalismo e da literatura?

— O jornalismo é útil à literatura durante o período, mais ou menos largo, da formação de um escritor, quando nele é maior a necessidade de sorver a vida, conquistar a experiência e o conhecimento dos seres humanos, que são as ferramentas mais preciosas para um jovem que pretende escrever. O jornalismo é uma espécie de alfurja onde se arquivam as catadupas, num caos, todas as grandezas e misérias de uma sociedade, sob o pretexto da informação mais ou menos objectiva. Mas é também a origem de um cansaço prematuro e dissolvente, só possível de suportar se o jornalista se entrega a uma desencantada resignação ou se encontra nos êxitos pequenos e fáceis a compensação das energias perdidas. É a partir daí, após esse período de euforia para um jovem que alienou à profissão todo o seu entusiasmo a troco de uma descida aos infernos, que o jornalismo começa a destruir o escritor que ajudou a formar. Quer-se resistir, iludir com falsos argumentos uma situação que se sabe desastrosa e irresistível, mas não tarda muito que se vejam no próprio papel, que devia ser branco, as manchas de uma amargura que tem origem num dilema: é necessário optar entre uma actividade que agrilhoa e destrói aquilo que ajudou a criar e uma independência que a literatura, arte menor sem cotação social ou financeira, não permite.

— O tema da alienação surge por diversas vezes em «O Despojo dos Insensatos», nas ideias e palavras da sua personagem principal, que é um jornalista. Estará este a reproduzir os próprios sentimentos do autor em relação ao conflito escritor-jornalista?

— De forma alguma. A profissão identifica a personagem, José Álvaro, mas não a caracteriza. Digamos que inventei um jornalista a viver determinada situação que nada tem a ver com a sua actividade profissional. As suas ideias não são forçosamente as minhas, o

seu comportamento não é automàticamente aprovado pelo autor. De qualquer forma, o escritor tem todo o direito de se retratar, mais ou menos fielmente, nos livros que escreve, o que não significa que ele esteja inevitàvelmente presente em cada uma das suas histórias.

O ESCRITOR: UM ANIMAL ISOLADO? PAZ À SUA ALMA!

Uma entrevista, principalmente com um jornalista-escritor, é em regra um monólogo provocado. Provoquemos, pois, Mário Ventura para nos dizer o que pensa da obra literária, encarada como meio de comunicação.

— Permita-se-me uma frase já dita e redita: toda a obra de arte é social. Claro que a alegação serve para todos: até mesmo para aqueles cuja obra não cumpre sequer a «função social» de comunicar com o público. Para esses, a própria nebulosidade pode ter função social. No que me diz respeito —e correndo o risco de desprezar as constantes *actualizações* da literatura e das ideias —, penso que o escritor deve comunicar com o público, o que de forma alguma significa condescender. O público insere-se no círculo de actividades de um escritor, é o espectador da sua obra, e pelas reacções que ele evidenciar o escritor aquilata da sua razão ou sem razão artística e social. O escritor não pode ser um animal isolado, o que o leva por vezes a sentir a necessidade dolorosa do contacto com o público, mesmo se o ignora no acto de escrever. Naturalmente que esse contacto obriga à existência de um interesse mútuo, de uma vida cultural devidamente articulada, de meios favoráveis à comunicação entre ambos. Se estes não existem, o escritor vê-se reduzido a uma situação de isolamento, que é a mais inadequada à sua actividade. Mas não é menos verdade que, condenado ao isolamento, portador de uma voz que não encontra eco, o escritor deixa de ser um animal incómodo perturbador de consciências, semeador de dúvidas e interrogações. Paz à sua alma, pois!

DA CRISE DO ROMANCE AO INQUÉRITO SOCIOLÓGICO

Mas esta conversa, este monólogo provocado, vem a propósito da recente publicação de «O Despojo dos Insensatos», um romance de ambiente algarvio...

— O Algarve atraía-me. Escrevera montes de artigos sobre a terra e a sua gente, mas não era fácil encontrar a história que poderia condensar, para mim a grande transformação local, gente em movimento, a invasão turística, a alteração da paisagem, o grande e brutal desencontro entre o progresso — estranho progresso, diga-se de passagem — e a tradição. E um dia, no Outono, quando passava alguns dias numa pensão algarvia, vendo pescadores imóveis à porta de estabelecimentos escuros e assistindo à partida dos últimos turistas, o encontro fortuito com uma jovem alemã, chamada Elke, fez nascer a história que deu origem a este romance. A história que então escrevi poucas relações mantém com a que se publica agora, quarta versão sobre um mesmo tema — e a turista alemã, figura passageira em todo o enredo, porventura pouco dirá ao leitor. Isto mostra-lhe que tudo será imprevisível no momento em que se começa a escrever uma história, por muito que sejam os projectos ou muito firmes as intenções. De comum com os planos de há três anos, este livro talvez só tenha agora um ponto: o Algarve.

— A aldeia de Açoreira, onde decorre a acção, é real ou imaginária?

— Imaginária, naturalmente. Esse é um dos poucos factos que diferenciam o meu romance de uma coisa que eu gostaria de ter feito sobre o Algarve: um inquérito sociológico... mas isto levar-nos-ia muito longe, creio eu.

— Talvez ao problema da debatida crise do romance...

— Talvez... Diz-se que o romance está em crise, e não só aqui, evidentemente. A ser verdadeira, a afirmação aplicar-se-ia, quanto a mim, a todas as formas de narração escrita, e não resta dúvida de que algumas delas nunca conheceram tanta popularidade como na nossa época. Se o romance se encontra em situação desfavorável, isso dever-se-á não tanto à falta de temas — nunca houve tantos e tão variados —, de leitores — nunca foram tão numerosos —, ou de excessivo apego às formas clássicas de escrita — nunca os clássicos conheceram igual popularidade. Se o romance está em crise — note que a afirmação, feita assim, justifica largas dúvidas —, isso deve-se à sua dificuldade, ou antes, digamos, ao seu preconceito contra outros moldes que podem enriquecê-lo, dar-lhe novo vigor, impô-lo a novas camadas de público que não são mentalmente, as mesmas de há dez ou vinte anos. Por exemplo: o inquérito sociológico. No meio de uma técnica insensibilizada ou incompreendida, o romance continua a construir-se segundo uma sensibilidade antiquada. Isto vinha a propósito já nem sei de quê...

LITERATURA: ACTIVIDADE DAS HORAS VAGAS...

Mário Ventura apanhou no ar o fio da meada:

— Seria aliciante fazer a história de uma figura típica do nosso tempo e do meio em que se inscreve. Teria por certo muitas analogias com um romance. Mas não sei se a escreverei. Por enquanto limito-me a ler jornais, ouvir a rádio, ver a televisão, olhar as pessoas, recolher na memória os dados ambienciais que podem explicar a existência de um figura tipificada. Depois, será necessário passar à recolha sistemática e objectiva de elementos. Trata-se, porém, de uma tarefa que justificaria a criação de uma equipa. Para um escritor português, com todas as dificuldades originadas por um segundo (ou primeiro) emprego, talvez seja ainda mais fácil escrever romances do que enveredar pelo terreno dos ensaios sociológicos que interpretem tão bem — ou melhor — a sua época do que as obras de ficção.

O diálogo vai já adiantado. Mas falamos ainda de várias coisas, de gerações literárias, por exemplo.

— Esse conceito de gerações — disse-nos Mário Ventura — tem um sabor a arquivo empoeirado e serve muito ao pendor nacional das fáceis definições. Do ponto de vista literário, trabalhei sempre sem conhecer o que poderia denominar-se a minha «geração», isoladamente, embora muitas vezes tenha sentido a falta de convívio com jovens que alimentassem as mesmas pretensões literárias. O único apoio que tive, permanente e dedicado, verdadeiramente inestimável, foi o de um homem que não é exactamente da minha... «geração». Refiro-me a Alves Redol, grande escritor da nossa época, talvez o homem mais injustamente tratado nesta praça das letras em que andamos todos a convencer-nos de que somos corajosos, humanos e independentes. Ele consegue sê-lo, realmente, ao ponto de se ocultar numa sombra aonde, diga-se de passagem, ninguém vai estender-lhe a mão — de que aliás não precisa.

— Mas falemos, então, dos novos escritores...

— Os novos escritores — ou os jovens escritores — encontram cada vez mais dificuldades no seu caminho. Não por falta de popularidade da literatura, naturalmente, mas de condições que propiciem a sua revelação e continuidade. Assim se compreende que sejam cada vez menos os jovens escritores lançados nos últimos anos. Bem, não vou dizer que a Fundação Gulbenkian poderia fazer alguma coisa para modificar essa situação... Apesar do seu dinheiro, do hábito de patrocinar edições e traduções em línguas estrangeiras e da sua reconhecida magnificência, a Fundação não pode — nem deve — fazer nada em prol dos novos escritores. O mecenato não substitui tudo o mais.

«Seara Nova»

O número de Julho da revista *Seara Nova* apresenta uma notável variedade de colaboração em que se destacam, sobretudo, um excelente artigo de Eduardo Guerra sobre «A Economia Portuguesa em 1967», as contribuições de I. E. Dias Amado e José Gaspar Teixeira para a comemoração do «Vigésimo Aniversário de Bento de Jesus Caraça» e uma colaboração de Claude Roy—«Um Buda que Dissesse *Eu*» em que se faz a análise da personalidade intelectual de André Malraux. Outros artigos como «A Agricultura e o Cientista Político», de Rudolf Bicanic, que neste número se conclui, «As Eleições Italianas» e a correspondência de Montreal — «Go-Go Trudeau»— sobre o momento político canadiano, conferem a este número de *Seara Nova* um interesse e uma actualidade excepcionais e mantém uma tradição de autêntica perspectiva nacional no estudo dos problemas contemporâneos. Além da secção «Factos e Documentos» cabe ainda salientar uma outra habitual rubrica: a «Crítica Literária» de José Saramago.

Uma seara (sempre) nova

FERNANDO PESSOA

TEXTOS FILOSÓFICOS — I Vol.

Estabelecidos prefaciados por ANTÓNIO DE PINA COELHO

Outras obras de prosa

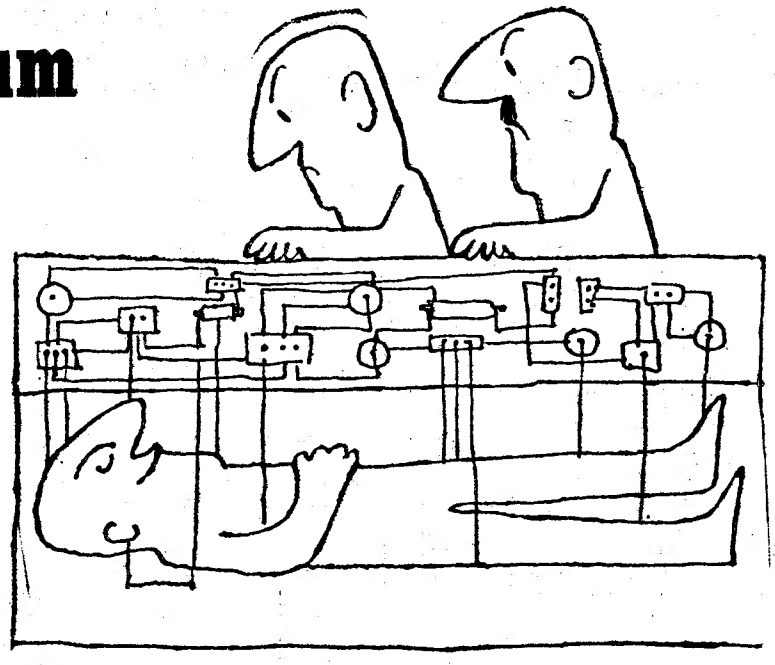
Páginas Intimas e de Auto Interpretação

Páginas de Estética, Teoria e Crítica Literária

Editores ÁTICA Livreiros

Rua Alexandre Herculano, 17-A — Telf. 52656

Consolação número um



Cruzada solitária contra a melancolia

OS VIAJANTES RECENTES ao Reino de Pacheco, que há anos a revista *Almanaque* celebrizou, mostraram-se chocados com a sisudez dos naturais e perguntaram-se, muito inquietos, por que razão se tinham inventado certos *slogans* de há duzentos anos e tal que diziam que *le portugais* era *toujours gai*.» Os mesmos estrangeiros em transito, depois do curso de Férias na Cidade Universitária, soletraram Alexandre O' Neill e quando dividiram as orações ao poema *Feira Cabisbaixa* perceberam que estavam afinal certas. Que os nossos escritores, por mais que se dissessem herdeiros do Eça ou do Camilo, não achavam piada nenhuma à paisagem e daí que só um Fernando Namora, com a sua imaginação do picaro, um Aquilino ou um ex-surrealista conseguissem sublinhar com algum humor o dito Reino de Pacheco. Eles lá tinham as suas razões.

Remando contra a maré, poucos nomes se poderiam recomendar aos curiosos estrangeiros. Não iriamos, claro, propor o André Brun que Deus tem no eterno descanso. Nem o comentador rimado do «Diário de Notícias» dos domingos. Nem a prosa de Bastos Guerra que é desconsoladoramente triste como um «clown» para crianças anormais. No meio de uma paisagem de remorso, a única voz com timbre de gracejo e, muitas vezes, com inteligente gargalhada, seria a de Santos Fernando. Ele é o único — sim, talvez o único — cavaleiro do humorismo que cruza a melancolia das nossas letras tão amargas. E desde 1947 que essa cruzada solitária se vem desenvolvendo com persistência e elaboração até este *Consolação Número Três* (ed. Publicações Europa-América).

Consolação Número Três tem a amenidade de uma crónica medieval para recitar aos domingos de costas para o receptor de televisão. A Lapa aristocrática é o ponto de partida para a crónica lisboeta. Uma Lapa pacatíssima, obsoleta, com o Conde a olhar o Tejo por um óculo de navegador quinhentista. E este angulo de focagem que Santos Fernando utiliza é que põe em relevo os valores anacrónicos das personagens com que partilhamos o nosso quotidiano. O escritor Delfim, o tio Barão e Lisboa, ela mesma, surgem-nos muito acacianamente em roupagens de domingo quase campestre e esse desfasamento histórico conduz a uma «arrumação» de cenário de inequivoco significado. Forçosamente, que as situações decorrentes de um tal desajustamento propiciariam o *non sense* que Santos Fernando sabe com frequência, descobrir no facto mais ordenado...

Narrativa jocosa, como já se disse de *As Uvas Estão Maduras*, o novo livro de Santos Fernando não intelectualiza portanto o humor até ao gume (como acontece num grande *cartoonist* português de craveira internacional, João Abel). A sua comunicabilidade é mais directa, mais imediata, mas nem por isso o seu estilo fluente e a sua inventiva deixam de ultrapassar a graça gratuita, para lhe darem uma categoria literária de real importancia. Como consolação número um, esta obra de Santos Fernando, vem comprovar que temos realmente um humorista nas nossas Letras. Isto é, um escritor que analisa o insólito com particular intenção.

S. M.

Nobreza de Portugal

3 VOLUMES

LUXUOSAMENTE ILUSTRADOS E ENCADERNADOS

RESUMO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL E DE PORTUGAL NO MUNDO

SOBERANOS DE PORTUGAL E DO BRASIL E SUA DESCENDÊNCIA

FAMÍLIAS TITULARES DE PORTUGAL E DO BRASIL ACTUALIZADAS

UMA EDIÇÃO DA

Editorial Enciclopédia, Lda.

Rua António Maria Cardoso, 33 — LISBOA
TELEF. 32 64 52 - 3 33 30

Queiram remeter-me, sem compromisso da minha parte, as condições de venda dos 3 volumes que constituem a *Nobreza de Portugal*, por pagamentos suaves:

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

A OUTRA MORTE DE INÊS

ACABA DE SAIR

de Fernando Luso Soares

— Uma peça verdadeiramente «nova» no teatro português.

— Uma recuperação audaz e inteligente do mito poético de Inês de Castro.

Col. «Os Livros das Três Abelhas» 108 págs. — 20$00

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
APARTADO 8 — Mem Martins
Delegação em Lisboa: RUA DAS FLORES, 45, 2.º
Delegação no Porto: RUA DE ENTREPAREDES, 6, 2.º

Jazz: Oito primeiros planos

(Continuação da 3.ª página)

inteligente sobre a evolução do estilo e das figuras mais típicas e importantes.

«King» Oliver e Amstrong, trompetistas de New-Orleans, negros, que a sociedade americana ouviu.

«Duke» Ellington, compositor que o governo americano condecorou.

Coleman Hawkins, Lester Young, Charlie Parker, saxofonistas, que a América desconhece, como valores mais positivos da sua única arte original.

Thelonious Monk, pianista que a capa de «Time» celebrizou.

Miles Davis, génio espancado, a poucos passos de Wall Street.

De todos, L. Malson divulga a obra, num prisma mais técnico-musical que sociológico, sempre dentro dum espírito informativo. Contagiante de interesse.

A tradução nada rouba á intenção do autor. E' sempre muito cuidada e precisa. Não se encontra um erro entre as dezenas de transcrições de títulos de composições, que se sabem ser por vezes difíceis e raros, nem sequer um nome de músico mal escrito. Houve, efectivamente, da parte da tradutora e da casa editora uma louvável atitude de precisão.

Talvez trompete seja um galicismo, mas trombeta soa mal.

A gravura que ilustra a capa e a contracapa é um belo angulo do genial John Coltrane, obtido num momento de total doação á sua música.

Se Lucien Malson se decidir por mais um actualização desta obra, John Coltrane será com certeza o seu 9.º capítulo. Até lá, esta ilustração na edição portuguesa ou é solução de emergência, ou sugestão antecipada.

JOSÉ DUARTE

Pöe e Baudelaire

(Continuação da 1.ª página)

o dos *Charmes* o seguiram à letra. Com eles principiaria a desenhar-se na Europa o movimento experimentalista na poesia, se bem que nem um nem outro fossem experimentalistas, e tanto um como outro, críticos e poetas, mantivessem a dualidade, pelo menos nos trechos mais notáveis da sua obra poética. Também eles, como Baudelaire, de quem se diziam discípulos, admiraram Edgar Poe, sem todavia confundirem o poeta com o teórico, muito mais apaixonados pelo segundo que pelo primeiro.

Sejam quais forem as reservas que se façam a respeito do génio poético de Paul Valéry — muito menos genial que T. S. Eliot —, para todos os efeitos a sua obra deve conciderar-se um marco miliário do experimentalismo actual. E isto não o impediu de recolher os votos da Academia Francesa e de ser adulado no seu tempo pelos teorizadores da chamada «poesia pura». Quer dizer que o experimentalismo tem antepassados que não brilham nem pelo génio nem pela subversão. E o facto de Rimbaud aparecer entre os patronos dos experimentalistas actuais não o compromete em nada, que o seu experimentalismo era tão pouco experimental que durou o tempo efémero da adolescência. Quando a maturidade chegou, muda de rumo: faz-se aventureiro e mercenário. Só este poeta, contudo, aliou ao génio criador o espírito crítico — o experimentalismo —, embora o fizesse ainda em páginas distintas: deixando a um lado as *Illuminations* e a outro *a Lettre du Voyant*, puro génio criador ali, ambiguidade crítica aqui.

Onde pretendemos chegar? Apenas a esta conclusão: que na história do experimentalismo moderno — a duplicidade do poeta-crítico — tem antepassados próximos assaz mistificadores. E mais ainda: que, de maneira absoluta, todo o grande poeta, seja Horácio seja Virgílio, seja Anacreonte seja Goethe, seja Antero seja António Nobre, seja Cesário Verde seja José Régio, é simultâneamente poeta e crítico: uma antítese que se revela síntese. O que distingue o poeta clássico — em todo o poeta clássico existe a duplicidade crítica-inspiração — do poeta experimental dos nossos dias é que neste a síntese não se realiza, talvez consequência da filosofia corrente nos meios literários, a qual pressupõe não antítese e síntese, mas *tese*, antítese e síntese. Nos grandes poetas clássicos a *tese* confunde-se com o temperamento, é um dado da natureza, um faiscar de génio, enquanto que no poeta experimental do nosso tempo a tese é o único elemento de que ele tem plena consciência: a sua poesia é uma tese em movimento, tese essa que ele, conscientemente, «elabora» e, conscientemente, «experimenta». No experimentalismo a síntese obtém-se artificialmente, é um produto da inteligência, em resultado previsto, como nas operações matemáticas. Ora em poesia, na poesia tal como a praticaram os maiores poetas do mundo — aqueles a quem por comodidade chamei clássicos, para se não confundirem com os românticos, archotes a arder —, a síntese nunca é pré-fabricada, mas o resultado imprevisto de uma associação de elementos em que o génio vive paredes meias com a crítica, sem se distinguirem, sem fazerem vidas separadas. Ou nos enganamos muito ou o experimentalismo de não poucos poetas actualmente embriagados com a sua capacidade de proporem e resolverem teses poéticas no que eles julgam sínteses terão o mesmo futuro que Edgar Poe. Pois não serão curiosidade de museu literário quando se verificar, como se verificou, com o autor de *The Raven* e da *Philosophy of Compositions* que neles valia mais o crítico que o poeta, o propositor de teses que o realizador de sínteses? Eis porque ainda hoje se lêem os trabalhos críticos de Poe sobre a poesia, mas quase ninguém lê as suas obras poéticas. Fernando Pessoa, ao traduzi-las, praticou uma espécie de exercício, antestreia do experimentalismo dos nossos dias. Mas Fernando Pessoa só acidentalmente foi um poeta experimental. E ainda bem.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Uma poética em trânsito

por António Ramos Rosa

«A sua voz é a da terra — dali parte, ali regressa».
EUGÉNIO DE ANDRADE

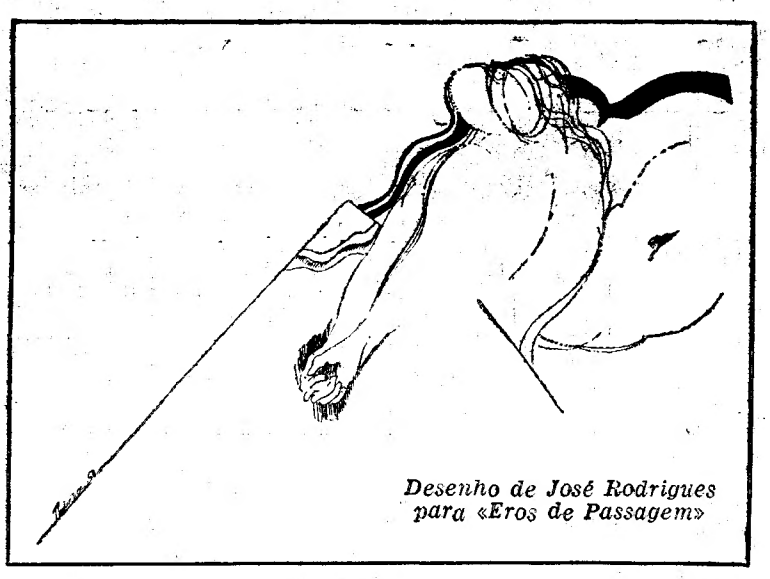
Toda a poesia é a conquista de um solo. Esta afirmação surpreenderá o senso comum para o qual o poeta é um sonâmbulo e um distraído, alheio às coisas do mundo. Na verdade, as coisas tais quais as vê o dito senso não são tais quais as vê o poeta, o senso poético. Porque este — arrisquemos outra afirmação escandalosa para o senso comum — as vê tais como elas são na sua realidade primeira, não segundo uma óptica deformada e gasta, mas restituídas ao seu espaço original. Contudo, o senso comum não deixa de ter aparentemente razão. O sonambulismo do poeta é verdadeiro. É que o poeta talvez comece por perder o chão, a sua primeira qualidade é negativa: ele começa por fazer o vazio à sua volta. Num tempo em que todos nos acotovelamos uns aos outros, havemos de concordar que é uma medida higiénica. A distracção, a evasão, a fuga — estes nomes feios com que o homem prático pretende envergonhar o poeta — *voilá*, exprimem essa rarefacção salutar, o alheamento que precede toda a concentração e que em parte a constitui. Temos todos a capacidade de abolir o mundo por momentos e, nessa medida, todos somos poetas, começamos por sê-lo, embora nem todos tenhamos a coragem de ir até ao fim. O fim é talvez esse mesmo chão donde os pés nunca se evadem, chão que nos surge restituído e purificado pelo poeta, o que nos permite, a todos, poetas e não poetas, uma maior flexibilidade na marcha, uma circulação mais viva. Chegamos assim a uma poética do trânsito e da sua regulação, mas que, evidentemente, nada tem a ver com a regulação do trânsito pròpriamente dito. Adiantemos agora outra afirmação inauditamente escandalosa ainda para o senso comum: a de que o poeta é um fautor de ordem. Bom, não será assim tão escandalosa como tudo isso, já que todos conhecemos o mito de Orfeu, ordenador do caos. E se, aparentemente, a desordem lavra nas poéticas novíssimas, não nos esqueçamos que, mesmo ai, segundo dizem os teóricos do experimentalismo, um máximo de desordem será recompensado por um mínimo de ordem para que o poema se salve de ser apenas um aglomerado de palavras sem sentido. As palavras em liberdade, sim, em total liberdade, flutuando entre o não-sentido e a proliferação de sentidos, essa navegação, como todas as navegações instável e perigosa, levar-nos-á porventura ao tal solo de que falávamos, à tal ordem universal? Estávamos há pouco no elemento sólido e citadino, estamos agora no elemento líquido e marinho. Mas, em qualquer caso, não perdemos de todo o fio do discurso: solo, marcha, circulação, trânsito, regulação, ordem, navegação. Não está nada mal. Voltemos ao princípio, àquele solo que se abandona para voltar depois a ele. E' que a ideia me é grata e como que uma obsessão: a necessidade que sinto de fazer ver ao homem prático que ele é que ainda não descobriu este chão, esta terra, que não a pisa com a pressão voluptuosa e plena de toda a planta do pé, que não habita a terra como o poeta — simplesmente porque nunca se evadiu dela. Vejamos o que Jean-Pierre Richard diz da poesia de André du Bouchet e como este ultimo interpreta o acto poético: «A «resolução», a «decisão resolvida» da poesia consiste... em me enraizar de novo, em me ligar a este mundo de *aqui* e de *agora*, que era de início o meu mundo, e de cuja pobreza eu queria fugir para os problemáticos prestígios de um além: «esse mundo mortal a que (me) encontro, enfim, isto é, de novo, ligado, como na origem, por uma espécie de nascimento, e não pela morte e no termo de um progresso que, parecendo conduzir-(me) ao objecto infalível da (minha) espera (me) conduz de facto — ainda — ao desnudamento irremediável dos dados iniciais a que aderimos da maneira mais rude e mais imediata. «O além é aquilo mesmo que eu sou, a minha existência; e o termo da poesia identifica-se com o seu começo». E Jean-Pierre Richard cita a seguir este passo de um poema de du Bouchet: «Je touche le fonds d'un lit rugueux, je ne commence pas. J'ai toujours vécu». Confrontemos este trecho do poeta francês com dois versos de *Eros de Passagem*, de Eugénio de Andrade:

Nas águas rumorosas da
[memória
contigo acabo agora de
[nascer.

A primeira vista parece não haver qualquer relação entre eles. André du Bouchet afirma: «eu não começo», Eugénio de Andrade diz: «acabo agora de nascer». Um não começo, de um lado; um começo, do outro. Mas, na verdade, a descoberta de que «eu não começo. Eu sempre vivi» é um verdadeiro começo, porque se trata da descoberta do próprio ponto de partida, de um fundo inultrapassável: o poeta acede a uma identidade originária que é, afinal, imediata, o solo áspero donde partiu e a que regressa. O poema descobre assim uma identidade permanente, é um *trajecto* em que se revela a continuidade subjacente: um retorno do mesmo ao mesmo e simultâneamente ao outro que é o mesmo, uma fuga e um regresso, uma evasão e uma tomada de posse. Tal é a dialéctica da própria subjctividade poética.

Mas que nos diz Eugénio de Andrade? Que «acab(a) de nascer» e, no entanto, esse nascimento «dá-se nas águas rumorosas da memória». Nasce renascendo, toca assim o fundo essencial, remoto, originário, mas que sendo outro é esse mesmo *próximo* e *maduro:*

O vento inclina as has-
[tes à luz dura:
A terra é-nos próxima e
[madura.



Desenho de José Rodrigues para «Eros de Passagem»

Regressa-se sempre ao solo de que se parte, mas nunca se regressa definitivamente — a não ser que pretendamos *instalar-nos*, o que, aliás, é impraticável a não ser pela fossilização. Por isso a poesia continua e por isso cada poema é um acto de renovação, um nascimento. Pelo poema vimos ao mundo e, vindo a ele, tocamos *passageiramente* o solo real, permanente. Graças ao poema — *Eros de passagem*, sempre de passagem — podemos ver por momentos o que ninguém viu, essa realidade profundamente comum e imediata, essa aproximação do próximo que é o relevo vivo da distância real que o trajecto poético evidencia — enfim, este unico mundo que se revela e logo a seguir se perde, que se perde sempre até ao próximo poema. Se o poema é o trajecto de um momento, uma ruptura que nos faz «cair sobre os vários solos desde perder o chão repentino sob os pés», como diz Luiza Neto Jorge num poema, é, afinal, para que («quando a face atinge o solo», diz ainda Luiza Neto Jorge) tomemos posse do mesmo solo renovado e simultâneamente, do próprio corpo que adere a esse solo. E Eugénio de Andrade, poeta do corpo no seu esplendor revelado, na sua inocência e alegria, evidencia, como nenhum outro poeta português, essa restituição dos «dados iniciais», em que o desejo se liberta e irradia no espaço:

Um corpo brilha nu pa-
[ra o desejo
dançar na luz a pique
[das areias.

«A pique» — eis a dimensão vertical assumida gloriosamente no espaço sagrado que a nudez desvela. *Areias* — contacto com um solo puro, de que só, descalço, se pode tomar posse. As palavras da tribo purificam-se — nova circulação, novo trânsito, a ordem luminosa que um corpo instaura. Vejamos, é um contacto, um *contacto perfeito*, que o poema nos dá — ou não será poema. Não é então sempre um solo que o poema conquista? Hoje como sempre, e hoje assim, hoje como só hoje e agora, como diz André Breton: «La beauté atteint à cette heure son terme le plus élevé, elle se confond avec l'innocence, elle est le miroir parfait dans lequel tout ce qui a été, tout ce qui est appelé à être, se baigne adorablement en ce qui va être cette fois». O que surge e esplende agora, *tudo o que é chamado a ser, tudo o que vai ser agora*, o próprio acto de viver na sua inocencia:

Apelo da manhã perdido
[em flor,
ave seria se não fosse
[ardor.

---

1 — *Eros de Passagem* é um esplêndido album com um poema de Eugénio de Andrade e desenhos de José J. Rodrigues. Seria extremamente injusto não fazer qualquer referência a estes desenhos de uma qualidade que se nos afigura magnífica. Como, porém, neste comentário livre ao poema de Eugénio de Andrade não o fazemos, porque não nos sentimos qualificados para tal, remetemos o leitor ao texto «De outra maneira», de Eugénio de Andrade, publicado no n.º 517 deste suplemento, de 27 de Junho de 1968.

Bogart revivificado

O EDITOR Éric Losfeld, sempre atento e oportuno, acaba de dar á estampa um álbum dedicado a Humphrey Bogart. E' um volume de 264 páginas e profusamente ilustrado (170 fotografias), dirigido por Bernard Eisenschitz. Nele se reunem testemunhos e documentos diversos sobre a vida e obra do velho Bogie, tornado vedeta em caixa alta do universo mitológico do cinema.

Porquê este súbito entusiasmo pelo actor falecido há onze anos?

Os sociólogos terão dificuldade em explicar. Aliás, a explicação do verdadeiro culto de que Humphrey Bogart tem sido objecto nestes ultimos anos não se afigura fácil. Nem de perto nem de longe Bogart corresponde á imagem do herói cinematográfico proposta pela máquina de Hollywood: coração de ouro, brilhantina no cabelo, rosto de bilhete-postal. Muito pelo contrário, o nosso Bogie terá quando muito adquirido a dimensão mítica do bom vilão — ou do anti-herói. De beata pendente ao canto do lábio, gabardina desbotoada, chapéu mole colocado ás três pancadas ou negligenciado nos dedos, um ar gasto e sofrido pela doença e pelo álcool, Bogart garantiu a legenda de homem duro, pouco inclinado ao sentimentalismo, cínico profissional, conflituoso e violento — mas amarrotado, como que distante das acções que se vê obrigado a praticar. Assim, a sua obstinada tenacidade é mais o reflexo de um fatalismo em sentido unico (para trás as portas ficam fechadas; o regresso é impensável) do que o produto de uma opção determinada: ele não provoca a acção, é arrastado pelas circunstancias. Herói desencantado e á *contre-coeur*, que há nele de particularmente vivaz? O olhar e o sorriso — armas de ataque e simultâneamente a sua máscara protectora.

Eis no rosto de Humphrey Bogart o seu riso de lobo, casquinado, cortante; o inimigo não poderá contar com a sua piedade. Nem mesmo, por vezes, a mulher amada: em *The Maltese Falcon* não o entrega á polícia?

Eis no rosto de Humphrey Bogart o seu olhar altivo, com instantes de desespero e de espanto, também de lassidão, por vezes nauseado, mas atento, lucido, austero: sob o aço frio e calmo tenta esconder a angustia e a incerteza e o bruxulear de uma amizade secreta e desenvolta.

«Este detective» — escreve Pierre Marcabru — «nada mais tem a descobrir, e mesmo em *The Big Sleep* não passa de um amador de almas, um mergulhador das profundezas, um psiquiatra perante a loucura. Que outra coisa é ele em *The Barefoct Contessa?* — um homem a quem os outros falam».

Aqui está: um homem a quem os outros falam. Não já, portanto, a imagem tradicional do «gangster», do aventureiro, do detective, simples objecto obrigado á eficiência — e só a ela. Um homem a quem os outros falam: um «duro» disfarçado.

Bogart: a fragilidade sob a dureza

Uma personagem excepcional? Sim, mas pelo negativo! em vez do herói com os clássicos atributos míticos, um homem como todos, sem magnificência.

Surgido nos «belos dias» do cinema negro, no cinismo desencantado do pós-guerra, Bogart acaba por vir ao encontro sensível das gerações que vêem nele não um reflexo saudosista mas uma presença revivificada: a sua autenticidade consiste mais na fragilidade que deixa adivinhar perante a triste comédia humana do que na dureza programada da sua actuação. Quer dizer: nele o actor nunca trai o homem porque nunca o consegue esconder por inteiro. E o homem, esse, consubstancia uma angustia existencial e ao mesmo tempo uma proximidade humana que encontram hoje, não por acaso, uma intensa receptividade. Em Nova York, como em Londres, como em Paris, organizam-se ciclos dos seus filmes, a juventude contempla os seus cartazes, os editores consagram-lhe livros. Nova proposta de consumo? Não apenas. Antes um alimento de novo tornado necessário.

A edição de Éric Losfeld é bem a prova.